



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-
AMERICANOS (PPG IELA)**

**BIOGRAFIA DE NENA LEONARDI (1942-2002): ARTISTA E PEDAGOGA DO
DESLUMBRAMENTO**

AMANDA BATISTA SOUZA

Foz do Iguaçu

2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-
AMERICANOS (PPG IELA)**

**BIOGRAFIA DE NENA LEONARDI (1942-2002): ARTISTA E PEDAGOGA DO
DESLUMBRAMENTO**

AMANDA BATISTA SOUZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

Orientador: Prof. Dr. Cristiane Checchia

Foz do Iguaçu

2024

AMANDA BATISTA SOUZA

**BIOGRAFIA DE NENA LEONARDI (1942-2002): ARTISTA E PEDAGOGA DO
DESLUMBRAMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Cristiane Checchia
UNILA

Prof. Dr. Andrea Ciacchi
UNILA

Prof. Dr. Francisco Foot Hardmann
UNICAMP

Prof. Dr. Rosângela de Jesus Silva
UNILA

Foz do Iguaçu, 30 de agosto de 2024.

FICHA CATALOGRÁFICA EMITIDA PELA
BIBLIOTECA DA UNILA

S729

Souza, Amanda Batista.

Biografia de Nena Leonardi (1942-2002): artista e pedagoga do deslumbramento / Amanda Batista Souza. - Foz do Iguaçu, 2024. 185 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos. Foz do Iguaçu-PR, 2024.

Orientador: Cristiane Checchia.

1. Leonardi, Nena - Biografia. 2. Educadora brasileira. 3. Artista brasileira.
4. Arte na educação. I. Checchia, Cristiane. II. Título.

CDU 929Leonardi

AGRADECIMENTO

O caminho até aqui só foi possível pois nele encontrei pessoas para partilhar do meu sonho em me tornar mestra, que na minha trajetória representa mais que um título acadêmico, fala das gerações de mulheres da minha família e sobre o que elas fizeram para eu chegar até aqui.

A começar da minha mãe, que sempre amou estudar e inspirou com seu exemplo, ainda que tenha parado os estudos para trabalhar como empregada doméstica, mais tarde voltou para a sala de aula e concluiu o Ensino Médio. Inspirada na minha avó, que seu maior sonho foi aprender a ler e escrever, mas não conseguiu realizá-lo. Estou aqui por essas mulheres e o que elas fizeram para isso ser possível.

Ao meu esposo, que sempre foi companheiro e parceiro nos momentos alegres e desafiadores que encontrei na pesquisa. Meu confidente diário, agradeço seu incentivo, paciência e escuta todos os dias desses dois anos. Aos familiares e amigos que estavam sempre interessados e felizes compartilhando esse momento comigo. Minha psicóloga que acolheu meu momento mais difícil.

Meus colegas de jornada, muito obrigada pelos momentos de acolhimento e desabafo, a conexão e os laços que criamos foram fundamentais para tornar esse momento mais leve. Corajosamente e no lugar de muitos privilégios decidimos estudar no momento mais difícil para o mundo deste século: a pandemia. Um ato que considero ser de sobrevivência, acreditando na ciência quando muitos não o fizeram e de esperança que isso tudo passaria e sairíamos mais fortes desse momento histórico.

De forma carinhosa agradeço a família Leonardi, que abriu a câmera em suas casas e o coração de suas vidas para compartilhar as histórias vividas com Nena Leonardi que lhe são tão caras. Aos amigos da família meu muito obrigada por terem sido gentis e solícitos durante a pesquisa, agradeço ter encontrado pessoas tão inspiradoras.

Por fim agradeço aos meus orientadores Andrea e Cristiane, obrigada por pacientemente me inserirem na vida acadêmica de maneira tão gentil. Isso é tão raro. A forma como conduziram, um no início e o outro no final, trouxe amadurecimento e pertencimento para minha trajetória acadêmica.

*A flor que desabrocha na adversidade é a mais rara e
bela de todas.
Mulan*

RESUMO

Tendo como base os relatos de familiares, alunos, colegas e amigos, e documentos guardados da artista e arte-educadora brasileira Nenilda Marinheiro Leonardi, conhecida como Nena Leonardi (1942-2002), essa pesquisa busca dar visibilidade às contribuições de seu trabalho no campo das Artes visuais e enquanto professora e pesquisadora da Universidade pública brasileira. Para tanto é utilizada uma abordagem que permite a aproximação com as suas vivências e subjetividades sem, necessariamente, nos proporcionar respostas objetivas, mas sim reflexões sobre os modos em que contextos sociais constroem singularidades, especialmente da mulher enquanto artista, professora, mãe e esposa diante das demandas de seu tempo. O fio condutor inicial desta reconstrução são as memórias do historiador, poeta, escritor e professor Víctor Leonardi (1942) com quem Nena foi casada desde sua juventude. O trabalho pouco conhecido de Nena Leonardi mostra-se aqui em suas diferentes facetas, tanto enquanto resistência durante o período de ditadura militar, quanto na importância para o ensino e a disseminação da arte-educação no país.

Palavras-chave: Arte-educação, Artista brasileira, Biografia, Ensino de Artes

ABSTRACT

Based on the accounts of family members, students, colleagues, and friends, as well as preserved documents of the Brazilian artist and art educator Nenilda Marinheiro Leonardi, known as Nena Leonardi (1942-2002), this research aims to bring visibility to her contributions in the field of Visual Arts and as a professor and researcher at a Brazilian public university. To this end, an approach is employed that allows for a close connection with her experiences and subjectivities without necessarily providing objective answers but rather reflections on how social contexts shape individualities, especially in the context of a woman as an artist, teacher, mother, and wife amid the demands of her time. The initial guiding thread of this reconstruction is the memories of the historian, poet, writer, and professor Victor Leonardi (1942), with whom Nena was married since her youth. Nena Leonardi's little-known work is revealed here in its different facets, both as a form of resistance during the military dictatorship and in its importance for the teaching and dissemination of art education in the country.

Keywords: Art Education, Brazilian Artist, Biography, Art Teaching

RESUMEN

Basado en los relatos de familiares, alumnos, colegas y amigos, y en documentos guardados de la artista y educadora artística brasileña Nenilda Marinheiro Leonardi, conocida como Nena Leonardi (1942-2002), esta investigación busca dar visibilidad a las contribuciones de su trabajo en el campo de las Artes Visuales y como profesora e investigadora en una universidad pública brasileña. Para ello, se utiliza un enfoque que permite acercarse a sus vivencias y subjetividades sin necesariamente proporcionar respuestas objetivas, sino más bien reflexiones sobre los modos en que los contextos sociales construyen singularidades, especialmente en el contexto de una mujer como artista, profesora, madre y esposa ante las demandas de su tiempo. El hilo conductor inicial de esta reconstrucción son las memorias del historiador, poeta, escritor y profesor Victor Leonardi (1942), con quien Nena estuvo casada desde su juventud. El poco conocido trabajo de Nena Leonardi se muestra aquí en sus diferentes facetas, tanto como resistencia durante el período de la dictadura militar como en su importancia para la enseñanza y la difusión de la educación artística en el país.

Palabras clave: Educación artística, Artista brasileña, Biografía, Enseñanza de Artes

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nena pintando artdoor.	38
Figura 2 – Artdoor em Recife.	38
Figura 3 – Diário da Nena.	40
Figura 4 – Página do diário.	40
Figura 5 – Página do diário.	40
Figura 6 – Panfleto grupo fermenta.	42
Figura 7 – Panfleto grupo fermenta.	46

LISTA DE OBRAS

Quadro 1 – Sem título.	44
Quadro 2 – Sem título.	44
Quadro 3 – Sem título.	45
Quadro 4 – Sem título.	45
Quadro 5 – Sem título.	45
Quadro 6 – Sem título.	45
Quadro 7 – Sem título.	47
Quadro 8 – Sem título.	47
Quadro 9 – Sem título.	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PEDAGOGA DO DESLUMBRAMENTO	19
2 ARTISTA DO INVISÍVEL	35
3 POR OUTRO OLHAR	58
3.1 Do interior de Goiás para o exílio	59
3.2 Enfrentamentos	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE 1- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	87
ANEXO I - OBRAS DE NENA LEONARDI.....	162
ANEXO II - FOTOGRAFIAS.....	185

INTRODUÇÃO

Sempre idealizei a escrita biográfica como uma trajetória linear na qual o escritor entrava em contato com a história do pesquisado e relatava belamente seus triunfos e fracassos de tal forma que cativaria o leitor do outro lado. Essa idealização surgiu, provavelmente, de meu imaginário infantil formado nas histórias que minha mãe lia nos fins de tarde depois de ela arrumar a casa quando eu era pequena, com a intenção de me introduzir o gosto pela leitura.

A medida que fui crescendo, essas leituras, agora escolhidas por mim, eram tele novelísticas com dramas e paixões não correspondidas, até chegar às leituras mais recentes da vida adulta, que antes de entrar na pós-graduação, eram autobiografias de mulheres da política ou empreendedoras de sucesso. Mas o fato é que, por algum desses motivos, quando decidi concorrer ao processo seletivo do mestrado, não tinha outro tema de pesquisa possível se não contar a história de alguém, mesmo que seja um artista viajante do século XIX se aventurando da Europa para as Américas, como foi o caso do italiano Alessandro Cicarelli (1811-1879), cuja trajetória eu pretendia investigar quando ingressei neste Programa de Pós-Graduação.

Já ao longo do primeiro semestre de curso, foram caindo-me algumas fichas sobre o que não era uma pesquisa, que por mais óbvio que pareça quando estamos finalizando o curso, ou quando já fazemos parte da “vida acadêmica”, no meu caso não foi. Sou a primeira mulher da minha família a ingressar na pós-graduação de uma universidade pública, e isso significa que antes não tinha nenhum contato com a pesquisa e pouco sabia sobre, a não ser pela idealização de como pesquisadores vivem (como no *meme* do Globo Repórter “ O que comem? ” “Onde vivem? ” “O que fazem? ”). De onde vim, de certa forma, ser um pesquisador é ser um animal exótico com tudo o que ele representa. O que se dirá de um pesquisador biográfico?

Por mais referências que eu supunha que possuía, minha ideia sempre foi realizar uma pesquisa autoral e uma forma autêntica de escrita ainda que sobre um homem do século XIX. Quando ouvi falar sobre Nenilda Marinheiro Leonardi (Nena) (1942-2002), através de meu primeiro orientador Andrea Ciacchi, que tinha um grande amigo em comum com Victor Leonardi, esposo de Nena, Francisco Foot Hardman, as imagens de suas obras me causaram uma emoção tão grande, que mesmo sem levar em conta a viabilidade da

pesquisa, eu queria entender como aquela mulher se tornou artista e por qual motivo sua obra e trajetória não eram conhecidas. Essas duas perguntas foram o pontapé inicial da pesquisa.

Desde esse início apresentou-se o primeiro desafio metodológico: todos que conheceram a Nena e que teriam algo a dizer sobre ela estavam em cidades completamente diferentes, o que inviabilizou a preciosa -e idealizada por mim- visita a campo, em seus moldes etnográficos e antropológicos, que era como eu imaginava minha pesquisa desde o início: viajar e ouvir histórias. “Que sonho!”. Pois bem, como isso não foi possível, agendamos entrevistas virtuais. Um a um dos familiares, amigos e alunos de Nena com quem tive contato mostraram-se relevantes para a pesquisa e foram entrevistados. A começar pelo seu esposo Victor Leonardi, que narrou em longas entrevistas a vida do casal em sua perspectiva.

As entrevistas duraram alguns meses, e eu revezava o tempo de trabalho entre entrevistar e transcrever cada uma delas, que puderam ser gravadas graças à maravilha da tecnologia. Sem dúvida, caso as entrevistas ocorressem pessoalmente seria completamente diferente, e não imagino como seriam as gravações e como selecionar essas informações depois. Bem, provavelmente com a boa e velha caderneta de anotações.

A partir das indicações de Victor Leonardi, Juliana Leonardi (filha do casal) e sugestões de amigos se formou a lista de pessoas entrevistadas que ficaram distribuídas da seguinte forma: filhos de Nena Leonardi- Rodrigo Leonardi e Juliana Leonardi; amigos de Nena e Victor Leonardi (professores e colegas da Universidade de Brasília- UNB)- Deis Elucy Siqueira, Francisco Foot Hardman, Tânia Montoro, Teresinha Ribeiro e Raul Córdula; alunas de Nena na UNB- Fernanda Cabral, Luciana Fagundes e Luciana Mesquita; alunos de Victor Leonardi na UNB- Isabella Fagundes e Isaque de Carvalho.

A estrutura das perguntas foram pensadas a partir do meu problema inicial de pesquisa que era se Nena era considerada uma artista, e demais perguntas foram sugestões do próprio Victor ou dos outros entrevistados considerando temas que foram relevantes para a vida artística e profissional da Nena, além de relatar situações que demonstram um pouco de sua personalidade. Para cada entrevistado elaborei cerca de dez perguntas, e a média das conversas online duraram cerca de uma hora.

Sou consciente de que o fato de essas entrevistas ocorrerem de forma online é um facilitador de controle das informações, porém, não considerei isso algo mais fácil, pois não tenho o controle da narrativa, como seria se tivesse que contar a vocês através das minhas

percepções se somente eu tivesse ouvido. Já que elas se encontram transcritas nos apêndices desta pesquisa.

O momento da dissertação onde ficariam as entrevistas que realizei para a pesquisa foi meu segundo e talvez maior desafio, em relação ao qual cheguei a um consenso com minha segunda orientadora Cristiane Checchia. Tive uma grande dificuldade em aceitar que deveria contar minhas percepções sobre a trajetória de vida da Nena. Quantas mulheres conheço que sonham em fazer mestrado, mas têm medo de não serem suficientemente perfeitas e de não darem conta de escrever uma linda pesquisa? Fora isso, o processo é cheio de construções e desconstruções do que idealizamos como caminhos metodológicos possíveis para uma pesquisa.

Pois bem, achei que iria pesquisar mas que não iria aparecer, que minhas interpretações seriam imperceptíveis. Hoje, vejo completamente diferente e não considero possível um pesquisador se manter imparcial em sua pesquisa, não é possível inclusive, pois não somos alheios aos motivos pelos quais fomos levados ao que pesquisamos. De muitas formas somos levados a refletir sobre nossas trajetórias pessoais, e se não fosse assim, por qual motivo um biógrafo escolheria fazer o que faz? Temos feito isso há séculos como sociedade.

A estrutura da dissertação foi definida e os capítulos iniciais seriam uma colcha de retalhos de percepções, pesquisas, entrevistas e material que foi disponibilizado pelo Victor Leonardi logo após a qualificação. Tive acesso aos materiais físicos, como cartas, documentos de obras de arte e acadêmicos ao final do tempo ideal de pesquisa que são os dois anos e pedi prorrogação do prazo para entregar uma pesquisa mais completa e coesa. Como falei há pouco, toda idealização de linearidade para essa pesquisa teve de ser redefinida.

Aqui entramos no terceiro desafio, que foi selecionar quais informações dessa grande pasta vermelha escolar cheia de documentos marcados pelo tempo que chegou até minhas mãos pelos correios seriam relevantes. Precisei olhar para esse material e afastar-me do sentimento de pesquisadora iniciante compulsiva, que queria escanear tudo e colocar aqui no apêndice, uma vez que me via muito responsável por eternizar esses papéis, alguns deles datando de mais de 50 anos atrás. Precisei tomar distanciamento de algumas boas semanas para me acostumar com o material e selecionar apenas o que seria relevante para evidenciar a Nena enquanto educadora e artista. Uma tarefa que considerei profundamente complexa. Como eu poderia escrever sua biografia e escolher o que seria

ou não relevante para a pesquisa? Nesse momento, lembro que escolhi contar sua trajetória a partir do recorte da arte e educação. E, essa foi a resposta para solucionar esse desafio.

O quarto desafio posso dizer que abarca todos os outros e considero o mais sensível que é contar a trajetória de uma mulher que nasceu no interior de Goiás passou pela ditadura recebendo um pedido de prisão, viajou por vários países do continente até chegar na Paris dos anos 70, pintou obras formidáveis de uma complexidade visual impressionante, foi considerada uma professora universitária revolucionária por seu método de ensino e, no entanto, sobre quem não há praticamente nada escrito. Não encontramos registros nos sites de busca ou plataformas de pesquisa nacionais. Ninguém até o momento havia se proposto pesquisar sobre ela, e a menos que Victor Leonardi e sua filha Juliana Leonardi montassem um arquivo de PDF com um pequeno resumo de sua vida e com imagens de suas obras para enviar aos amigos em comemoração aos 20 anos de seu falecimento, jamais a conheceria. Então, selecionar os materiais para a realização dessa pesquisa foi de longe o maior desafio que atravessei até agora na minha trajetória acadêmica. Uma empreitada desafiadora, que atravessei em muitos dias inspirada e motivada com a história da Nena e com o desejo de compartilhar ela com o mundo, mas também em inúmeros dias perplexa, e com pensamentos de auto sabotagem de que eu não daria conta de finalizar essa pesquisa sozinha.

Tentei me imbuir referencialmente de autoras como Ana Paula Cavalcanti Simioni, Lilia Moritz Schwarcz, Elizabeth Jelin e Suely Kofes que em suas experiências enquanto pesquisadoras trazem um relato sincero e empático sobre os desafios da escrita biográfica nas mais distintas situações e me trouxeram grandes reflexões nos momentos que me senti perdida e solitária onde as letras não formam palavras capazes de comunicar o que estava vendo e sentindo. Me vi diversas vezes conversando com a Nena em pensamentos. Uma experiência singular na qual você conhece alguém que de fato nunca conheceu, fala sobre essa pessoa, vive a vida dela sem mesmo saber qual o som da sua voz, e tendo que se perguntar inúmeras coisas sobre sua vida que não possuem respostas... Eu perguntava: "Nena, o que eu falo? ""Como você gostaria? ", "O que acha disso? " Uma pesquisa com viés biográfico, é uma das experiências mais imersivas que um pesquisador pode viver.

Ana Paula Cavalcanti Simioni (SIMIONI, 2004) foi a primeira leitura orientada, quando decidi pesquisar a trajetória de uma mulher artista. O fato de sua pesquisa se concentrar no século XIX e também em artistas que não conheceu e sobre as quais encontram-se pouquíssimos documentos de suas vivências, foi por diversas vezes acalentador: saber que outras pesquisadoras passaram por caminhos semelhantes me

gerou certa empatia. Eu, pelo menos, pude contar com as entrevistas, ainda que sem documentos científicos publicados ou pesquisas já feitas por outras pessoas sobre a Nena.

A Lilia Moritz Schwarcz vem de um lugar que na academia conhecemos bem, que é de admiração e distanciamento pelo trabalho tão magnífico e grandioso que ela faz. Por tratar-se de uma pesquisadora de grande renome da biografia, parece humanamente impossível para quem está começando, desempenhar um papel similar. Ainda assim, houve uma aproximação por seu texto sobre “biografia como gênero e problema” quando ela traz a comparação sobre pesquisar Dom Pedro e Nina Rodrigues, especialmente sobre os desafios que teve com o texto de Nina. Aqui, Lilia Schwarcz me faz sentir em uma roda de conversa entre pesquisadores onde ela “desabafa” sobre o convite de pesquisar uma pessoa cuja trajetória não era querida pelos que já conheciam, mas a importância de identificação (SCHWARCZ, 2013) com quem se está pesquisando. Algo que acalmou os ânimos, pois muito ouvi sobre distanciamento, o que evidentemente para mim não fazia sentido, pois escolhi pesquisar sobre Nena e não continuaria se não me identificasse com ela.

Elizabeth Jelin foi uma leitura reveladora que me levou para um lugar que tocou em questões muito pessoais que precisei levar para a análise em seu texto “familia y unidad doméstica: mundo público y vida privada” (JELIN, 2020). Por esse artigo, percebi que não estava preparada neste momento para me aprofundar nos debates sobre as relações familiares, que de uma forma muito vulnerável relato aqui, e levanto a questão sobre os limites emocionais que o pesquisador precisa enfrentar sobretudo quando se trata de família e seus possíveis gatilhos durante uma pesquisa tão imersiva quanto foi a minha. Porém, tudo isso não me “afastou” de sua referência já que em seu texto “El tiempo biográfico y el cambio histórico”, as reflexões sobre o uso de histórias de vida considerei relevante para a pesquisa. Me identifiquei com a sensación “*de descontento teórico y metodológico*” (JELIN, 2020) dada a forma como minha pesquisa foi nascendo e se desenvolvendo de forma completamente distinta.

A biografia de Consuelo Caiado escrita por Suely Kofes, trouxe uma aproximação por pesquisar uma mulher que tem seu nome atrelado à fama de um homem da família, que no caso da Nena é seu esposo Victor Leonardi, e também por se tratar geograficamente de lugares similares (interior de Goiás). Seu objetivo foi fazer da intenção biográfica um exercício etnográfico (KOFES, 2001), essa intenção biográfica se conecta diretamente com a minha maneira de conduzir a escrita. Digo que tenho a intenção de fazer uma pesquisa biográfica, mas estou colhendo elementos que me digam quem era a Nena, se de fato ela

foi uma artista, e como desenvolveu sua pedagogia do deslumbramento, mas não é a Nena quem está narrando, ainda que o fosse, seria um olhar interno e uma narrativa sobre as muitas que ela poderia escolher falar. Nessa pesquisa faço o exercício de observar, anotar, escrever e tentar não enviesar questões do meu tempo em sua trajetória.

Foi depois de entrar em contato com o texto da Suely Kofes, que de fato entendi a importância da minha escrita e do meu olhar sobre a Nena: organizar em palavras de um texto a forma como vejo sua trajetória. Até então, eu ainda não estava convencida de que minha interpretação deveria estar ao lado a de todas as pessoas que a conheceram pessoalmente e fizeram parte de sua vida. Durante boa parte da pesquisa tive uma crise de identidade enquanto pesquisadora, sobre o lugar que deveria ocupar em uma escrita biográfica, possivelmente pelas referências de leituras de livros biográficos nos quais a pessoa encomenda a escrita de sua própria história de forma que pareça que foi ela que escreveu (só mais tarde entendi e me dei conta disso). Novamente uma visão romantizada e incorreta da pesquisa acadêmica.

Por fim, essa foi a forma que encontrei de realizar a escrita biográfica, consciente de que teriam outras possíveis, mas foi essa que fez sentido nesse momento. Desejo que o leitor encontre coesão nos caminhos que escolhi para contar a trajetória de Nena Leonardi, sabendo de todas as limitações que encontrei no caminho mas também do desejo de propiciar que mais pessoas conheçam sua história. Poucas pesquisas biográficas são feitas sobre mulheres universitárias em nosso país, justamente pelo fato de serem poucas as que conseguem conciliar as múltiplas tarefas que lhes são impostas social e culturalmente. Desejo com essa escrita que mais uma pesquisa seja publicada para aumentar o número de publicações do gênero. Mas, especialmente, meu maior desejo é que esta pesquisa também possa contribuir de algum modo para que Nena receba o reconhecimento pelo trabalho que desempenhou como professora, artista e arte-educadora ao longo de sua vida.

No primeiro capítulo trago sua trajetória enquanto educadora. Formada em Pedagogia, Nena esteve a maior parte de sua vida ensinando jovens e adultos, passou por distintas áreas da educação e se aposentou como professora universitária. No decorrer do capítulo encontramos depoimentos de alunos e colegas que entrevistei e que contam o importante papel que Nena teve em suas vidas, e como o método que desenvolveu, a Pedagogia do Deslumbramento, impactou as turmas dos cursos de arte da Universidade de Brasília que lecionou.

O segundo capítulo fala do caminho que Nena percorreu para encontrar sua forma de expressão e de conexão com a arte. Uma artista que enxergava no abstracionismo o

que a maioria das pessoas não é capaz de ver: o macro e o micro. Em suas obras ela desenha elementos da natureza dos céus e da terra, e se mostra sensível a isso. Neste capítulo também busco entender os desafios que Nena enfrentou na carreira artística e como seu lugar enquanto mulher influenciaram nisso.

O terceiro capítulo, que na verdade foi o primeiro a ser escrito, é a entrevista que realizei com Victor Leonardi, esposo de Nena, para conhecer sua história a partir de sua narrativa, quando ainda não havia tido acesso aos materiais que Nena escreveu. Dessa forma transcrevo a entrevista na terceira pessoa, pois foi preparado para ser o primeiro capítulo. Quando entrei em contato com o material que havia sobre a Nena que o próprio Victor enviou, decidi manter seu relato, mas agora no terceiro capítulo.

Minha ideia aqui é que o leitor tenha a sensação de estar lendo um livro em duas versões, como aqueles que viramos o lado, onde nos dois primeiros capítulos temos a construção que fiz a partir das cartas, diário, currículo e entrevistas de familiares e amigos de Nena, e no segundo lado temos a história da Nena narrada por Victor, contando os detalhes de cada um dos lugares e momentos que viveram juntos.

Após a conclusão, nos anexos, podemos encontrar todas as entrevistas transcritas na íntegra, suas 23 obras de arte e uma galeria de fotos que foi fornecida pela família para dar imagem e cor ao que foi narrado ao longo do texto.

Boa leitura!

1 PEDAGOGA DO DESLUMBRAMENTO

Neste capítulo procurei focar a trajetória docente e acadêmica de Nena Leonardi até o que considere ser o ápice de sua carreira como educadora, que foi a consolidação e sucesso do método de ensino chamado por ela e pela família de Pedagogia do Deslumbramento, implementado em suas aulas para os cursos de arte da Universidade de Brasília (UNB), onde trabalhou até a aposentadoria. Porém, acho importante “começar desde o começo”. Depois de muitas entrevistas e de pesquisa nos materiais que foram fornecidos por seu esposo, ficou claro que Nena chama de trabalho a função que executava como professora nos distintos momentos e lugares em que atuou e não suas fases como artista. À procura de certa estabilidade profissional, ela prestou alguns concursos para lecionar e sempre esteve às voltas da academia, algo que vou detalhar mais à frente. Nesse momento, tento trazer o percurso profissional e acadêmico que moldou a Pedagoga do Deslumbramento da UNB.

Em entrevista, Victor Leonardi conta informações que repito aqui para contextualizar o leitor sobre o início de sua vida. Nena nasceu em 1942, em Anápolis, interior de Goiás, sua mãe Néscia Garcia foi professora de escola primária no município. Com 11 anos, Nena completou o primário e se mudou para São Paulo, capital, para estudar no colégio interno de freiras Santa Marcelina. Após concluir o ginásio, seu pai, Nivaldo Marinheiro que era comerciante atacadista de cereais em Anápolis, quis que continuasse estudando em São Paulo e ela optou pelo curso científico pensando em prestar vestibular para medicina, foi matriculada no Colégio Bandeirantes, onde finalizou seus estudos enquanto morava com uma tia.

Ao final do curso científico desistiu de ser médica e voltou para casa de seus pais para prestar o vestibular de pedagogia. Em 1961, mudou-se para a cidade de Goiânia e começou a cursar Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Goiás no ano de 1965. Retornou a Anápolis para desempenhar a função de professora no Colégio Estadual José Ludovico de Almeida em 1 de março de 1965. Em carta enviada a Victor Leonardi, seu namorado na época, em 08 de março de 1965 ela escreve:

Querido, vou escrever pouquinho porque tenho de preparar aula para hoje, e como o Ayrton disse que voltaria para São Paulo hoje ainda, eu resolvi escrever para você.

Acabei de voltar do Colégio Estadual, e além de lecionar Filosofia e História da Filosofia, colocaram-me para dar aulas de História Administrativa e Economia do Brasil, para o 2º Comércio. Estive correndo o dia todo atrás de livros para preparar esta aula e estou atarefadíssima pois hoje vou dar 5 aulas (das 7 às 11 da noite).

Dois dias depois, 10 de março de 1965, ela envia outra carta complementando essas informações:

Só faço isto por carta, portanto vou contar-lhe tudo: como disse na carta do Ayrton eu estou lecionando Filosofia para o 1º, 2º e 3º clássico, História da Filosofia para o 2º Clássico e História Econômica e Administrativa do Brasil para o 2º Comércio. Esta última matéria não é minha e quando aqui cheguei já estava incluída em meu horário para completar o número de aulas exigidos pela nomeação. A princípio fiquei apavorada por falta de conhecimentos, mas, estudei bastante e estou me saindo bem. Além dos livros didáticos do Hadock Lobo e Taunay, estou preparando muitas aulas pelo livro "História Econômica do Brasil" de Caio Prado Júnior. O livro é um espetáculo pois ele avalia todo problema econômico do Brasil desde fatos anteriores ao descobrimento que influenciaram na Economia Brasileira. É um livro que você vai gostar muito e já fica para nossa biblioteca!

A próxima carta é do ano seguinte, 5 de setembro de 1966, assim como nas outras duas, Nena escreve sobre como está se sentindo e sobre os dias como professora na escola:

Tenho trabalhado bastante e estes dias então, corrijo provas até tarde da noite. Eu e mais três colegas, estamos com vontade de fundar um cursinho para vestibular de Direito e filosofia. Seria um cursinho intensivo que funcionaria à tarde, até 30 de novembro. Vamos ver se conseguimos bons professores de Física, Química, Matemática e Biologia porque assim funcionaria também para Medicina, Engenharia, Odontologia, Farmácia, etc. A ideia é boa, vamos ver se dá certo. Embora eu tenha trabalhado demais, pois lecionei Lógica e Psicologia, tenho ânimo e esperança de tudo sair bem.

As três cartas nos mostram como se deu sua formação inicial. Nena, que conheceu Victor Leonardi no período em que estudava no Colégio Bandeirante em São Paulo, no qual ele também se preparava para ingressar no curso de medicina, quando voltou para Goiás continuou o namoro à distância. Em 4 de março de 1967, aos 25 anos, casou-se com Victor numa cerimônia religiosa na cidade de Anápolis. O que parecia um final feliz de contos de fadas virou um verdadeiro filme de suspense quando na saída da igreja eles foram informados a respeito do pedido de prisão para Nena Leonardi. Naquele período, ela dava

aulas sobre filosofia no colégio estadual e compartilhava livros como Sartre e Simone de Beauvoir, considerados subversivos para o regime político da época: a Ditadura.

Para fugir do pedido de prisão, Nena embarca com Victor, seu a partir daquele momento esposo, em uma estrada que não sabiam onde os levaria. Como muitos fugitivos e exilados pela repressão política no Brasil, eles fizeram o único caminho que parecia mais viável e econômico no momento, atravessaram a fronteira para a Bolívia com a ideia de viajar por terra até o México, em busca do sonho de cursar mestrado no país. Sem roteiro, apenas fazendo amizades nas universidades e cidades locais, eles passam por toda América Latina e Caribe de trem, ônibus, caminhão, navio, etc. Essa história mais detalhada, vou deixar que o próprio Victor conte no terceiro capítulo, pois aqui meu foco é tentar traçar uma narrativa linear contando a trajetória profissional e acadêmica da Nena com todas as informações que consegui encontrar.

Após meses pela América Latina, chegam à Europa em Paris no ano de 1968 e se matriculam no curso na Alliance Française para aprender francês. No Curriculum Vitae que Nena elaborou para concorrer à bolsa de um projeto de pesquisa para a UNB (sobre o qual falarei mais a frente) utilizo o documento para basear a redação sobre sua trajetória, Nena conta que atuou de 1969 a 1972 como coordenadora-chefe do Setor de Educação Permanente, órgão filiado à UNESCO, para alfabetização de trabalhadores imigrantes. Durante esse período, organizou e desenvolveu métodos e técnicas para os cursos ministrados para trabalhadores portugueses, argelinos e espanhóis no “*Foyer des Travailleurs Migrants*” na cidade de Sucy-en-Brie, na região parisiense de Val de Marne. Também durante o mesmo período, foi responsável pelo treinamento de professores franceses para atuarem em 24 cursos de Educação Permanente da Cimade, instituição sem fins lucrativos, localizada na região parisiense, Lyon, Strasbourg e Marseille.

Apesar dos meses em trânsito pela América sem destino aparente, podemos observar que a chegada em um país desconhecido em um idioma estrangeiro, Nena retomou rapidamente a dedicação profissional que possuía no Brasil. Não tenho informação de como se deu o caminho para conseguir esses trabalhos, mas o fato é que para um imigrante que chega a Paris (THIOLLENT, 1998) em um período de grande tensão política, especialmente acadêmica por parte dos estudantes universitários pelas ruas em manifestações, esse cenário não parece ter assustado Nena. Os anos que passou em Paris foram promissores para sua carreira e fundamentais para as oportunidades e escolhas profissionais seguintes.

Nena continua contando sobre suas experiências ainda em Paris no currículo. Participou da edição “*Premiers Contacts*” sobre Educação Permanente, para a “*Rádio e Televisão Escolar do Ministère de l’Education Nationale - Office Français des Techniques Modernes d’Education*”. Escreveu uma série de artigos publicados no Jornal Alpha Lien da Cimade. Fez parte do grupo de pesquisa dos alunos de pós-graduação do Departamento de Educação Permanente da Universidade de Paris X (Nanterre), onde o objetivo era fornecer orientação didática para o desenvolvimento de cursos audiovisuais de “Introdução ao ensino da Matemática Moderna”. Ela demonstrou um forte interesse por tecnologias e audiovisual. Em 27 de janeiro de 1969, realizou um curso introdutório às técnicas audiovisuais (gravação de som, fotografia e edição) duas manhãs por semana por três meses no *Centre D’ Études Pédagogiques* de Paris.

Em 1970, nasceu o primeiro filho do casal Rodrigo Leonardi e em 1971, ela ingressou no mestrado. Em 26 de junho de 1973, Nena recebeu o título de *maîtrise de Sciences de l’ Education* da *section des Sciences de l’Education, U.E.R. de Psychologie et Sciences de l’ Education* da Universidade de Paris X, defendendo sua dissertação “*Une expérience architecturale et pédagogique en milieu scolaire*”. Infelizmente, não foi possível encontrar o conteúdo e a pesquisa completa da dissertação. Em seu currículo, ela diz que a pesquisa foi sobre arte-educação, e comenta dos cursos e estágios de aperfeiçoamento que fez durante o período nas áreas de Educação e de Arte que são eles:

- “Dinâmica de Grupos” - *Institut de Sciences de l’Education*- Paris.
- “Pedagogia de Grupo”- *Institut International de Recherche et de Formation en vue du développement*- Paris
- “*Institut Pédagogique National*”- visitas orientadas à pré-escola e ao 1o grau para observar diferentes experiências sobre a criatividade e o ensino da Arte.
- “Pedagogia Freinet”- observações em diferentes escolas que utilizam o método Freinet para os cursos de Arte.
- “Curso de História da Arte”. Escola de Arte e Arqueologia do Museu do Louvre (Duração de 1 ano) em Paris.

Coloquei aqui na íntegra, da mesma forma que Nena colocou em seu currículo, pois considero informações extremamente relevantes para analisar como ela enxergava sua trajetória em Paris depois de algumas décadas, esse documento foi elaborado para um

projeto que realizou após sua aposentadoria. Alguns dos entrevistados relatam que Nena não demonstrava ligação clara com a arte, mas em sua apresentação de pesquisa, ao final de sua experiência profissional, ela parece ter certeza de cada elemento que formou o seu caminho. Minha questão aqui é: será que ela não tinha clareza ou as pessoas à sua volta não tinham consciência das escolhas que ela estava fazendo para perto da arte-educação? Também não fica claro até aqui em que momento dos anos em Paris houve essa aproximação, pois no Brasil ela não estudava e nem lecionava sobre arte. Talvez quando morou em São Paulo para cursar o científico, tenha frequentado museus e exposições artísticas e uma sementinha ficou ali, não sabemos. Mas algo na viagem pela América Latina e na França e nos países que conheceu no período a aproximou do campo da Arte.

Em uma das entrevistas Victor Leonardi conta que no final de 1969 conheceu o Centro de Pesquisas e Ação Econômica criado pelo frade dominicano francês Joseph-Louis Lebret (1897-1966) e realizou um curso sobre desenvolvimento econômico e social no qual frequentavam vários brasileiros que vieram a ser conhecidos mais tarde no Brasil, dentre eles o fotógrafo Sebastião Salgado. No ano seguinte, Nena resolveu fazer o curso também e foi aluna de Paulo Freire (1921-1997), que estava exilado em Genebra, na Suíça, mas dava aulas nesse curso, no mesmo ano em que foi lançado o livro *Pedagogia do Oprimido* (1968). Não sabemos o porquê, mas por algum motivo essa informação não aparece em seu currículo. Não conseguimos saber como eram as aulas dela nesse curso: “despertava” para novas ideias ou causava sono como em qualquer outro estudante em dias cansativos já que ela tinha uma vida profissional bem ativa? O fato é que ter sido aluna do Paulo Freire, e poder falar isso no futuro pode ter trazido muita notoriedade para sua posição de educadora.

No final de 1973, após 5 anos fora do Brasil, Victor conta que a família começou a pressioná-los a voltar para casa, para os pais ficarem mais próximos deles e do neto. Victor, que havia concluído o mestrado em História também na Universidade de Paris, candidatou-se para uma vaga na Universidade de Brasília e foi contratado, de modo que o casal se mudou para lá. Por sua experiência na educação de jovens adultos na França, Nena foi contratada para trabalhar no CETEB- Centro de Ensino Tecnológico de Brasília, em 1974, mesmo ano em que nasceu sua filha, no dia 8 de março, Juliana Leonardi. O trabalho que Nena realizava constituía em desenvolver capacitações em diversos estados da região, o que fazia com que estivesse sempre viajando. Em seu curriculum vitae, ela conta que esteve na Amazônia pela primeira vez em 1974, quando trabalhava no setor de planejamento do Departamento de Ensino Supletivo do Ministério da Educação MEC.

Participando como docente dos cursos de formação e treinamento de professores, realizados pela coordenação de Recursos Humanos do DSU/MEC, nos estados do Amazonas, Pará, Acre, Roraima e território de Amapá e Rondônia.

Em um documento a que tive acesso consta que em 28 de janeiro de 1975, o Diretor Geral do Departamento de Ensino Supletivo do Ministério da Educação e Cultura designou Nena para participar como orientadora do Seminário de Atualização Sobre Estrutura e Funcionamento do Ensino Supletivo na cidade de Curitiba-PR por três dias. Outro documento, de 17 de agosto de 1975, menciona um Curso de Atualização, Estrutura e Funcionamento do Ensino Supletivo realizado em Águas de São Pedro- SP, no qual Nena é citada como uma das responsáveis pelo relatório do curso. Foram várias viagens a trabalho durante o período. Enquanto Nena trabalhava no CETEB, Victor dava aulas de História da UNB e, infelizmente, mais uma vez viram o filme se repetir. Ao contrário do que os pais deles falaram, o Brasil não havia mudado, e mesmo que Nena já não corresse o risco de ser presa, a situação política ainda se mantinha instável, especialmente para quem trabalhava nos órgãos públicos. Victor frequentava um grupo que debatia questões políticas e falava em suas aulas sobre as questões sociais do país, o que acabou resultando em perseguição. O casal viu-se obrigado mais uma vez a deixar sua estabilidade devido à insegurança política. Victor pediu afastamento do cargo e Nena saiu do trabalho para acompanhá-lo.

A família mudou-se para a cidade de Campinas-SP, onde Victor havia conseguido oportunidade de entrar em um grupo de pesquisa da Universidade de Campinas (UNICAMP). Na mesma época, o Departamento de Metodologia do Ensino estava com um processo seletivo aberto, no qual Nena passou em primeiro lugar, tornando-se assim professora da UNICAMP. No mesmo ano, em 1976, Nena participou como Assessora Técnica do “Levantamento Socioeducativo da Cidade de Paulínia” promovido pelo Departamento de Metodologia de Ensino em parceria com a Prefeitura Municipal de Paulínia, cidade vizinha a Campinas. Após dois anos, Victor não conseguiu a renovação do projeto de pesquisa e não obteve nenhuma outra oportunidade dentro da universidade, o que os fez decidirem se mudar. Nena assim pediu o desligamento das funções docentes que desempenhava na Faculdade de Educação.

No documento que data de 30 de março de 1978, o responsável pelo Departamento de Metodologia de Ensino no qual Nena fez parte, Hilário Fracalanza, ressalta a colaboração de Nena no âmbito de docência e pesquisa, e que realizou tarefas de

elaboração do Projeto Supletivo do Departamento muito antes de sua designação regular como docente.

Nessa época, a Universidade Federal de Alagoas fez parceria com a UNICAMP para realizar uma pesquisa sobre as indústrias instaladas no estado e Victor, que pesquisava sobre o tema, foi convidado a coordenar o projeto, fazendo parte da Secretaria de Planejamento, na Coordenação de Desenvolvimento Científico e Tecnológico durante 1 ano. Nena acompanhou o marido e mudou-se com os filhos para o Nordeste do país, onde ficou encarregada dos cuidados da casa e das crianças. Pelas informações a que tive acesso, ela não exerceu nenhuma função profissional ou acadêmica no período. Ao final daquele ano, aproximadamente em 1979, o projeto que Victor coordenava não foi renovado e a família voltou para o sudeste, agora para São Paulo, para morar no apartamento dos pais de Victor no litoral paulista, em São Vicente.

São tempos de muita instabilidade financeira para o casal. Víctor conseguiu trabalho em uma editora na capital e fazia o trajeto da viagem diariamente. Nena, no relato de Victor, não conseguiu trabalho e manteve-se responsável pelos cuidados do lar. Victor conta em entrevista, que nesse momento alguns sintomas que pareciam sutis desde que moravam em Paris começaram a se agravar e Nena começou a sentir um forte cansaço que mais tarde descobriram ser resultado de uma doença autoimune crônica, a Síndrome de Hashimoto. Nem a família nem os amigos que entrevistei sabem falar muito sobre esse período, e comentam que a adaptação para as atividades rotineiras da casa e dos filhos parecia ter sido bastante "normal". Victor candidatou-se para lecionar no curso de Pós-Graduação na área de Industrialização do Departamento de Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e foi contratado de imediato. Mudou-se então para João Pessoa, alugou uma casa e logo em seguida foi acompanhado de Nena e dos filhos, em 1981.

A UFPB estava com concurso aberto para o Centro de Educação, ao qual Nena se inscreveu e passou, começando assim a lecionar no curso de Mestrado em Educação, onde também ocupou o cargo de chefia do setor de audiovisual do departamento. Paralelamente às aulas, Nena iniciou um curso de desenho com seu colega de trabalho, o artista Raul Córdula no Núcleo de Arte Contemporânea (NAC), o que lhe proporcionou suas primeiras experiências em exposições artísticas. No próximo capítulo falarei de forma mais aprofundada como se deu tudo isso, mas o fato é que esses dois anos que Nena passou entre João Pessoa e Recife foram fundamentais para ela migrar da carreira de professora de cursos da área de Educação para os cursos da área de Artes. Os dois anos de conexões

artísticas com o Nordeste foram encerrados quando Victor decidiu por uma nova empreitada e Nena o acompanhou com os filhos: o doutorado.

Victor candidatou-se e foi contemplado para uma bolsa para cursar Pós-Graduação na Universidade de Paris. Por questões econômicas e de pesquisa, eles se mudaram para a Espanha, em Pueblo Andaluz, nas proximidades de Málaga, em 1983. Ali, Nena dedicou-se profissionalmente pela primeira vez à carreira de artista. Montou um ateliê com outros artistas que conheceu e juntos vendiam pinturas, aquarelas e faziam suas exposições. Foram quatro anos de total imersão artística. Nena, não se apresentou mais como professora e sim como artista, conta seu filho mais velho Rodrigo Leonardi. Como Victor vivia em viagem para realizar sua pesquisa, Nena conciliava o trabalho no ateliê com o cuidado dos filhos e da casa. Isso faz Juliana, sua filha, pensar que esses anos na Espanha, apesar de muito promissores para a vida artística de sua mãe, não foram tão incríveis para ela como foi para os filhos e para o pai. Juliana conta que um dia Nena tomou a decisão de passar um final de semana em um hotel para descansar, deixando os filhos com o pai, e que apesar de impactante na época, essa situação trouxe uma grande lição sobre autocuidado que sua mãe lhe deixou.

Após 4 anos, em 1987 a bolsa de pesquisa de Victor não foi renovada e a família precisou voltar ao Brasil. Victor que havia abandonado a UNB no período da ditadura, entrou com processo de reintegração de posse pois havia sido aprovada a lei de anistia aos professores cassados e perseguidos durante a ditadura, tornando possível seu reingresso na Universidade, no Núcleo de História. Nena, que havia pedido licença sem remuneração na UFPB, pede transferência para a Universidade de Brasília. Em documento que data 6 de abril de 1988, consta que, dentre outros servidores, Nenilda Leonardi Marinheiro passaria a compor o comitê de usuários da área Administrativa do Conselho de Informática. O CPCE- Centro de Produção Cultural e Educativa foi criado em 1986 com o objetivo de promover a educação e a cultura através de multimeios, o que mais tarde viria a se tornar a UnBTV. Foi esse o órgão que recebeu Nena na transferência entre universidades até ela retornar para a sala de aula.

A cineasta Tânia Montoro, uma das fundadoras do CPCE que se tornou sua amiga nessa época, conta na entrevista que Nena foi uma importante pesquisadora do programa:

Viajamos muito, a UNB tinha um campus na época em Barra do Garças em Mato Grosso e fomos para lá várias vezes formar professores, pois essa era a missão da Universidade de Brasília, a formação de professores com mestrado e doutorado do

centro-oeste brasileiro, para ter corpo docente tanto na [Universidade] Federal do Mato Grosso quanto, depois, na Federal do Mato Grosso do Sul e Goiás. Ela ainda continua: “Então quando ela chegou da Espanha em Brasília vinda de transferência da Universidade da Paraíba, não foi direto para o Instituto de Arte, colocaram ela no CPCE, ela ficou fora de sala de aula por um tempo como pesquisadora”. (Entrevista: Tânia Montoro, amiga da Nena, 05/05/2023)

Nena fez parte da equipe que implantou o CPCE, onde foi chefe do setor de documentação e responsável pelos estudos para a implementação do Banco de Imagens entre 1987 e 1990, segundo descreve no currículo.

A partir de 1990, a convite do Instituto de Artes Visuais- IDA, Nena foi lotada como docente onde permaneceu até sua aposentadoria em março de 1998. Durante esse período, ministrou aulas nas disciplinas “Fundamentos da Linguagem”, “Introdução aos Multimeios” e “Expressão em Superfície, Volume e Movimento”. Foi orientadora de projeto do PIBIC- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica: “O lugar da oralidade no Teatro: uma proposta metodológica para a formação do ator”, para alunos do Departamento de Artes Cênicas, projeto cuja primeira parte foi orientada pelas professoras Sílvia Davini e Rita de Cássia.

Nessa mesma época, Nena dirigiu um filme realizado pelos alunos de Artes Visuais utilizando técnicas de Norman McLaren, após uma pesquisa sobre seu trabalho: elementos visuais foram desenhados sobre película de 35 mm, aproveitando-se a banda sonora inscrita na película. O filme foi projetado no Cine Dois Candangos para alunos do Instituto de Artes. Mas não relata em seu currículo o título do filme. Nena continua contando que elaborou o roteiro, realizou a produção e co-direção do vídeo “Chord Melody”, método do professor Gamela para o ensino do violão. O diretor do vídeo foi o professor Armando Bulcão do Departamento de Comunicação do CPCE em 1992/93 (duas fitas com um total de 4 horas de lições foram gravadas). Por fim, Nena diz que foi pesquisadora na primeira parte do projeto: “Sociologia das adesões: o misticismo em Brasília”, coordenado pela professora Deis Elucy Siqueira, do Departamento de Sociologia.

Em entrevista, Deis conta:

“Nos aproximamos em 1989, quando voltei para a UNB e fomos morar na Colina, que é um espaço para receber professores. Posso dizer que a Nena foi uma das minhas grandes amigas, moramos no mesmo bloco e criamos uma intimidade muito legal”. Continua: “Trabalhamos juntas na minha pesquisa em 1995 que eu chamava de “Grupos místicos esotéricos” e que depois passei a chamar de “Religiosidades não convencionais”, pois Brasília sempre teve essa onda mística de

terra prometida e na década de 90 chegaram muitos grupos esotéricos, sobretudo no município de Alto Paraíso”. (Entrevista: Deis Elucy, amiga da Nena, 29/05/2023)

O interesse que Nena tinha pela espiritualidade aparece em alguns momentos de sua trajetória, segundo o relato de Victor Leonardi, ela fazia leituras sobre psicanálise e experiências paranormais e participou em dois momentos de grupos de estudos sobre o tema, a primeira vez quando morava em Anápolis e depois quando esteve em viagem pela América, que veremos mais à frente no capítulo pelo olhar de Victor. Acredito que essas experiências tenham contribuído em sua decisão de escrever o projeto para a Universidade de Brasília sobre o tema da relação entre a espiritualidade e a arte nas obras do artista Nicholas Roerich¹, trabalho que não chegou a desenvolver.

A professora Deis diz: “Ela foi uma professora brilhante, os alunos amavam, ela dava cursos super diferentes, criativos, saía com os alunos pelo campus (...)”, essa fala se repete nas entrevistas recorrentemente. Apesar de Nena não citar essas experiências em sala de aula em seu currículo, vou tentar nesse momento a partir das falas de alguns alunos e colegas mostrar porque o título desse capítulo se chama “Pedagoga do Deslumbramento” e como esses 8 anos que Nena esteve como professora de Arte na UNB a destacam como uma educadora que merece ser lembrada e pesquisada. Segundo Victor Leonardi, os anos de experiência como professora fazem com que Nena crie um método, que ela chamou de “Pedagogia do Deslumbramento”, para as aulas de Fundamentos da Linguagem, que ela ministrava para os cursos das quatro linguagens no IDA (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança), em 1997. O método era dividido em dois momentos, no primeiro cada aluno deveria pensar e refletir profundamente sobre a origem do seu nome, ela perguntava o motivo e solicitava que pesquisassem e trouxessem o resultado na próxima aula. No próximo encontro duas pessoas por vez deveriam ir a frente e contar para a turma suas análises e que sentido encontraram para sua vida a partir de seu próprio nome.

Os estudantes traziam estudos sobre sua ancestralidade, origem e família. As emoções eram inevitáveis, muitas vezes acertavam contas com o passado, e ao repensar a vida, eles deveriam entender a si próprios primeiramente, para depois entender o trabalho

¹ Nicholas Roerich foi um importante pintor, escritor, educador e promotor da cultura da paz russo. Roerich tem uma vasta pesquisa e obras de arte sobre espiritualidade oriental que explicam a aproximação de Nena pelo tema e se relacionam com sua produção artística. Tornando relevante a necessidade de pesquisas futuras. Podendo também analisar a construção da história da arte abstrata e os trabalhos de Wassily Kandinsky que se relaciona com ambos em seus trabalhos esotéricos e indígenas.

de outros artistas. Para a compreensão dos fundamentos da linguagem antes era preciso compreender sua própria linguagem.

No segundo momento ela pedia que pensassem em alguma coisa de que tenham gostado muito, que tenha calado fundo na sua alma, em seu coração, que os tenha deslumbrado. Novamente na aula seguinte dois alunos por vez iam a frente compartilhar com a turma insights, momentos de grande emoção, histórias distintas.

Com o tempo, não havia mais falas mas apresentações de música, dança, leitura de poema, desenho, encenação, etc. O método que Nena criou deu tão certo que a aula de duas horas ganhou mais uma, outros professores pediam para assistir as aulas e a quantidade de pessoas já não cabia em apenas uma sala. O departamento conseguiu um anfiteatro para a realização das aulas e cerca de cem pessoas acompanhavam as apresentações artísticas a cada aula.

Segundo conta Victor em sua entrevista, ao final ela concluía que não iria “ensinar” mas fornecer os meios para que fizessem uma introspecção e avançassem no seu processo de individuação - conceito que trouxe de Carl Gustav Jung (SEIBT, 2023) - pois o artista que não passasse por isso iria copiar a obra do outro, e não conseguiria encontrar seu próprio estilo por não saber quem ele é.

Juliana Leonardi, filha da Nena, em entrevista diz como surgiu o título Pedagogia do Deslumbramento:

Lembro dela contando para mim, meu pai e meu irmão que tinha sido emocionante a aula, que os alunos choraram. Ela tinha uma coisa que fazia com os alunos que ajudava realmente a descobrir sua vocação, o que deslumbrou, eu e meu pai brincávamos a pedagogia do deslumbramento. Tinha uma questão do olhar. Presenciei vários alunos que iam em casa. Tinha uma aluna que é a Fernanda Cabral, cantora que já viajou o mundo inteiro. Toda doação dela era demais, a arte era pra ela, a alegria que ela preparava as aulas, até por que alguns alunos não tiveram histórias de vida fácil então ela se tornou um referencial de mãe também. Isso foi muito legal, construir tantos laços. (Entrevista: Juliana Leonardi, filha, 17/10/2022)

Entrevistei a professora e cantora Fernanda Cabral que fez Artes Cênicas e foi aluna da Nena na disciplina de Fundamentos da Linguagem, e perguntei como eram as aulas:

O que me lembro era que todas as aulas eram especiais. Para mim a Nena era uma poeta muito delicada, estava muito ligada ao sutil, a poética do sutil em tudo. A sensação que eu tinha, era como se a gente tivesse um microscópio, tudo o que a

gente usasse com ela a gente fosse aprofundando cada vez mais. Como os símbolos moleculares, vão percebendo o micro e o macro, a relação entre os movimentos, o que move aquilo, de onde vem aquela energia? O que move aquilo? Aquela força. Me lembro que as aulas eram muito mágicas. (Entrevista: Fernanda Cabral, aluna da Nena, 28/03/2023)

Outra aluna que entrevistei foi Luciana Fagundes, do curso de licenciatura de Artes Plásticas da turma de 1991, que também cursou a disciplina de Fundamentos da Linguagem e fala como eram as aulas da Nena:

Ela sempre nos incentivava a trabalhar a nossa experiência artística e o que nos dava prazer, tentava resgatar sentimentos e paixões pela arte, pela cor e pela forma para contribuir com o mundo e com a arte. Buscava despertar o nosso melhor. Quando entrei na UNB, eles estavam muito focados na arte conceitual e não era isso que eu queria. Gostava de animação, stop motion, cenários, etc. Não me encaixava ali, e a Nena valorizava o resgate do ser humano de forma geral. Ela passava filmes do Victor. Compartilhava as experiências dela na França na instituição que ajudava refugiados, ela tinha um olhar muito humano, muito doce, não era aquele professor que impunha o conhecimento, ela deixava tudo aberto. As avaliações eram feitas por seminários. Lembro de certa vez ir até as embaixadas, atrás de animações experimentais para a apresentação. Lembro de um trabalho que era para falarmos sobre as cores e as relações entre elas. As aulas eram sempre voltadas para buscar o seu olhar sobre a arte, a estética, o objeto, a cor, sobre o traço. Como a artista que você deve ser. Ela nos ajudava a descobrir o artista que queríamos ser. Diferente de outros professores que eram mais críticos e julgavam os trabalhos dos alunos, ela dizia “se você gosta, vai atrás”. Era muito bom, você se sentia valorizado apesar da pouca idade, na época. Eu, por exemplo, não havia amadurecido suficientemente ainda para estudar filosofia da estética, Walter Benjamin com 17 anos, recém saída do segundo grau que não tinha Filosofia e Sociologia na escola. (Entrevista: Luciana Fagundes 11/05/2023)

Luciana Mesquita foi outra aluna da Nena do curso de Artes Cênicas que, apesar de não ter terminado a disciplina, por ter sido contemplada com uma bolsa de mobilidade acadêmica, tornou-se grande amiga de Nena, mais tarde:

A Nena foi minha professora no Instituto de Arte da UNB. Fiquei procurando ontem até tarde da noite os textos que ela nos dava que eram fascinantes, um dos textos que ela gostava demais, um livro na verdade que se chama “O papalagui” (TUIAVII, 2003), que são diferentes depoimentos de indígenas da Samoa, é um olhar indígena sobre o homem europeu. Ela gostava demais desses textos e eu também fiquei fascinada. Outro texto também que ela nos levou foi da professora Elisa Maria Cabral, da Universidade Federal da Paraíba. Essa professora fez uma pesquisa sobre os Fractais partindo da noção do caos, ela estudou toda teoria do caos, e criou esse vídeo. Ela gravou imagens e compôs esse vídeo que, se não me engano, foi editado aqui no CPCE que hoje é a TVUNB, e, se não me engano, quem editou esse

vídeo foi o Armando Bulcão junto com a Nena. Eram todos amigos nessa época. Ontem procurando as coisas da Nena encontrei esse texto: “O caos e o rompimento das barreiras do conhecimento” da professora Elisa. É realmente fascinante. Hoje entendo, as aulas dela eram fascinantes e abria nossa cabeça, ela era uma grande educadora, e uma artista também, um tanto eclipsada. Ela tinha diabetes e era mulher do Victor Leonardi, que era o grande historiador na época e estava fazendo história, fazendo filmes, então ela se dedicava muito a ele, às histórias dele, aos amigos dele. Mas ela era uma grande artista e uma belíssima educadora, ela abria nossa cabeça para além das fronteiras do conhecimento, ela fazia a gente questionar a ciência, e nos colocava no desafio de seguirmos a nossa intuição, e isso é fascinante. Ela trazia exemplos, e esses dois trabalhos me marcaram. No texto ela fala que: “o caos rompe as fronteiras que separam as disciplinas científicas, por ser uma ciência da natureza global dos sistemas, reuniu pensadores de campos que estavam muito separados. Há quinze anos a ciência se encaminha para uma crise de especialização crescente, dramaticamente essa tendência para especialização foi revertida em virtude do caos. O caos suscita problemas que desafiam os modos de trabalhos aceitos na ciência, vale-se com muita ênfase do comportamento universal da complexidade. Então, ela nos trazia o assunto da complexidade e abria a nossa mente e fazia com que a gente seguisse com o coração, a nossa intuição. Isso era fascinante. Ela trazia todas as conjunções entre matéria e psíquica, trazia Jung, Capra, mandalas... Ela trabalhava de forma muito criativa. Infelizmente durante essa disciplina, recebi uma proposta para fazer um estágio no exterior e não terminei a disciplina, mas foi até quase o fim. Tanto que fui aprovada com o número de presença, etc. (Entrevista: Luciana Mesquita, aluna da Nena, 20/03/2023)

O relato sempre presente sobre a importância que a Nena dava para a individualidade de cada aluno nos cursos de arte são fundamentais para quem está se formando em uma carreira artística. Na época em que me formei no curso de licenciatura em Artes Visuais na Universidade de Sorocaba-SP, senti exatamente essa falta. Somos artistas chegando no mundo fabuloso da Arte onde a história conta a trajetória de artistas que fizeram trabalhos fabulosos desde a arte rupestre, nos sentimos se não uma gota em meio ao oceano. Professoras como a Nena, que estimulam que os estudantes encontrem seu lugar na arte, são raras.

Como educadora, me encontrei nesse lugar, e me identifiquei com a história da Nena como educadora. Vejo que sua formação como Pedagoga contribuiu muito para pensar de

forma didática as aulas de Arte. Assim como Paulo Freire (2005) diz: “Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”. Nena, despertava o processo criativo de cada aluno, sem impor o padrão estético acadêmico, mas estimulando a autenticidade de cada um.

Em 1996, Nena passou por uma licença sabática de 6 meses pintando e viajando pela região Amazônica, experiência que ela detalhou em seu currículo:

Acompanhei, além disso, a equipe do Museu Amazônico e da UnB, a Viena, com o objetivo de trazer para o Brasil, um arquivo fotográfico sobre o material encontrado nas coleções do Museu Brasileiro, sobre a Amazônia do “Museum fur Volkerkunde”. Estas coleções de peças inéditas e fantásticas, foram coletadas pelo grande viajante e naturalista austríaco Natterer, e eram praticamente desconhecidas em nosso país.

Uma das alunas de Victor Leonardi no curso de história da UnB, Isabella Fagundes, conhecida por eles como Belinha, esteve com a Nena nesse momento em Manaus e relata na entrevista: “Em 1996, fui morar em Manaus por intermédio do Victor e da Nena que haviam ido para lá. Victor foi vinculado ao museu amazônico com uma pesquisa nas imediações do Velho Airão com ruínas da cidade, numa ocupação colonial no Médio Rio Negro. Apareceu a oportunidade de fazer um curso em aperfeiçoamento de Antropologia Amazônica na Universidade de lá e Victor me incentivou. Tive oportunidade de passar mais momentos com a Nena, e fazer essa viagem pelo Rio Negro com eles e uma equipe de professores para visitar essa ruína. Foi incrível esse passeio”. No currículo Nena confirma:

Fiz parte nesta época da expedição organizada pelo Museu Amazônico e professores da Universidade Federal de Manaus, ao Velho Airão (antiga vila de Santo Elias do Jaú do século XVII), próximo ao arquipélago das Anavilhanas, e à cidade de Barcelos (primeira capital do Amazonas localizada no Alto Rio Negro). Na viagem ao Velho Airão (antiga vila de Santo Elias do Jaú), acompanhei os trabalhos realizados conjuntamente pelo professor da UnB Victor Leonardi, e professores do Departamento de História da UA, para o tombamento do sítio arqueológico do Velho Airão, com ruínas da cidade abandonada do século XVII. Em Barcelos participei de visita ao barco-escola do SENAI, e junto com os alunos e professores que faziam parte deste projeto, tive a oportunidade de coletar depoimentos sobre diferentes cursos oferecidos às populações ribeirinhas e a metodologia utilizada. (Entrevista: Isabela Fagundes, aluna do Victor, 03/05/2023)

Em março de 1998, Nena se aposentou na Universidade de Brasília juntamente com Victor e decidiram fazer uma viagem para a Grécia em comemoração à aposentadoria. Isaque de Carvalho, que foi aluno de Victor e depois tornou-se seu amigo, conta essa história na entrevista: “Victor é muito simples, um caipira de Araras, interior de São Paulo, mas muito sábio, um filósofo grego, ele costuma dizer “eu sou grego, caipira e brasileiro” e acho isso mesmo, então ele queria estar lá e disse vamos celebrar a aposentadoria na Grécia, as aulas agora são aqui no bar ou onde estivermos, deu um soco na mesa rindo e disse “Quem vai conosco? ”. Victor convidou alguns alunos para conhecer a Grécia com o casal na viagem de aposentadoria. Não sei se a Nena sabia disso, ou qual foi sua reação, o fato foi que Isaque conta que: “(...) Nena e Victor embarcaram uma semana antes, Adriano Valente, Fred Rego e eu, embarcamos no dia do aniversário do Fred, 15 de abril de 1998. Cruzamos o Atlântico, atravessamos a Europa e chegamos na Grécia. Quanta emoção! Nunca havíamos saído”. Eles ficaram juntos por uma semana e depois o casal seguiu para visitar a Ásia Menor. Acredito ser simbólica a primeira semana de viagem aposentada guiando alunos que nunca haviam viajado para fora do país para conhecerem um local tão importante para a história quanto a Grécia. Foi uma forma de Nena coroar toda a entrega que teve para a educação ao longo de todo o magistério. Desde Anápolis, quando recebeu a ordem de prisão por compartilhar livros subversivos, até a Grécia guiando jovens a conhecer o mundo.

Em 26 de agosto de 1999, Nena passou por sua última experiência acadêmica de que tenho notícias, fazendo a solicitação de seu enquadramento como Pesquisadora Associada Adjunta para a UnB:

Venho por meio desta, solicitar a V. Sa. meu enquadramento junto ao Departamento de Artes Visuais como Pesquisadora Associada Adjunta com o projeto de pesquisa: A arte e a integração de culturas: Nicholas Roerich (1874-1947).

Juntamente com a solicitação se encontram uma pasta acompanhada de 89 páginas de pesquisa sobre a vida e obras do artista russo Nicholas Roerich com imagens e referências bibliográficas. Foi dentro dessa pasta que encontrei o currículo vitae onde Nena relata as experiências que considera relevantes para a pesquisa ser aprovada e que esmiucei ao longo do texto para entender seu caminho profissional enquanto educadora. Além disso, na pasta consta uma solicitação para avaliação do projeto assinado pelo professor Luiz Gallina em 26 de agosto de 1999, uma carta ao colegiado do Departamento de Artes Visuais-VIS recomendando a pesquisa assinada pela professora Lygia Maria

Maurity Sabóia em 21 de setembro de 1999. O projeto foi aprovado em 7 de outubro de 1999 pelo conselho que é assinado pela professora Grace Maria Machado de Freitas, Diretora do Instituto de Arte, e encaminhado para o Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Eles fazem algumas solicitações de ajustes de dados na pesquisa, porém em 10 de dezembro de 1999 a Câmara de Pesquisa indefere a solicitação e Nena não pode dar andamento na pesquisa.

Não encontrei registro de pesquisas científicas produzidas ao longo do tempo em que Nena trabalhou na UnB, mas neste momento que ela possui mais tempo para realizar uma pesquisa de seu interesse, já que sabemos que as demandas para uma mulher casada com filhos e professora universitária são infinitas, ela não consegue autorização por estar aposentada, o que mostra desvalorização e falta de apoio para o professor que deseja continuar contribuindo para a Universidade após a aposentadoria naquele momento.

Em 2001, Victor foi convidado para dar aula de História da Amazônia e Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia em Berkeley e Nena o acompanhou, ficando 6 meses morando lá. Na entrevista Victor conta que ela aproveitou o tempo para ler, assistir a filmes e passear pelas redondezas, sem nenhuma atividade acadêmica ou profissional na universidade, evidenciando que de fato havia decidido encerrar sua profissão enquanto educadora. A partir daquele momento, com a pesquisa de Nicholas Roerich, não há mais informações profissionais de Nena Leonardi.

2 ARTISTA DO INVISÍVEL

O trabalho de tentar reunir elementos que nos falem da vida artística da Nena foi o mais complexo de todos, dada a falta de materiais. Quando tive acesso ao PDF escrito por Victor e Juliana em comemoração aos vinte anos do falecimento da Nena, imaginei que a família tivesse o acervo físico das obras de arte que estavam ali retratadas nas imagens, que dispuseram como uma espécie de galeria dos trabalhos. Contudo, a família informou que só possui uma obra física, na casa do Victor, e que as demais obras foram enviadas para um amigo da família que morava na Inglaterra, na tentativa de vendê-las, quando Nena ainda estava viva.

Victor enviou a Brian Codling, o amigo, uma carta contando sobre esta pesquisa, buscando uma pista sobre o paradeiro das obras, porém, o endereço da residência era o mesmo de vinte anos atrás. Victor não sabia se o destinatário havia mudado de endereço e sequer se ainda estava vivo. Até o momento em que este trabalho está sendo escrito, não houve retorno da carta. Durante as entrevistas, soube que outra obra está com Teresinha Ribeiro, ex-esposa de Brian e amiga da Nena, que recebeu a tela de presente da própria artista. Mas pode ser que outros amigos tenham obras da Nena já que a mesma costumava presentear seus trabalhos.

Neste capítulo, pretendo abordar todas as informações que consegui coletar sobre a formação artística de Nena, seu processo criativo e sobre a produção das obras. A documentação reunida inclui materiais físicos sobre exposições que foram disponibilizados por Victor e imagens das obras que foram enviadas por Juliana. Também foram realizadas entrevistas com alunos, amigos e colegas, que compartilharam suas percepções sobre a vida artística da Nena. Em todas as entrevistas, a pergunta chave era “Nena foi uma artista?”, pois as entrevistas se deram no início da pesquisa, e somente tive acesso aos materiais físicos ao final do período, após a qualificação. Então, como podem perceber, a pesquisa não ocorre de forma linear, e o acesso aos elementos que compõem sua biografia vão se dando aos poucos, como uma espécie de quebra-cabeça.

Outra questão que precisa ficar clara aqui, é que não existe nenhuma pesquisa anterior feita sobre o trabalho artístico de Nena Leonardi e, por esse motivo, não foi possível fazer qualquer tipo de pesquisa bibliográfica sobre ela, até mesmo porque, no período de suas produções artísticas mais intensas, entre os anos 80 e 90, não havia internet como conhecemos hoje e todo material era produzido em papel. Considero um privilégio a família

ter guardado esses materiais físicos, já que eles mudaram muitas vezes de casa, estado e país ao longo dos anos. Ter esse acervo, ainda que pequeno se comparado ao que provavelmente ela produziu ao longo das décadas, é uma raridade. Sem eles não teria como desenvolver essa vertente da pesquisa. Todo o material foi guardado ou escrito pela própria Nena. Assim como no capítulo anterior, vou me basear como roteiro de datas pelo currículo escrito pela Nena para o projeto de pesquisa sobre Nicholas Roerich, e irei finalizar pelo mesmo, que foi sua última produção de que temos informação, ainda que acadêmica.

Recordando o que já foi mencionado no capítulo anterior, a primeira graduação de Nena foi em Pedagogia. Durante alguns anos, ela lecionou temas que se relacionavam à área e foi só a partir do momento em que chegou à Paris, em 1968, que identificamos suas primeiras ligações explícitas com a formação em Arte. Segundo Victor, no segundo ano de morada na França, eles começaram a fazer juntos aos finais de semana o Curso de História da Arte, da Escola de Arte e Arqueologia do Museu do Louvre. Em seu currículo, Nena cita a formação de 1 ano, mas não coloca data específica. Victor conta que nesse período eles visitaram vários museus na cidade. Talvez pela aproximação que se dá com a arte a partir desse momento, Nena decide pesquisar sobre arte-educação em sua pesquisa de Mestrado, em 1973, intitulado *“Une expérience architecturale et pédagogique en milieu scolaire”*, defendido pela Universidade de Paris.

Durante o período em que estive na França, ela não trabalhou com temas ligados à arte diretamente, e nem quando voltou ao Brasil, em 1974, mantendo-se atuando na área de sua formação inicial como pedagoga. Somente, em 1981, quando se mudou para João Pessoa, na Paraíba, e começou a trabalhar na Universidade da Paraíba (UFPB), encontramos o registro de sua retomada ao mundo artístico, o que podemos interpretar como um grande marco em sua carreira. Nessa época, Nena conheceu o artista, professor e colega de trabalho Raul Córdula, com quem começou a ter aulas de desenho. Não pude entrevistá-lo por vídeo-chamada, mas conversamos por e-mail:

Amanda: A Nena teve muitas possibilidades para iniciar sua vida artística anteriormente, especialmente em Paris, mas ela decidiu começar a pintar inspirada por seu trabalho. Quais eram os temas que o senhor pesquisava naquele momento? Poderia citar algumas obras de sua autoria?

Raul Córdula: Victor e Nena tinham se mudado para João Pessoa há pouco tempo, Victor estava na Universidade Federal da Paraíba onde eu coordenava o Núcleo de Arte Contemporânea - NAC, lugar de ensino, pesquisa e, sobretudo, extensão. Eles visitaram o NAC e ficaram surpresos com os nossos avanços, pois conseguimos uma resolução do Conselho Universitário que possibilitava contratar artistas como professores visitantes por 2 meses. Com isso convidamos artistas como Tunga,

Marcello Nitsche, Antonio Dias e o curador Paulo Sérgio Duarte, entre outros. Nena frequentou o NAC e nós criamos uma parceria onde eu a atualizava nas questões da arte contemporânea. Isto foi nos primeiros anos da década de 1980, quando a arte contemporânea ainda se estabelecia teoricamente. O que houve nessa nossa relação não foi um aprendizado, mas uma troca de saberes pois também aprendi muito com ela e com Vitor também, pois ele é uma das pessoas mais inteligentes que conheço. Mas posso lhe dizer que Nena tinha uma consciência de artista, via e pensava como artista e apreciava o que havia de mais novo e inventivo. Não posso esquecer de nossas conversas tanto aqui quanto em Brasília, onde os fui visitar algumas vezes, inclusive eles me hospedaram no período que fiz uma exposição lá.

Amanda: Poderia falar mais sobre a orientação artística? Como funcionava? Nena fez um curso de curta duração ingressando no processo seletivo, ou ela o procurou para fazer aulas? Se recorda com que frequência semanal ocorriam?

Raul Córdula: Prezada Amanda, será um prazer falar sobre Nena, embora não sei se minha memória vai nos ajudar. Fato é que tenho grande amizade com Victor e Nena, esta foi uma pessoa generosa e inteligente da qual me apeguei também como amigo. Ela tinha um grande apego à arte e procurou se expressar da melhor maneira que pôde durante nossos encontros de trabalho. Eu coordenava o Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB quando tive o prazer de orientá-la.

Nena e Victor eram um casal culto e viajado, ele é historiador e tem experiências vitoriosas com cinema e documentários. Nena tinha uma vida simples e era envolvida com a elaboração de obras de arte, pinturas de preferência, mas também gravuras e outras experiências, perseguindo sempre seus sonhos criativos.

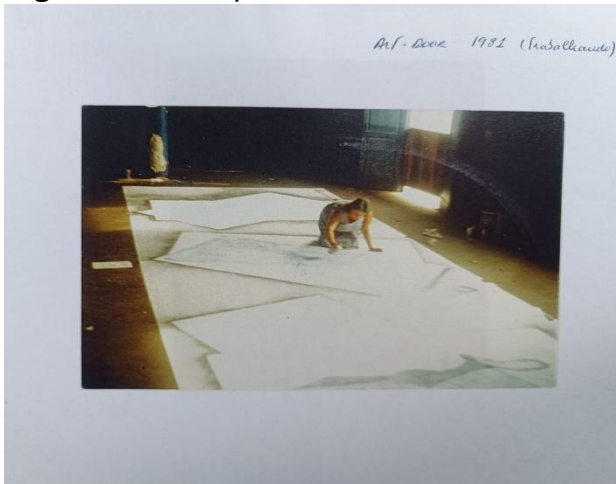
Seu falecimento foi para mim uma desagradável surpresa, pois eu estivera com ela poucos meses antes em Brasília, onde o casal residia na época. Suas pesquisas com a arte ficaram no meio do caminho, pois ela ainda se preparava para assumir sua condição de artista diante do público. (Entrevista: Raul Córdula, professor da Nena, 02/08/2022)

A conversa encerrou-se aqui. Raul foi um grande mentor na carreira da Nena, que naquele momento ganhou um estímulo, como se ela estivesse esperando somente uma única oportunidade para mergulhar por inteira na vida artística. Ela acompanhou Raul Córdula em diversas exposições coletivas entre 1981 e 1982. A exposição “O Artista da Terra”, foi realizada no Colégio Santa Rita, no município de Areia-PB, em fevereiro de 1981, no Museu de Arte Assis Chateaubriand, no município de Campina Grande-PB, em outubro de 1981 e na Sede Central do SESC, no município de Guarabira-PB, em novembro de 1981. Não consegui informações sobre quais obras foram a exposição.

Ainda no ano de 1981, Nena participou da “Mostra Internacional de ART-DOOR”, promovida pela Equipe do Núcleo de Arte Contemporânea- NAC de Recife. O trabalho de extensão universitária promovido pelos coordenadores Francisco Pereira Júnior e Raul Córdula Filho, tinha por objetivo divulgar os trabalhos artísticos promovidos pela universidade. Para tanto, fizeram parceria com a prefeitura de Recife para divulgar esses

trabalhos nos outdoors da cidade e Nena participou da exposição. O local onde cada obra seria exposta foi decidido por sorteio, segundo conta Victor, e a obra da Nena foi exposta no centro da cidade.

Figura 1- Nena pintando artdoor.



Fonte: Acervo da família, 1981.

Figura 2- Artdoor em Recife.



Sua última exposição coletiva no Nordeste foi na IX Semana Universitária de Santa Rita, cidade da Paraíba, em julho de 1982, com o tema: “Realidade Brasileira- O que você está esperando para falar? ”, na sala “Arte Xerox”.

Tive oportunidade de entrevistar Rodrigo Leonardi, primeiro filho da Nena com o Victor por videoconferência que durou cerca de uma hora. Nascido em Paris, Rodrigo acompanhou a mãe em grandes momentos de sua carreira. Quando pergunto sobre a vida artística da Nena, ele relata sobre o momento que estavam vivendo na capital do sol:

Posso ter uma anedota ou outra a respeito do relacionamento mãe e filho, mas essa pessoa que você está procurando, essa artista eu só comecei a perceber quando estava na sexta série, que nós morávamos na cidade de João Pessoa, quando minha mãe começou. Tinha uma garagem que ganhou o nome pomposo de ateliê, lembro da minha mãe mostrando coisas que ela estava pintando ou rascunhando e foi a primeira vez que ela comunicou para a família, que eu percebi, que minha mãe tinha aspirações voltadas para artes plásticas. (Entrevista: Rodrigo Leonardi, filho, 09/03/2023)

Em 1983, a família mudou-se para a Espanha na região de Málaga, para Victor cursar o doutorado, onde Nena continuou seu trabalho artístico. Juliana Leonardi, segunda filha do casal, que era criança na época, compartilhou a fotografia de algumas páginas do diário de sua mãe, em um registro datado pela própria Nena de 3 de agosto de 1985. Nesses trechos do diário, Nena escreveu algumas percepções pessoais sobre os

momentos que estava vivendo, descrição de sonhos e desabafos. Em uma das páginas ela diz (grifos da própria Nena):

Infelizmente não posso fazer uma coisa de cada vez porque normalmente estou em situações em que são requisitadas pessoas com capacidades diferentes ao mesmo tempo. Por exemplo: “Está na hora de fazer comida para os meninos, a Ju caiu, machucou a cabeça e chora. O Rodrigo quer dinheiro para ir ao cinema, o Victor chegou do Pueblo e quer ouvir música e dançar, tenho de fazer compras e estou com vontade de pintar”. E o que acontece? Não consigo fazer NADA. Será uma incapacidade minha, ou uma situação exterior caótica? Sou requisitada ao mesmo tempo para executar várias tarefas diferentes. O Victor quando vai escrever, só escreve, quando vai beber só bebe. etc. etc. e a decisão dos horários é dele! Eu não! Tenho os horários do Ro, da Ju e do Victor. Às vezes preparava almoço em 3 horários diferentes! E cada tentativa minha de organizar este entorno familiar era rechaçada por todos.

O trabalho biográfico se enlaça ao tempo histórico social e às demandas que se fazem à mulher:

Aquí nos interesa la história de vida desde un punto de vista teórico. Su atractivo reside en la utilidad que tiene para captar información relevante para desentrañar la relación entre tiempo biográfico y el tiempo histórico social (JELIN, 1976, p. 376)

Seguem os desabafos sobre os desafios que está enfrentando em conciliar sua vida pessoal, artística e familiar, e ela propõe soluções para cumprir:

Creio que somente uma coisa: organizar a parte de minha liberdade individual certos objetivos de vida. Não devem ser muitos, apenas os mais importantes para mim neste momento:

1. Andar e fazer ginástica todos os dias.
2. Acordar cedo.
3. Pintar um quadro todos os dias. Desenhar uma jóia.
4. Escrever todos os dias.
5. Retomar com confiança (em mim!) o meu regime.
6. Tentar tirar 1 dia por semana inteiro para flunar.

Figura 3- Diário da Nena

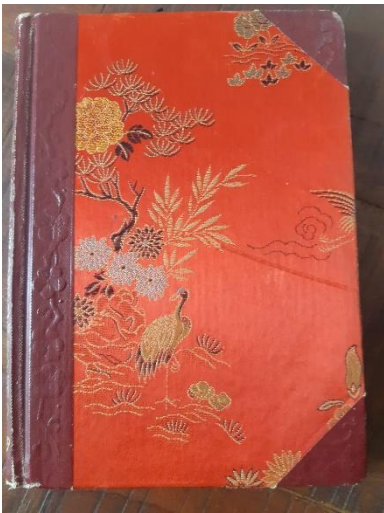


Figura 4- Página do diário

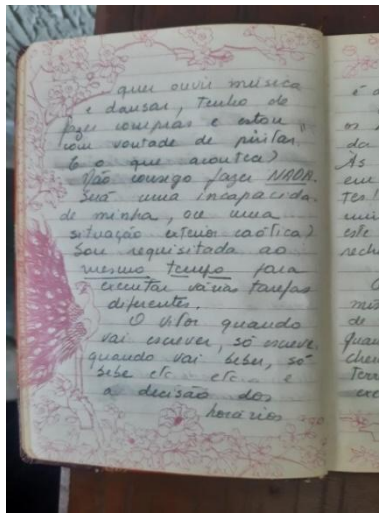
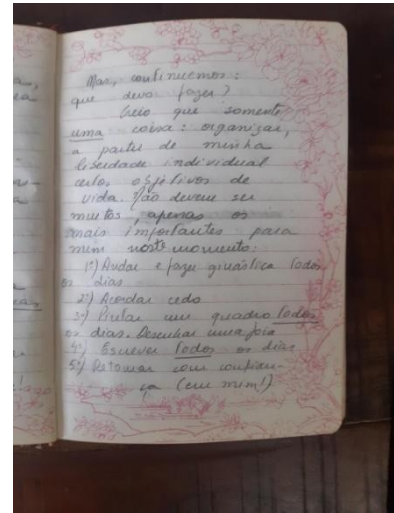


Figura 5- Página do diário



Fonte: Acervo da família.

Esse é um dos textos que Nena escreveu que mais me impactaram pessoalmente durante a pesquisa e quis trazê-lo aqui para pensar a condição dessa mulher, educadora, para se colocar como artista em seu tempo. Simioni (2004) em seu livro “Profissão artista: pintoras e escultoras brasileiras entre 1884 e 1922” conta a história de algumas dessas artistas e os desafios que encontraram no exercício de sua profissão. Observo ainda no final do século XX, Nena enfrentando questões similares às que aquelas mulheres enfrentaram.

O livro foi baseado em sua tese de 2004 que leva o mesmo título:

A tese aborda algumas trajetórias de pintoras e escultoras como Abigail de Andrade, Berthe Worms, Julieta de França, Nicolina Vaz de Assis Pinto do Couto e Georgina de Albuquerque, que são exemplos concretos dos modos com que algumas mulheres vivenciaram e venceram os obstáculos existentes. Munidas de sólida formação artística e contando com apoio de seus familiares (pais, maridos ou amantes), essas artistas manejaram um conjunto de dispositivos favoráveis que, somados à qualidade alcançada por muitas de suas obras, lhes permitiram lograr carreiras de êxito. (SIMIONI, 2004)

Georgina de Albuquerque, por exemplo, nasceu no interior de São Paulo em 1885. Acompanhou o marido para estudar junto com ele na França, onde teve dois filhos. Abigail de Andrade também mudou-se para a França com o editor da Revista Ilustrada sob pressão social, após ter uma filha em uma relação complicada com ele, e lá realizou algumas

exposições. E Julieta de França mudou-se para França para estudar em 1900, lá participou de diversas exposições e teve uma filha sem registro do nome do pai. Apesar da grande contribuição artística para a história da arte brasileira, seus reconhecimentos foram invisibilizados em comparação aos artistas homens daquele período.

Caminho similar ao que Nena trilhou quando mudou-se para França com Victor para estudar e lá deu a luz a seu filho. Assim como essas mulheres em terras distantes, seja na França ou na Espanha, Nena encontrou grandes desafios em busca de reconhecimento em sua profissão e com uma limitada rede de apoio para criar seus filhos no exterior.

Em entrevista feita por videoconferência no início da pesquisa em dois momentos de cerca de uma hora por duas semanas seguidas com Juliana, segunda filha de Nena e Victor, recorda-se de uma situação que ocorreu quando moravam na Espanha, não sei precisamente se acontecida antes ou depois desse desabafo no diário, quando Nena passou um final de semana fora de casa:

Sempre vou me lembrar, pois achei muito bom ela ter feito isso. Um dia ela ficou cansada de tudo e falou que estava indo para um hotel e não queria visitas “eu vou pegar três dias no hotel”. Ficamos com saudade, três dias depois fomos lá tomar banho de piscina com ela. (Entrevista: Juliana Leonardi, filha, 17/10/2022)

Três anos após aquele registro do diário, Nena retomou a exposição de seu trabalho artístico em um coletivo de artistas em Málaga. Em 1986, montou um ateliê em conjunto com outros artistas com quem fez amizade, e começou a produzir de forma mais sistemática e apresentar seus trabalhos. Nos documentos a que tive acesso constam informações de duas exposições feitas pelo grupo. Em seu currículo, ela cita essas duas exposições também, então creio não ter havido nenhuma outra. Dada a importância desses momentos, ela guardou os panfletos de divulgação e o recorte de jornal local falando sobre os eventos, que descrevo abaixo.

Figura 6- Panfleto grupo fermenta



Fonte: Acervo da família.

A primeira exposição do Grupo Fermenta, nome que deram ao coletivo, foi em novembro de 1986 no *Catillo del Bil Bil* em Benalmádena Costa. O folheto amarelo de 15cm está escrito em espanhol e inglês com a seguinte mensagem: “*El arte es internacional y un vehiculo de comunicacion. El Grupo Fermenta está formado por diferentes nacionalidades que residen en la provincia de Málaga*”. O folheto cita os integrantes do grupo e suas respectivas áreas artísticas. O que chama mais atenção aqui, é que esse é o primeiro registro em que Nena se coloca como artista abstrata:

Integrantes del grupo:

1. Manuel D'Febre (Espanã)- *Expressionismo simbólico*
2. Nena Leonardi (Brasil)- *Pintura abstracta*
3. Tove Hedlund (Dinamarca)- *Impressionismo*
4. H. Albrecht Gork (Alemania)- *Naturalismo fantástico*
5. Hilda O de Van Der Sluis (Colombia)- *Cerámica, porcelana y barro en bruto*
6. Elizabeth Bishop (Inglaterra)- *Surrealismo abstratcto*
7. Monica Molbeck (Suecia)- *Abstrato*

O jornal local *Costa del Sol* dedicou uma seção da edição de 31 de outubro a 6 de novembro de 1986 para apresentar os artistas e falar sobre a exposição. No parágrafo sobre a Nena está escrito: “Nena Leonardi nasceu no Brasil. Ela estudou arte em Paris. Ela também teve muitas exposições na América do Sul. O estilo e o movimento da pintura são abstratos”. (Tradução livre)

O material não contém imagens ou informações sobre as obras que foram expostas, mas tanto Victor quanto Rodrigo Leonardi descrevem o evento nas entrevistas. Victor diz:

Nena expôs com seus colegas no Castillo del-Bil-Bil, em Málaga. Foi um sucesso. Cerca de 13 obras em papel com tinta guache ou acrílica foram emolduradas e a maior parte vendidas, para Bélgica, Inglaterra, Holanda e para a Suíça". (Entrevista: Victor Leonardi, esposo, 22/07/2022)

Rodrigo Leonardi complementa:

Lembro de uma vez, quando ela foi convidada para expor, foi o momento que mais tive orgulho dela, ver o local, os colegas dela. Eu nunca entendi a motivação, entendi que um dia ela virou artista, nunca foi me explicado. (Entrevista: Rodrigo Leonardi 09/03/2023)

Essa é a percepção de Rodrigo, que era adolescente no período em que a família se mudou para a Espanha, entre seus 12 e 16 anos, e há um aspecto que chama atenção nesse depoimento: o fato de ele ter orgulho, de ter visto a mãe dele sendo valorizada pelo trabalho dela, com os amigos dela, em um espaço que era dela. Parece-me que foi um momento em que ele pôde vê-la não apenas como mãe e esposa de seu pai. As obras dela expostas em público e valorizadas mostravam ao filho uma potência criativa, autônoma, que ele desconhecia, pois retrata um questionamento que muito se faz a um artista e que eu por diversas vezes tentei responder nesta pesquisa: Quando Nena se tornou artista? Foi em João Pessoa? Foi na Espanha? Ou ainda em Paris? Rodrigo responde:

Se você vai para outro país as pessoas não te conhecem, então você pode se reapresentar da forma que naquele momento você acha confortável, e foi naquela época que minha mãe deixou de se apresentar como professora e a se apresentar como artista plástica. Se perguntasse para mim o que minha mãe fazia eu dizia que era artista plástica, mas não me preocupava com isso. Entendo que ela já tinha material para apresentar, se alguém perguntasse se ela seguia alguma abordagem para a arte, ela já teria o que falar. O fato de ela ir para outro país que ninguém conhecia, ajudou a ganhar confiança na nova área. (Entrevista: Rodrigo Leonardi, filho, 09/03/2023)

Os anos na Espanha em seu próprio ateliê com uma produção artística consolidada e um processo criativo estruturado, parecem fazer da Nena a artista conforme os moldes que a sociedade espera do mesmo. Parece que ali Nena encontrou o caminho para se consolidar enquanto artista, ao contar com um grupo de apoio e condições propícias para produzir e expor sua arte. Francisco Foot Hardman colega da UFPB e amigo de Victor, foi visitar a família nessa época e conta:

Nena fazia exposições, tinha um pequeno ateliê para organizar seus trabalhos, era um cenário que estimulava a criatividade, você não vê as obrigações que você tem normalmente na sua terra natal ou instituição. A Nena neste momento não tinha nenhum vínculo de trabalho com as universidades. Estava por conta deste trabalho e da família. Transitava com amigos ativos na arte. (Entrevista: Foot Hardman 09/05/2023)

Perguntei a ele como eram suas obras e ele disse:

Eram pinturas abstratas, me vem a imagem de alguma coisa cósmica, tinha muita presença do azul, azul escuro, do violeta. A Nena fazia séries de gravuras.

No dossiê que preparou para a pesquisa sobre Nicholas Roerich Nena coloca as imagens de algumas de suas obras que estavam na exposição sem data, título ou material:

Quadro 1: Sem título



Quadro 2: Sem título

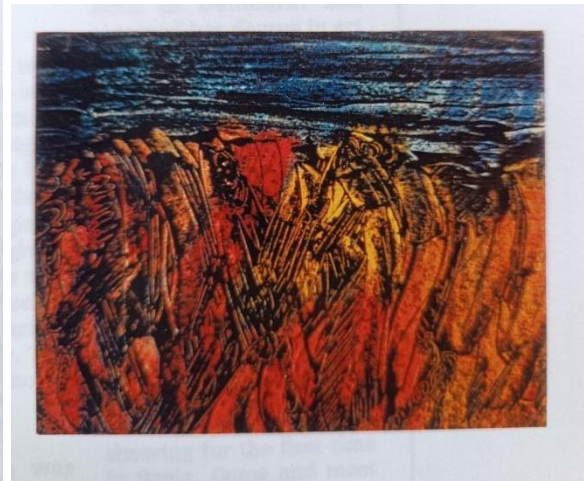


Quadro 3: Sem título

Quadro 4: Sem título



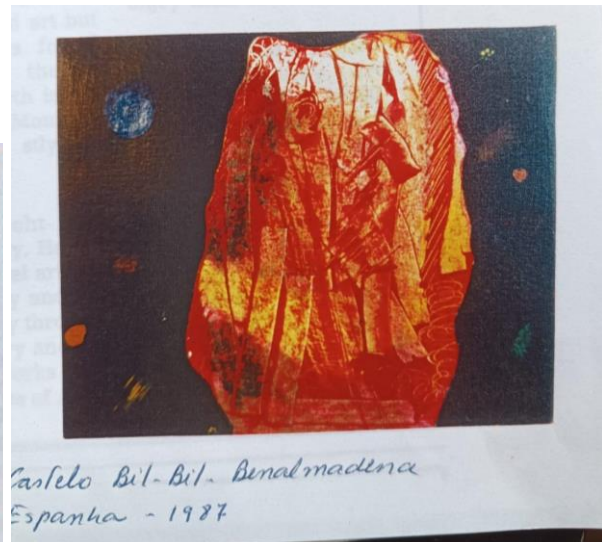
Quadro 5: Sem título



Quadro 6: Sem título



Fonte: Acervo da família.



Em seu livro “Criatividade e Processos de Criação”, a artista, teórica da arte e professora Fayga Ostrower diz:

Dentro de nossas possibilidades procuramos alcançar a forma mais ampla e mais precisa, a mais expressiva. Ao transformarmos as matérias, agimos, fazemos. São experiências existenciais - processos de criação - que nos envolvem na globalidade, em nosso ser sensível, no ser pensante, no ser atuante. Formar é mesmo fazer. É experimentar. É lidar com alguma materialidade e, ao experimentá-la, é configurá-la. Sejam os meios sensoriais, abstratos ou teóricos, sempre é preciso fazer. (FAYGA, 2014, p. 69)

A respeito de suas obras, percebo um constante “formar e fazer” contato da Nena com a natureza, às formas e cores que ela privilegia em seus trabalhos sobressaem texturas e movimentos próprios do caos organizado que parecem somar células e emaranhados de plantas. As cores matizadas e puras demonstram potência, os traços

sobrepostos sutileza. Sabendo que Nena era apreciadora do macro e do micro, fico tentando imaginar como se dava o seu processo criativo. As pesquisas que embasam seu trabalho artístico, as imagens cósmicas que inspiraram suas criações. Observo muito respeito e observação silenciosa em suas produções. Uma solidude que Nena parece buscar nesse momento de vida na Espanha.

No ano seguinte, em 1987, o grupo Fermenta realiza uma nova exposição coletiva. O grupo composto por Hilda Ochoa, Manel D'Febre, Monica Malbec, Horst Albrecht, Tove Hedlund e Nena Leonardi. Além deles, chama a atenção a presença da poeta Elizabeth Bishop como artista do grupo. Em um panfleto branco de 20 cm com letra azul de 4 páginas, mais capa e contracapa apresentam a nova exposição:

El colectivo Fermenta integrado por artistas de Colombia, Brasil. Suecia, Reino Unido, Dinamarca, Alemania y Españã, todos ellos residentes en nuestra provincia, demuestra una vez mas que el arte es un vehiculo de comunicacion que no conoce fronteras.

Figura 7: Panfleto grupo fermenta



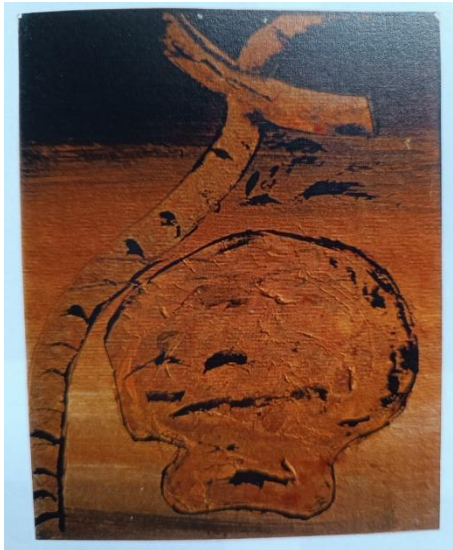
Fonte: Acervo da família, 1987.

O Texto que abre o folder de divulgação de uma exposição do grupo cita “6 al 25 de junio” sem falar o ano, e conta com a imagem de 6 obras de arte sem especificar a autoria de cada uma. A exposição aconteceu na “Sala de Exposiciones- Departamento de Residentes Extranjeros Comercial Calahonda Playa Urb. Sitio de Calahonda Mijas-Costa”.

Na descrição da exposição o texto continua: “*Cinco mujeres y dos hombres componen este grupo tan internacional con técnicas y estilos diferentes como: abstracto, expressionismo, impresionismo, surrealismo y como complemento ceramica. Todo un ejemplo de convivencia*”. Novamente eles divulgaram no jornal *Costa del Sol*, na edição de 5 a 11 de junho de 1987. No capítulo dedicado a apresentar a artista Nena Leonardi a única alteração é a informação adicional de que Nena estudou arte no Brasil e em Paris.

Na pesquisa sobre o artista Roerich, Nena coloca a imagem de três obras de sua autoria que estavam na exposição:

Quadro 7: Sem título.



Quadro 8: Sem título.



Quadro 9: Sem título.



Fonte: Acervo da família.

A exposição ocorreu um pouco antes da família voltar ao Brasil, pois no mesmo ano, em 1987, Nena começou a trabalhar no Centro de Produção Cultural e Educativa - CPCE na Universidade de Brasília (UNB), vinda de transferência da Universidade da Paraíba (UFPB). A partir desse momento, as informações e documentos sobre a produção artística se tornam mais espaçadas e quase raras durante a década de 90. Nena trabalhou no CPCE até 1990, quando retornou para a sala de aula como docente de arte no Instituto de Artes Visuais- IDA da própria UNB, onde ficou até 1998. Em seu currículo, ela relata participar nesta época de projetos ligados ao audiovisual, como no projeto com os alunos utilizando técnicas de Norman McLaren e produção de vídeo para o ensino de violão que relatei no capítulo anterior. Em entrevista, Rodrigo fala sobre este período:

No Brasil quando voltamos para Brasília, ela reassumiu a identidade de professora, então ela não produziu mais com a mesma intensidade. Ela passou mais a ser alguém que pensava, interpretava e olhava a arte do que produzia. O ateliê passou a ser o cantinho da Nena com armário e coisas dela. Mas nunca conversei com minha mãe sobre isso, raramente, era mais coisas de mãe e filho. Comecei a perceber uma fase em que ela era menos artista produtora, e mais intelectual de pensar a arte. Acho que ela conseguiu a intersecção entre as duas pessoas que ela era, se antes de ir para Espanha era professora e talvez nas horas vagas artista e depois na Espanha só arte. Quando voltou para Brasília teve essa junção com esses dois mundos. (Entrevista: Rodrigo Leonardi, filho, 09/03/2023)

Dediquei-me a entender porque a partir de seu retorno ao Brasil, a sua construção enquanto artista, com uma obra, exposta ao público, cedeu lugar à intelectual da arte, como diz Rodrigo, afinal Nena acabara de voltar de um contexto totalmente imerso no mundo da arte na Espanha para um momento menos produtivo artisticamente. Perguntei nas

entrevistas para alguns alunos e amigos o que observaram a esse respeito. Luciana Mesquita, aluna que se tornou amiga disse:

Então, a Nena era muito discreta com o trabalho dela, e ela guardava como se fosse um segredo. Dizem que a natureza adora se esconder. (...) Agora as obras dela, ela escondia, guardava dentro desse quarto que tinha essa mala debaixo da cama. Era um espaço privado dela. A gente quase não entrava lá. Acho que entrei uma vez. Acho que ela me mostrou uma obra uma vez. Mas era uma coisa secreta. (Entrevista: Luciana Mesquita, aluna da Nena, 20/03/2023)

Perguntei para sua colega e amiga Deis Siqueira se já havia visto alguma de suas obras:

Nunca, apenas essas imagens, muitas obras tinham sido vendidas na Europa, só tinha essa referência. Poderia até ter na casa mas nunca fui apresentada. Era uma coisa do passado e um desejo de futuro, e eu frequentava muito a casa deles. (...) Ela foi uma professora brilhante, os alunos amavam, ela dava cursos super diferentes, criativos, saía com os alunos pelo campus, mas na pintura ela se anulou, nunca vi um cavalete naquele apartamento. (Entrevista: Deis Elucy Siqueira 29/05/2023)

Já Tânia Montoro, a colega e conterrânea de Nena da cidade de Anápolis, mostra outra dimensão de seu trabalho artístico, sobre o qual poucas pessoas têm conhecimento: a estamparia. Ela conta:

A Nena pintava tecidos, inclusive tinha uma echarpe que sumiu na minha mudança para Brasília, de seda que ela fazia com tintas naturais, linda, manchada, pintada à mão. Ela tinha uma relação muito forte com as cores, foi a primeira pessoa que me disse que eu deveria usar a cor roxa, pois sou feminista. A Nena nunca foi uma colorista de amarelo, vermelho, pelo menos que vi, eram cores mais sóbrias, um rosa mais escuro, lilás e eram tintas naturais. Ela dizia que não podia sentir o cheiro de produtos químicos então ela pintava utilizando pigmentos naturais. A Nena não se definia como artista, eu várias vezes a defini, ela era uma artista, tinha uma obra interessante. (Entrevista: Tânia Montoro, amiga da Nena, 05/05/2023)

Esse depoimento mostra uma atenção de Nena à exploração e pesquisa dos materiais (tintas com elementos da natureza, tecidos), na produção de peças às quais damos certo valor utilitário (a echarpe) que às vezes deixam à sombra o valor artístico. Tais observações de Tânia também dizem algo sobre a escolha de cores e sobre a valorização do discurso feminista da amiga.

Assim, se a produção artística, política e intelectual possibilita criar o novo, o artista e o sujeito nunca inventam sozinhos, pois se encontram envolvidos em uma rede e um repertório cultural que circunscreve e delimita as possibilidades de sua atuação. (SCHWARCZ, 2013, p. 64)

Victor explica que quando Nena começou a produzir seus quadros e vendê-los, ele insistiu para que criasse sua própria assinatura. Ele calcula que ao longo de toda a vida, ela deve ter produzido cerca de 60 ou 70 quadros. Uma produção feita nos últimos 20 anos de vida, segundo Victor, e ela não pensava em comercializar suas obras, apenas expor seus sentimentos e intuições nas pinturas, que algumas vezes eram dadas de presente para amigos. A ausência da internet e redes sociais naquele momento dificultava a divulgação do trabalho. Victor diz na entrevista que a incentivava a montar exposições, mas ela produzia para sua própria satisfação e pouco pensava em quem veria seu trabalho. Por outro lado, quando o amigo que conheceram na Espanha Brian Codling foi visitá-los em Brasília e se ofereceu para levar alguns dos quadros para a Inglaterra, vendê-los e mandar-lhe o dinheiro, ela aceitou. Brian levou sete ou oito quadros para a cidade de Beaconsfield, onde morava.

Em oposição à ideia de que Nena deixou de ser artista quando voltou ao Brasil, podemos ver também o depoimento de Juliana, sua filha, quando conta que sua mãe a levava muito para o Jardim Botânico de Brasília levando uma lupa e uma caixa na qual recolhe elementos que serviriam para as próximas produções criativas dela. Folhas e sementes serviam de inspiração para suas pinturas em cores, formas e texturas. Coisas que ela fez no micro e no macro:

Ela estava sempre observando e contemplando livros de artistas, as obras de arte. Ela já tinha viajado muito, visto isso nos museus, mas sempre estava olhando. A diferença entre meus pais: ele era da palavra escrita, a minha mãe do olhar, e não tanto da palavra. Assistia a muitos documentários sobre o cosmos, sobre o universo e o que interessava para ela, se observar as obras da minha mãe, ela sempre dizia: "A arte abstrata, não é abstrata, as pessoas não entendem. (...) Uma parte de uma planta é outra obra de arte, as formas, as cores", então minha mãe observava muito isso. O que era abstrato para as pessoas ela dizia ser o mundo invisível ou o mundo infinito, coisa que nosso olhar não alcança a não ser pela tecnologia ou por algum recurso. (Entrevista: Juliana Leonardi, filha, 17/10/2022)

Foi a partir desse relato da Juliana que nasce o título desse capítulo: Artista do Invisível. Nena está sempre observando esse macro e esse micro do universo que nos é invisível aos olhos. Mesmo com as demandas cotidianas, Nena está atenta em sua arte aos detalhes que passam despercebidos da maioria dos seres humanos que habitam essa

terra, elementos invisíveis a olho nu, o que pode muitas vezes ser considerado abstrato, na verdade, pode ser apenas uma forma de olhar para além do que é visível e Nena percebia o mundo e o traduzia em arte dessa forma. Clarice Lispector (1999) diz: "Tanto em pintura como em música e literatura, tantas vezes o que chamam de abstrato me parece apenas o figurativo de uma realidade mais delicada e mais difícil, menos visível a olho nu".

Recorrentemente, nas entrevistas, ouvi relatos sobre essa percepção sutil. Isaque de Carvalho, aluno de Victor com quem o casal viajou para a Grécia em comemoração à aposentadoria relata:

O Victor falou sobre uma ocasião em que Nena adoeceu e ficou acamada, mas não queria parar de produzir, então adaptaram a cama de modo que a Nena pudesse estar inclinada fazendo suas experiências e seus trabalhos. Nessa ocasião, Victor me disse que ela estava desenvolvendo algo que não gostaria de chamar de técnica, se não vamos entrar na *techne* e não é o caso agora. Começou a desenvolver uma prática, um ímpeto, que era observar o microcosmo dos objetos através de uma lupa, o que ela ia descobrindo para si, formas que lhe pareciam muito relevantes para seu trabalho, para sua sensibilidade de poeta, de artista. Lembro de alguns objetos que Victor falou, mas um deles chamou-me muita atenção, que foi uma fatia de melancia. Tenta imaginar, Amanda, a sequência de cinema. A Nena ao comer a melancia ia observar as formas, inclusive as abocanhadas conjugado com seu interesse do macrocosmo, entre o macro e o micro para tentar pensar e sentir sua poesia, e isso sim me lembro bem. Mas não cheguei a ver obras da Nena, ainda que tenha frequentado a casa deles. (Entrevista: Isaque de Carvalho, aluno do Victor, 11/04/2023)

Pensando nos relatos feitos por Victor Leonardi e alguns entrevistados, pergunto para Juliana:

Amanda: Seu pai relata que em Brasília ele incentiva: "Vamos colocar nome nas obras?!... Vamos procurar um lugar para expor?!...". Você acredita que ela se via como arte educadora e não sentia vontade de ser uma artista aberta para o mundo? Ela gostava de pintar para ela mesma?

Juliana: Não... Não sei se é isso. Como vejo minha mãe: ela foi uma educadora muito sensível que marcou a vida de muitos alunos, os alunos dela eram alunos de arte, de escultura, artes plásticas, de teatro ou de dança. Pessoas envolvidas com a arte. Foi uma educadora quase terapeuta. Muito sensível pelo vínculo que eles mantinham com ela. Acho que marca mais a contribuição que ela deixou. Ela queria pintar sim, mas às vezes estava muito cansada. Estava envolvida com muita coisa, sendo professora e demandas do meu pai, ela realmente ficava cansada para a produção dela. Ela se via como artista plástica, mas não com a mesma necessidade que meu pai tinha de compartilhar a literatura dele com o mundo. Não sei... Não posso te dar essa resposta com muita facilidade. Talvez minha mãe tivesse esse desejo, tenho que dar mais uma olhada no diário dela. Ela não conseguia voltar a se organizar para pintar, ela teria que delegar. (Entrevista: Juliana Leonardi, filha, 17/10/2022)

Em 1996, Nena passou por uma licença sabática de 6 meses pintando e viajando pela região Amazônica. Isabella Fagundes, aluna de Victor, fica muito próxima de Nena durante a viagem e conta sobre seus momentos artísticos ali:

Sempre lembro dela com um pequeno pedaço de papel experimentando texturas, linhas, pintando paisagens, muitas coisas abstratas, desenhando o formato do rio. Uma liberdade de experimentar... de pintar...Lembro da mãozinha dela pegando folhas, areia, passando a mão nas texturas das árvores, das edificações antigas, sentindo o vento do rio, vendo o movimento na água nos passeios de barco, ela era muito sensível. Ficou muito forte em minha memória essa experimentação sensorial da Nena na vida e tentando expressar isso na arte dela. Em Manaus tive a oportunidade de ver essa Nena mais artista, companheira do Victor, mas mais artista. (Entrevista: Isabella Fagundes 03/05/2023)

O olhar de Isabel mostra, a partir da observação dos gestos e da relação de Nena com a natureza e a paisagem, uma artista e pesquisadora da arte extremamente sensível. Em nosso presente, quando a relação entre arte e natureza está tão em evidência, inclusive pela percepção contemporânea de nossa escalada rumo à inviabilidade do planeta pela ação humana, a percepção artística de Nena se mostra à frente de seu tempo.

Nena não só tinha essa ligação com a matéria e o trabalho por meio da tinta e do pincel, como também passou a produzir artisticamente através das lentes, fotografando, filmando e editando as pesquisas que Victor estava realizando ali na Amazônia.

A dedicação ao audiovisual foi se intensificando e Nena começou a ajudar na produção de trabalhos cinematográficos de Victor e amigos. Foi convidada a ser pesquisadora do filme “Hollywood no Cerrado” que conta a história de atrizes de Hollywood que se mudaram para Anápolis, sua terra natal, filme dirigido por sua amiga Tânia Montoro e por Armando Bulcão. O filme teve sua estreia após a morte de Nena e foi feito em sua homenagem, ganhando vários prêmios, inclusive de arquivo de melhor filme no I Festival de Cinema de Anápolis em 2011. Nena também acompanhou Victor quando ele virou roteirista. Ao perguntar para Rodrigo por qual motivo ele acha que ela não seguiu exclusivamente nessa área, ele responde:

Ela foi, de certa forma, pois meu pai começou a inventar de conhecer alguns cineastas em Brasília para fazer documentários. Depois, ele começou a fazer roteiros profissionalmente. Minha mãe fazia uma espécie de produção. Ela fazia para a carreira dele o que não fez na dela. Ajudava a resolver contratos, procurava alguém para digitar, pois meu pai escrevia manualmente. Ela atuou como secretária para a vida dele funcionar. Então ela teve, ficou no que eu chamaria de produção: sem ela

o cineasta não consegue fazer nada, mas não assumia como profissão. (Entrevista: Rodrigo Leonardi, filho, 09/03/2023)

É muito difícil especular sobre os motivos pelos quais ela também não se encorajou a participar do roteiro. Talvez fosse por uma questão de interesse, mesmo: como disse Rodrigo, seu pai era quem gostava de trabalhar com as palavras. Mas o trabalho com o olhar, de Nena, não poderia dar a ela também um espaço no roteiro? Talvez, hoje, à luz da discussão das lutas das mulheres no audiovisual, poderíamos imaginar uma Nena encorajada a participar ou a desenvolver seu próprio roteiro, vislumbrando outro papel, além do também fundamental da produção. Ou ainda, talvez também à luz dessas mesmas lutas, ela pudesse ter mais valorizada essa atuação profissional enquanto produtora.

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (BOURDIEU, 1986, p. 189)

Como Bourdieu traz aqui, a compreensão sobre os caminhos que aproximam Nena de distintos meios de criação artística ao narrar sua biografia são complexos. O que busco ao longo do texto é buscar elementos que tentem explicar essas relações.

Luciana Fagundes, que foi aluna da Nena do curso de Artes Plásticas em 1991 confirma:

Não conheci as obras de arte da Nena, ela não apresentou nas aulas e na época não teve exposição. Eu achava que a Nena era produtora, ela fazia roteiro, fotografia, ela acompanhava as filmagens, as produções cinematográficas, divulgação, relações públicas, gráfica, etc. Quando a conheci, ela estava muito envolvida na produção dos livros, filmes e vídeos do Victor. Ela não falava que era produtora, mas tudo indicava que sim. Acho que ela fez esse papel total de produção. Todo esse arcabouço de imagens a contatos. Chegava na casa dela tinha pilhas de livros do Victor, cartazes, ela participava dos lançamentos. Não sei até que ponto ela participava na edição, do texto, das imagens... (Entrevista: Luciana Fagundes 11/05/2023)

Em março de 1998, Nena aposentou-se na Universidade de Brasília (UNB) e em junho do mesmo ano, viajou com Victor e alguns alunos para a Grécia, conforme relatado no capítulo anterior. Ali ela escreveu a última carta a que tive acesso a respeito de seus planos para o futuro e reflexões pessoais, a qual transcrevo a seguir:

Ilha de Samos, 13 de junho de 1998. Sábado 18:00hs.

Estávamos sentados eu e o Victor em um restaurantezinho de “mèze” no final da nona rua, ouvindo música brasileira em frente ao mar Egeu. Eu olhava as montanhas orientais da Ásia Menor, quando ele disse: - Tic, você vai escrever sobre sua vida para tornar-se “Nenilda” inteira completa. E vai começar HOJE!

Ele falou assim porque nos últimos dias temos conversado muito sobre o processo de individuação.

Nosso quarto está cheio de palavras, de fogo e de pedras. Sábios, filósofos, pitonisas vem sempre nos visitar nas noites de lua cheia! E nós tentamos vislumbrar cada um a seu modo, o caminho que nos leva ao centro.

O Tic (assim é chamado por mim desde que me apaixonei por ele), está mais avançado pelo caminho das palavras. Eu vivi mais as cores, reflexos da matéria iluminada. Mas, vivi tão intensamente, que tive revelações da origem do universo, da formação da matéria e da vida. Foi tão forte, tão completa, tão numinosa, que bastou aquele momento. Não consegui recriá-lo mais com tanta alegria e emoção. Ficou na memória e sempre volta quando quero. Então fico arrepiada, um “vento” percorre a espinha, o coração bate mais forte e saem lágrimas de euforia dos meus olhos. Revejo novamente as explosões coloridas como fogos de artifício, ouço as tempestades, e fico quietinha contemplando tudo. Tenho a sensação a criar e dar luz à vida. Este universo todo está comigo, dentro do meu coração.

Na lua cheia do dia 9 de junho eu havia conseguido em um momento de completo silêncio recriar tudo isto novamente. E... eu me apaixonei outra vez! Pedi o Tic em casamento e nos casamos novamente entre a lua, o amanhecer e champagne com caviar.

Fui muito feliz neste momento, e é com esta explosão de vida e alegria que quero começar a falar sobre minha vida”.

Nena então desenha um traço na carta de 4 folhas e começa:

Nasci no carnaval de 1942 (10 de fevereiro) no Hospital Evangélico de Anápolis do Dr, James Fanstone, médico inglês que decidiu viver no cerrado goiano e ali criou a melhor escola de enfermagem do Brasil daquela época.

A autobiografia se encerra aí, as páginas seguintes são folhas em branco. Na última página existe um parágrafo no qual Nena explica sua proximidade com a arte e está riscado com um “X”, que transcrevo aqui pois a escrita não está rasurada e considero relevante para entender seu processo de formação artística:

Quando decidi em 1982 trabalhar com as cores e as formas, estava com as palavras entaladas na minha garganta. Até hoje, elas, às vezes, teimam em não sair. E eu fico pensando, pensando, sem conseguir que elas se organizem de forma coerente.

Em seguida ela finaliza com um parágrafo, agora cheio de rasuras como um esboço de ideias que ela tenta organizar a respeito de como enxerga sua trajetória artística:

Não quero entrar em nenhum modelo e nem submeter meu trabalho criativo a classificação de estilo, contemporaneidade, moderno, pós-moderno, vanguarda... pós vanguarda ou outros.

Quero ser livre para criar sem preconceitos ou conceitos. Quero ser feliz! A arte existe para a busca do conhecimento com alegria, sem fragmentações e classificações. Ao transpor o espaço e criar um tempo diferente para o desenvolvimento da minha arte, quero manifestar a vida e sei uma pequena (pequena mesmo) luz de esperança desta matéria pensante que somos todos nós.

Essa folha em papel sulfite, que não sabemos se foi de fato escrita no mesmo dia e toda na Grécia, por conta das páginas em branco. Mas fica evidente que existe para Nena um anseio por contar sua biografia, já que na própria carta ela parece contar para alguém que leria no futuro sua trajetória de vida, ainda que não tenha dado continuidade no texto. Outro ponto que trago aqui é a ligação clara que Nena faz da arte com o místico e o espiritual, relacionando sua experiência criativa com as experiências sobrenaturais sobre a criação do universo e que podemos ver claramente nos temas de suas obras voltados para o macro do universo com elementos, de sol, estrelas e constelações, e também da micro natureza terrestre com elementos ampliados de folhas e texturas de galhos.

Talvez por isso, após esse momento, Nena decide no ano seguinte pesquisar a biografia do artista russo Nicholas Roerich. Apesar de ser a proposta de uma pesquisa acadêmica, a forma como ela compõe os materiais da pesquisa assemelha-se a um tipo de residência artística que ela gostaria de fazer para se debruçar sobre o trabalho artístico e espiritualista de Roerich. Esse tema não surge de uma hora para outra, Nena parece que já havia anos que estava lendo e pesquisando sobre seu trabalho como relatam algumas pessoas que entrevistei. Teresinha Ribeiro conta que, em 1986, mudou-se para Brasília:

Nesse período Nena me introduziu a leitura Agni loga (1929), Coração (1932), livros de memórias psicografadas por Helena Roerich, esposa de um grande pintor Nicholas Roerich suas luzes se refletiram no plano da consciência pessoal, a partir dessas leituras mais tarde essa influência seria gravada no quadro mesa de cabeceira que compus. (Entrevista: Teresinha Ribeiro, amiga da Nena, 04/04/2023)

Sobre o interesse pelos temas da espiritualidade, vale lembrar do depoimento de Deis Siqueira, citado no capítulo anterior, quando conta da pesquisa em que trabalharam juntas sobre a onda mística da terra prometida nos arredores de Brasília e da chegada na década de 90 dos muitos grupos esotéricos em Alto Paraíso.

Sobre essa pesquisa sobre Roerich Juliana Leonardi comenta:

A minha mãe tinha uma relação muito forte acompanhando a obra, tanto artística quanto de história de vida e ensinamentos, do Nicholas Roerich, tanto que, no final da vida dela, ela fez um projeto, que acabou não dando certo, sobre arte e espiritualidade na obra do Nicholas Roerich, que foi um grande artista, historiador, foi um homem muito completo, como Leonardo da Vinci, e ele teve uma vivência especial no oriente, ele pintava muito as montanhas... tem o museu Roerich em Nova Iorque que minha mãe visitou. Ele foi um homem junto com a Helena Roerich que propunha um caminho de cultura de paz, de incentivar profundamente a apreciação, a diversidade, de acreditar que a arte, o belo poderia unir os povos. Ele apreciava a diversidade religiosa, científica, filosófica, quanto artística como um patrimônio da humanidade. Algo que toda humanidade teria direito de preservar esse patrimônio. A espiritualidade dele também era muito especial pois ele vivenciava dentro desse contexto. (Entrevista: Juliana Leonardi 17/10/2022)

O documento datado de 26 de agosto de 1999, no qual Nena solicitou seu enquadramento como pesquisadora adjunta, conforme expliquei no capítulo anterior, evidencia os interesses artísticos dela, na proposta de pesquisa que tem como título: “ A arte e a integração de culturas: Nicholas Roerich (1874-1947) ”. No projeto, ela conta como surgiu seu interesse pela pesquisa:

O interesse na realização desta pesquisa, é fruto deste trabalho em sala de aula, onde a análise dos símbolos e linguagens utilizadas por diferentes artistas, nos colocou em contato com este universo de busca do conhecimento através da arte. Optei por este motivo, por um estudo de caso escolhendo Nicholas Roerich, (sua obra artística, seu pensamento, sua vida), como expressão do tema “A arte e a integração de culturas”.

O trabalho artístico de Nena parece aproximar-se do trabalho de Roerich no que diz respeito à paleta de cores e temas ligados à natureza, já que o artista viveu por muitos anos no Himalaia e pintava suas paisagens. Entretanto, não podemos dizer precisamente se Nena produziu alguma tela inspirada nas obras de Roerich já que as obras a que tenho acesso datam de antes de seu intenso interesse pelos trabalhos do artista.

Relembrando o já mencionado no capítulo anterior, em 2001, Nena acompanhou Victor durante um semestre em Berkeley, na Universidade da Califórnia, pois ele foi convidado como professor visitante para lecionar na universidade. Victor conta que Nena aproveita o momento para descansar e curtir seus hobbies de leituras e filmes pelo campus, já que a pouco acabara de se aposentar e não houve aprovação a pesquisa sobre Roerich,

conta ainda que Nena se preparava para ingressar na vida artística quando regressassem ao Brasil, quando iam morar no Rio de Janeiro.

Infelizmente, após a viagem que fizeram pela Europa de férias depois dos meses nos Estados Unidos, o estado de saúde de Nena se agravou e ela veio a falecer.

A escrita desse texto sobre a trajetória artística de Nena Leonardi foi um misto de desafios e belezas, exigiu uma resiliência imensa dada a complexidade para levantar materiais e fontes de forma que construísse uma narrativa coerente com os dados disponíveis. Me identifico quando Suely Kofes (2001) diz que “a memória se constrói no jogo entre lembranças e esquecimentos e, no plano dos agentes, no embate entre o que é lembrado e o que é esquecido, entre o narrável e o inarrável”. O trabalho de reunir e entrelaçar cartas, documentos e entrevistas só foi possível porque Nena tinha suas memórias mais importantes organizadas em uma pasta e Victor a guardou por vinte anos.

E segundo esse material podemos concluir que Nena foi uma artista do sensível, recolhia no invisível, elementos para compor suas obras sobre o macro e o micro. Trabalho tido como abstrato, como ela mesma se apresentou algumas vezes, mas que o sentido da palavra se demonstra muito mais concreto e com uma representação precisa da realidade natural.

3 POR OUTRO OLHAR

O primeiro entrevistado da pesquisa foi Victor Leonardi, esposo da Nena, de forma remota em três encontros com duração de aproximadamente 3 horas, nos quais ele narra de forma detalhada como foi a vida dele com Nena desde que a conheceu até os momentos que considerou mais importantes de sua trajetória enquanto artista e educadora.

No início da pesquisa minha ideia foi colocar seu texto no primeiro capítulo já que era a fonte mais completa a que tive acesso naquele momento, dada a falta de outras pesquisas ou documentos que comprovem o trabalho que Nena realizou. Foi somente no final da pesquisa de mestrado que tive acesso aos documentos que Nena havia guardado e a outras fontes que me ajudaram a escrever os dois capítulos anteriores. Considerei que a inversão da ordem dos capítulos permitia dar mais visibilidade ao trabalho e à trajetória docente e artística de Nena.

E como seria o primeiro capítulo e talvez o único com informações mais completas sobre a vida da Nena, achei por bem na época transcrever a entrevista em forma de texto na terceira pessoa com a ideia de apresentar a leitura em forma de uma história biográfica. Mesmo com as mudanças da pesquisa, decidi aqui manter o texto como o havia preparado anteriormente.

Muitas informações que Victor traz não se encontram nos documentos e considero precioso pela riqueza de detalhes com que conta as histórias que viveram desde a adolescência, quando se conheceram, o período da ditadura militar até os anos vividos na Europa. Nem mesmo os filhos ou amigos entrevistados conseguem ser precisos de forma tão linear e cronológica, por uma característica que considero primordial para o relato, a formação de Victor como Historiador e Roteirista.

Fiz a divisão do capítulo em duas partes pela própria natureza da história de vida deles, mas não realizei nenhuma intervenção ou interpretação no texto, que contém somente a história que Victor conta durante a entrevista, que foi aberta e com pouquíssimas perguntas minhas, já que Victor parecia ter o roteiro pronto em mente do que seria contado para a pesquisa, sem momentos para interrupções.

Dessa forma é importante frisar a memória construída pela perspectiva de Victor, diante do contexto histórico e social em que se encontravam. Elizabeth Jelin descreve: “La memoria tiene, entonces, un papel altamente significativo como mecanismo cultural para fortalecer el sentido de pertenencia y. a menudo, para construir mayor

confianza en uno/a mismo”. (Jelin, 2020, p. 563). Tendo sempre em vista que a história da Nena contada por seu companheiro de vida, faz parte de um conjunto de dogmas e está sendo narrado vinte anos após seu falecimento. Podemos perceber que ao falar de Nena, Victor fala dele, pois enxerga o mundo e as histórias que viveram através de suas lentes e não das dela. De igual maneira nós assim o fazemos. Portanto a leitura do texto se faz de forma individual e seu imaginário é um processo de construção constante de acordo com as referências do leitor.

3.1 Do interior de Goiás para o exílio

Nenilda Garcia Marinheiro, que passou a se chamar Nenilda Marinheiro Leonardi após o casamento, conhecida desde pequena como Nena, nasceu em 1942 no centro oeste do Brasil na cidade de Anápolis em Goiás com 40 mil habitantes. Repleta de carroças carregando sacos de arroz, era conhecida como *boca do sertão* pois possuía a estrada de ferro que ligava Anápolis, grande produtora de cereais, a São Paulo fazendo conexão com Araguari em Minas Gerais.

A mãe da Nena dona Néscia Garcia nasceu em Araguari, seu pai era imigrante espanhol da Galícia e sua mãe de família italiana, foi professora de escola primária, e o pai da Nena conhecido como Nivaldo Marinheiro foi comerciante atacadista de cereais, nasceu na cidade de Caicó no Rio Grande do Norte, filho de mãe descendente indígena e pai descendente de holandês.

Além de Nena, sua mãe teve apenas outra filha, 10 anos mais nova. Héliida nasceu em 1951, em era em alguns aspectos bem diferente da irmã, inclusive fisicamente, pois nasceu loira dos olhos azuis, características da família do pai de origem holandesa.

Quando completou 11 anos, Nena terminou o primário e foi para São Paulo fazer o ginásio em um colégio interno de freiras italianas chamado Santa Marcelina no bairro de Perdizes, na rua Cardoso de Almeida, ela passou 4 anos ali. Após concluir o ginásio, o pai quis que continuasse estudando e ela optou pelo curso científico pensando em prestar vestibular para medicina. Ingressou no Colégio Bandeirantes, onde conheceu seu futuro marido no terceiro ano, Victor Leonardi (1942), que também pensava em estudar medicina.

Nena ficou morando com sua tia que havia se mudado para o bairro da Aclimação, na cidade de São Paulo.

Ao final do curso científico desistiu de ser médica e voltou para casa de seus pais para prestar vestibular de pedagogia. Em 1961, mudou-se para a cidade de Goiânia e começou a cursar pedagogia na Universidade Católica.

Apesar da mudança de cidade, Nena manteve o namoro com Victor que também desistiu da medicina. Ele optou pela profissão inspirado em seu pai, que era médico formado em Salvador no ano de 1933. Victor falou para a família que não iria mais estudar, mas seguir por um caminho diferente, então comprou 596 hectares de terra no município de Una, no sul da Bahia, com a ajuda de amigos do pai e começou a plantar seringueira com 18 anos. Com a falta de êxito econômico na empreitada, decidiu cursar Direito em Ilhéus. Durante esses três anos na Bahia, ele e nena encontraram-se apenas duas vezes, mas mantiveram contato por cartas, semanalmente.

Pode-se dizer que a inspiração artística que Nena teve ao longo desses anos surgiu de uma forma bem peculiar. Vinda de uma família simples de trabalhadores, nenhum familiar se interessava pelo ofício artístico, porém, na década de 30, o sertão de Goiás, em Anápolis, atraiu a atenção da atriz norte-americana Joan Lowell que foi parar na cidade em busca de contato com a natureza, tribos indígenas e um clima de faroeste. Muitos famosos saíram dos Estados Unidos para conhecer o lugar, Mary Martin e Janet Gaynor também foram figuras ilustres que moraram por um tempo na cidade.

Nena ia ao cinema três vezes por semana: a primeira forma de arte com a qual ela teve contato foi o cinema e atrizes como as famosas hollywoodianas que viviam a uma quadra de sua casa e ela conhecia como dona Janete e dona Joana. Ainda assim, ela nunca teve interesse em trilhar essa carreira.

Nena sempre quis fazer um filme ou documentário, era cinéfila, assistia sempre dois filmes antes de dormir quando já era possível alugar nas locadoras anos mais tarde. Naquela época não teve possibilidade, ao contrário de Victor que virou roteirista de filmes importantes que chegaram até Cannes, inclusive um filme que conta a história dessas três atrizes.

Outro interesse da Nena era pelo estudo da mente, naquele tempo não existia o curso universitário de psicologia apenas disciplinas ligadas à psicologia educacional no

curso de pedagogia. Ela lia Freud e no fim da vida se aproximou ainda mais com leituras de Jung.

Quando se formou, ela se tornou professora do colégio estadual de Anápolis e dava aula de Filosofia dentre outras disciplinas. Victor voltou para São Paulo no início de 1964 e transferiu o curso de direito para São José dos Campos.

Antes disso, ainda em Una, Ilhéus, na Bahia, juntamente com colegas, Victor criou um pequeno jornal chamado o Senhor Democrata patrocinado por eles mesmos para debater questões de exploração rural nas fazendas da redondeza. Quando Victor estava em São Paulo, soube que seus amigos foram presos por conta do jornal.

Com 21 anos decidiram se casar e começaram os preparativos. Junto com seu pai Victor foi até a Anápolis, em 1965, realizar o jantar de noivado e oficializar o pedido de casamento diante da família. Os planos eram que, após o casamento, realizassem uma pós-graduação no México pois queriam continuar na América Latina, mas não chegaram a encaminhar o pedido de bolsa.

No colégio estadual onde Nena trabalhava, alguns professores faziam oposição ao governo.

No dia 4 de março de 1967, quando Nena tinha 25 anos de idade, aconteceu o casamento. Nesse dia, alguns professores ligados à AP (Ação Popular Católica) do colégio em que Nena trabalhava tinham sido presos. Na saída da igreja, um dos alunos que também faziam parte do grupo chamou Victor para contar o que tinha acontecido e alertar para tomarem cuidado, já que um deles, Luiz Neto, havia sido preso com livros que tomara emprestado da Nena, sobre ficção e livros de autores como Sartre e Simone de Beauvoir, considerados subversivos. Quando chegaram em casa, o pai da Nena chamou Victor para contar que soubera por um amigo que Nena e ele seriam presos naquela noite. Havia um pedido de prisão expedido naquele dia.

Ficou acertado que o pai iria emprestar o carro e que iriam para Goiânia planejar o que poderiam fazer. Decidiram ir embora do Brasil. Foram para São Paulo, Victor pediu demissão do escritório de advocacia em que trabalhava e foi até São José dos Campos buscar o diploma de direito na secretaria da universidade que havia ficado pronto dois meses antes.

Nesse tempo, os dois já possuíam passaporte. Victor fez o seu em 1958 quando foi com um grupo de Brasileiros para os Estados Unidos estudar inglês e morar alguns meses no Alabama incentivado por seu pai que naquela época acreditava que o idioma seria um diferencial profissionalmente para o filho. Nena tirara seu passaporte para uma viagem que fez ao Uruguai e à Argentina: embora não fosse necessário passaporte na época para esses países, ela achou melhor fazer o seu, pois já haviam conversado sobre a ida ao México.

No dia 23 de março de 1967, eles atravessaram a fronteira do Brasil com a Bolívia levando menos de 1000 dólares e ficaram 7 anos fora sem ajuda financeira de nenhum familiar, numa espécie de exílio voluntário, pois eles nunca pediram asilo político. Levaram as malas, cadernos de poesia do Victor e a máquina fotográfica da Nena e foram rumo ao México.

Entraram no trem da estação da luz de São Paulo, desceram em Bauru, embarcaram no trem Noroeste do Brasil numa viagem longa de 30, 35 horas até Corumbá na fronteira do Mato Grosso do Sul e atravessaram a fronteira. Ali, havia o “trem da morte” superlotado de camponeses e bolivianos, sacoleiros que iam para Corumbá fazer pequenas compras em São Paulo, mas conseguiram embarcar em um trem chamado Litorina de apenas dois vagões, um pouco mais confortável, apesar de mais caro, que não levava ninguém em pé.

Nos primeiros dias, estavam muito assustados quanto ao que seria do futuro, com pouco dinheiro no bolso. Pensavam na família, que estava preocupada e criticando as ideias humanistas e democráticas do casal, pois tanto a família da Nena quanto do Victor eram bem conservadoras em termos de ideias. Eles viraram uma espécie de “ovelha negra”, pois após cursar a faculdade e “abandonar” o diploma foram embora com a polícia atrás deles, tornando-se “uma vergonha” para os pais.

Com a linha de trem Litorina foram até Santa Cruz de La Sierra, passaram dois dias, seguindo para Cochabamba, ficaram mais dois e seguiram para La Paz. No caminho o ônibus quebrou. Depois de horas na estrada esperando, passou um caminhão com carroceria vazia: os indígenas subiram no caminhão e eles subiram também, uma viagem de seis horas congelando até chegar em La Paz. A partir daí, os dois começaram a estudar a fundo a América Latina, visitaram muitos museus, conheceram Tiuanaco perto do lago de Titicaca, foram se envolvendo com a história e a arte pré-colombiana.

Dali foram de ônibus por estradas bem estreitas com altura de mais de 4 mil metros do lago de Titicaca em direção a Arequipa no Peru, e depois para Lima. Do ponto de vista cultural foi se ampliando a consciência latino-americana a cada lugar que passavam e ao museu que visitavam. De Lima foram para o Equador, atravessaram o norte do Peru, acompanhando o pacífico de ônibus. Da cidade Tumbes foram para Guayaquil, no Equador, em um pequeno avião.

Em Guayaquil, conheceram um equatoriano, que também era estudante e estava na cidade para um congresso estudantil e os convidou para ir a Quito. Lá, ele os apresentou a alguns amigos na Casa de La Cultura Ecuatoriana que era frequentada por universitários, escritores e poetas. Victor conseguiu trabalho na Casa de La Cultura como tradutor de inglês e Nena fabricava e vendia artesanato e bijuterias.

Em Quito, conheceram o poeta Ulisses Estrella, o romancista Pedro Jorge Vera e o artista Oswaldo Guayasamín que os receberam muito bem. Conseguiram ficar na residência estudantil da Universidade Nacional no setor para estudantes casados, estrangeiros e visitantes. Ficaram ali durante três meses para juntar dinheiro e foram para a Colômbia.

Guayasamín, que já era um artista conhecido, soube que estavam arrecadando dinheiro para a viagem, e os chamou a sua na casa, doando então um desenho que seria oferecido para uma mulher que trabalhava na embaixada da Alemanha e que certamente compraria a obra pelo valor que eles mesmos definissem. Assim o fizeram.

Passaram alguns dias em Cali, já na Colômbia, e seguiram para Bogotá. Chegaram com várias cartas de recomendação de escritores, artistas e amigos que fizeram no Equador para trabalhar durante os três meses que passaram por ali. Victor trabalhou como tradutor, e no jornal El Espectador. Também ficaram na residência estudantil da Universidade Nacional com direito ao ticket de refeição do restaurante universitário. Nena fez amizade com um norueguês dono de um pequeno restaurante que lhe deu dicas para aperfeiçoar e vender mais bijuterias artesanais.

De lá embarcaram de trem para Santa Marta e depois para Cartagena das Índias. Após alguns dias seguiram viagem para a Venezuela. Atravessaram La Guajira, em seguida Maracaibo e chegaram em Caracas.

Ali fizeram contato com as indicações que receberam na Colômbia, mas foi um pouco diferente das duas outras vezes. Souberam pela universidade de um brasileiro chamado Antônio Miranda, do interior do Maranhão, que foi para Venezuela cursar Biblioteconomia na Universidade Nacional e trabalhar na embaixada do Brasil como funcionário da biblioteca que ficava dentro da embaixada. Antônio os convidou para ficar em um quarto vago de seu apartamento.

Em Caracas, Nena deu algumas palestras na Universidade Nacional de Caracas sobre parapsicologia e investigações científicas sobre fenômenos paranormais que desenvolveu com um grupo de estudantes e psicólogos ainda no Brasil, quando estava em Goiás estudando hipnose e regressão uma vez por semana. O fato de não ter falado sobre o tema nas universidades anteriores se deu pela falta de fluência em espanhol, com o qual naquele momento já estava mais habituada. Durante aqueles meses, ela criou proximidade com estudantes de psicologia e passaram a desenvolver outras experiências e manter contatos regulares e receber visitas no apartamento em que estavam hospedados.

Victor escreveu um poema em espanhol sobre Caracas para uma revista em comemoração ao quarto centenário da fundação de Caracas e passou a escrever para a revista.

Passado esse tempo na Venezuela, ainda com a ideia de ir para o México, embarcaram em um velho navio de linha de navegação espanhola que levava carga e passageiros no porto de La Guaira. Fizeram parada de dois dias em Curaçao e se surpreenderam com a arquitetura holandesa do local. A próxima parada dois dias depois foi em Puerto Rico, o tempo de descarga era aproveitado para conhecer o local. Dois dias depois chegaram em Santo Domingo, capital da República Dominicana.

Após oito dias perceberam que não seria o local ideal para passar uma temporada. Por conta da invasão de tropas brasileiras em 1965 eles não foram bem recebidos, apesar de gostarem de ter conhecido o país, não foi possível ficar ali.

Encontraram um navio cargueiro (bananeiro) alemão que iria para a Guatemala. Como este só podia levar oito passageiros, por não contar com médico na embarcação, cobraram um valor mais baixo. A viagem foi surpreendente já que eles viajaram na cabine próxima ao capitão e usufruíram de todas as regalias que eles teriam além de compartilhar experiências de vida com ele e com os oficiais que falavam inglês e alemão durante as refeições.

A primeira parada foi de três dias no Haiti, depois mais dois dias na Jamaica. Em comemoração ao feriado nacional da Alemanha, a embaixada promoveu ali uma festa para a qual Nena e Victor também foram convidados.

Desembarcaram em Puerto Barrios e subiram de trem para Ciudad de Guatemala com o endereço do médico Guatemalteco Victor Daniel España Pinheta, que Victor conheceu em Ribeirão Preto, São Paulo, amigo de seus primos que estudavam na universidade de medicina da USP e que fora até ali fazer pós-graduação sobre doenças tropicais. Ele era professor na faculdade de medicina na área de parasitologia.

O amigo os levou até uma pensão e combinou que, caso eles não conseguissem pagar a estadia, ele pagaria. Dois dias depois, Victor arrumou trabalho de radialista em uma rádio chamada Rádio Cadena 1210 dias, que emitia para a Guatemala, América Central e Caribe, como comentarista no noticiário sobre política internacional. O currículo de bacharel em direito no Brasil, os meses morando nos Estados Unidos e a fluência no espanhol o ajudaram a conquistar aquela vaga.

Nena começou a ser professora dando aulas de português para quatro estudantes da universidade que desejavam fazer pós-graduação no Brasil. A moeda valorizada os atraiu a ficar um tempo na Guatemala, para juntar dinheiro e seguir para o México.

A Guatemala estava passando por repressão e guerra civil. Victor e Nena alugaram um apartamento após sair da pensão, mas não podiam sair de casa à noite por conta do toque de recolher e do medo de bala perdida durante a madrugada. Pelo trabalho como comentarista político, Victor começou a sofrer represálias: numa manhã, às seis horas, a polícia chegou no apartamento e os levou para a dirección general de policia, lugar conhecido por tortura.

Com o interrogatório, a polícia não encontrou nada que os pudesse incriminar, apenas a entrada sem autorização para trabalhar no país, o que foi suficiente para carimbar o passaporte de expulsão e dificultar o pedido de visto em outros lugares. Victor e Nena foram mandados para a fronteira com El Salvador, atrapalhando os planos de ida ao México.

Com o endereço de um guatemalteco indicado por colegas da rádio que morava em El Salvador, desceram do aeroporto e foram até o trabalho dele em uma fábrica de papelão contar o que houve e pedir ajuda. Ele os levou para casa, onde passaram um mês.

Com a pressão da família, decidiram ir para a Europa e morar em Paris. Victor iria primeiro aprender francês e procurar trabalho. Nena voltou para o Brasil de avião com dinheiro que o pai lhe enviara e ficou três meses na casa dos pais, incumbida da missão de falar com o sogro para vender o terreno que ele tinha na praia grande em Mongaguá (São Paulo) e enviar o dinheiro para comprar as passagens de Paris.

De El Salvador, Victor foi para Honduras, depois de alguns dias para Nicarágua, seguindo para Costa Rica, um país que deixou Victor encantado. Com a ideia de encontrar um navio cargueiro, foi até a Cidade do Panamá. Certo dia, se sentou em um bar de um grego com um jornal panamenho para tomar uma cerveja, viu a notícia de que Mário Dias Soares, pintor argentino de Tucumán que tinha sido muito amigo dele no Equador estava inaugurando sua exposição naquela noite, no Panamá.

O reencontro culminou na ida de Tchê Mário (como eles o chamavam) a Paris. Apesar de fazer planos de ir à Guatemala, Victor o convenceu de irem juntos para a França. Após um mês no Panamá, partiram de avião para Miami, depois pegaram ônibus para Carolina do Norte, em seguida Washington e chegaram em Nova York para uma exposição artística de Mário. Foram se hospedar no Bronx na pensão de uma Porto-riquenha por um mês e pouco.

A exposição do Mário acabou não dando certo, mas ele arrumou um trabalho temporário em uma loja de hippies e levou Victor para ajudá-lo a ganhar o dinheiro que precisava. Aproveitaram para visitar os museus de Nova York, que Victor conhecera antes no intercâmbio que fizera para os Estados Unidos, como o Museu de Arte Moderna. Embarcaram em aviões mais baratos que faziam escalas e foram em direção a Paris, o voo fazia escala na Islândia e em Luxemburgo. Nena foi do Brasil para a França.

Ao chegarem em Paris, em 1968, eles se matricularam na Alliance Française para aprender a ler e escrever em francês e depois de alguns meses já conseguiram se comunicar bem no idioma.

Instituições filantrópicas abriram hospedarias para receber imigrantes que vinham de várias regiões da Europa e da África a Paris. Nena foi contratada como professora na escola de alfabetização em francês de adultos e Victor como intérprete de português e francês para mediar as conversas entre portugueses (dentre outros estrangeiros) e a assistente social. A fundação beneficente La Cimade criada por protestantes foi o local de trabalho deles durante os anos morando na França.

Em 1969 no final do segundo ano em Paris, Victor ficou sabendo de um curso de especialização com duração de um ano que formava na área de desenvolvimento econômico e social, fundado anos antes por um padre e economista francês chamado Louis-Joseph Lebret (1897-1966) que havia morado no Brasil, criador do Centro de Pesquisa e Ação Econômica. Vários brasileiros frequentavam esse curso. Ali, por exemplo, ficaram amigos como Sebastião Salgado (1944-).

No ano seguinte, Nena resolveu fazer o curso também e foi aluna de Paulo Freire (1921-1997), que estava exilado em Genebra, na Suíça, mas ia dar aula nesse curso. Todos liam *Pedagogia do Oprimido* (1968), obra que a sensibilizou especialmente, por estar dando aulas para adultos na hospedaria.

No primeiro ano, o casal entrou no curso de história da arte no museu do Louvre com duração de um ano, aos domingos, foi a primeira experiência da Nena mais significativa com as artes visuais. Nas aulas os conferencistas especialistas davam aula teórica e os levavam até a sala do museu que possuía obras do período que estavam estudando.

Ao final do segundo ano, Nena iniciou os estudos na Universidade de Paris como mestranda em educação e Victor passou no processo seletivo de mestrado em história da Universidade de Paris. Na dissertação, Nena decidiu estudar uma escola de vanguarda que ficava no município de Nanterre observando novas tecnologias educacionais e avaliando a eficácia desses métodos.

Não estava nos planos da Nena ser artista, mas as conversas com o amigo tchê Mario, o curso no Louvre e toda imersão cultural que estavam vivendo naquele momento contribuíram para o despertar artístico dela mais tarde, mas já a partir daquele momento ela começou estudar história da arte e foi assim até o final de sua vida.

As visitas a museus eram rotineiras, destacando-se nas viagens que faziam. Certa vez Nena acompanhou Victor a Amsterdã em uma pesquisa que estava fazendo e teve a oportunidade de conhecer e se envolver com a história e obra de Van Gogh. Os museus de Roma e Veneza também foram visitados nas idas do casal para a Itália em busca de resgatar os laços familiares de Victor com sua família paterna.

Um ano depois, em 1970, nasceu o primeiro filho do casal, Rodrigo. O nascimento do bebê inviabilizou Nena de entrar no doutorado já que também continuou trabalhando na La Cimade durante o mestrado.

Após fazer um curso para aprender a manusear um magnetoscópio no centro de estudos pedagógicos na rua Louis David, Nena iniciou-se na produção audiovisual: sua primeira produção artística foi uma versão do que seria hoje um documentário sobre imigração, tema que ela conhecia bem das aulas na hospedaria.

A situação financeira não lhe possibilitou comprar um magnetoscópio ou uma câmera de cinema de 16mm, então Nena produziu uma montagem audiovisual com fotografias retratando a vida dos imigrantes em Paris em sua vulnerabilidade social apresentadas em um retroprojeter acoplados com um texto escrito por ela sobre imigração e lido por um amigo em francês com uma música ao fundo.

A criação gerou bons frutos e Nena foi convidada para apresentar o trabalho em Lyon, no Centro Pedagógico e, um ano depois, apresentou o trabalho na radio et télévision da Ecole Normale Supérieure de Paris.

Nos sete anos que viveram na França moraram em Sucy-en-Brie, uma pequena cidade medieval. A hospedaria ficava em um castelo do século IX que havia passado por várias reformas ao longo dos séculos em que os trabalhadores assistidos moravam e cozinhavam sua própria comida.

A cinquenta metros do castelo havia uma construção que no passado era uma estrebaria, mas que foi reformada e transformou-se numa casa. Trata-se da primeira casa em que Victor e Nena moraram, já que após o casamento eles não tiveram nenhum lugar para chamar de lar. A casa e um carro de trabalho que poderia ser utilizado para lazer aos finais de semana faziam parte da remuneração pelo trabalho.

Nas férias e feriados prolongados eles viajavam para conhecer os países vizinhos, o lazer local era preenchido com idas a parques, museus e conversas com amigos latino-americanos. O artista Mário também foi responsável por apresentar alguns artistas para Nena, ele trabalhava em uma galeria de arte chamada Esmeralda (homenagem a personagem do romance de Victor Hugo) próxima a Catedral Notre-Dame de Paris.

O principal nome da arte brasileira que Nena conheceu na França foi Lygia Clark. Elas fizeram uma grande amizade. Encontravam-se uma vez na semana e uma visitava a

casa da outra, uma vez que Lygia morava em um apartamento no prédio do café que eles frequentavam. Victor, ainda na França, teve oportunidade em certa ocasião de passar o dia conversando com o escritor e crítico de arte Mário Pedrosa e sua esposa.

3.2 Enfrentamentos

Após seis anos morando fora do Brasil, a pressão familiar começou a se intensificar. Os pais de Nena, que nunca haviam saído do país, foram de Goiás até a França conhecer a Europa e pedir para voltarem, alegando que não estavam mais sendo procurados.

Em 1973, eles faziam parte de grupo de brasileiros que publicava uma revista chamada “Outubro” contra o regime militar brasileiro, em defesa da anistia, da necessidade de uma assembleia constituinte soberana e democrática. Essa participação acabou contribuindo também para sua volta, pois eles também tinham o objetivo de trabalhar para a mudança política do país.

Victor estava no início do doutorado quando decidiram voltar, ainda que sem emprego e sem moradia garantida. A irmã da Nena havia ido visitá-los dois anos antes e acabou ficando em Paris com o namorado, que era músico de rock. O casal também decidiu voltar de avião e levou o pequeno Rodrigo, que estava com dois anos, enquanto eles dois voltaram de navio para trazer os pertences que adquiriram ao longo dos anos, especialmente livros e peças de artesanatos das viagens pela Europa, África e Oriente Médio durante as férias.

Embarcaram em Cannes, com paradas para conhecer Barcelona, Málaga, Lisboa e finalmente a travessia do Atlântico até Santos. O navio estava cheio de imigrantes, especialmente italianos que tinham ido morar na Argentina 20, 30 anos antes e estavam visitando seus familiares na Europa. Eles se enturmam com esses italianos de Buenos Aires.

Chegaram no Brasil no final de 1973, recebidos pelos pais de ambos, juntamente com Héliida que estava com Rodrigo no colo. Eles ficaram provisoriamente em um apartamento que o pai do Victor tinha em São Vicente e foram em busca de trabalho. Victor tentou trabalhar como tradutor na Editora Perspectiva.

Nena, grávida de sete meses, foi com Victor até Anápolis para passar uns dias e ficar na casa de seus pais. Certo dia, ela decidiu visitar sua amiga de infância Marta, professora na Universidade de Brasília, e isso foi a mudança de chave na vida deles. Marta convence Victor a se candidatar a uma vaga na universidade por possuir mestrado e estar cursando doutorado, para o departamento de história. No ano seguinte, em março de 1974, Victor começou a dar aula na Universidade de Brasília.

Nena, por sua experiência na França com educação de jovens e adultos, foi orientada por Marta a fazer entrevista no CETEB- Centro de Ensino Tecnológico de Brasília, na época vinculado ao Ministério da Educação, que trabalhava com alfabetização de jovens e adultos através do ensino supletivo. Nena foi contratada imediatamente e começou a trabalhar ainda naquele ano em 1974, após o nascimento de sua filha Juliana, que nasceu na cidade de Goiânia, em 8 de março de 1974, no dia internacional da mulher.

A família mudou-se para Brasília definitivamente, Victor passou a dar aulas de história na UNB e Nena a viajar constantemente nas capacitações de professores em diversas regiões do país.

Apesar da ascensão profissional, o Brasil não era mais o mesmo para eles, especialmente em Brasília com o controle pelos militares dos órgãos públicos, e da UNB pelo Capitão-de-mar-e-guerra da Marinha José Carlos de Almeida Azevedo (1932-2010), vice-reitor.

Victor começou a perceber que seu telefone estava censurado e não o utilizava mais. Quando saía a noite para reunião com um grupo que estava criando uma campanha pela anistia aos presos políticos, contra o decreto 477 que impedia os estudantes de se organizarem ou somente para tomar um chopp, ao sair com o carro da garagem percebia que tinha um carro o seguindo.

Isso criou um grande mal-estar e Victor decidiu ir embora de Brasília. Só soube o motivo pelo qual estava sendo perseguido vinte anos depois através da Comissão da Verdade que investigou os crimes e desaparecimentos na ditadura. No Arquivo Nacional foram encontrados vários documentos relativos ao professor Victor Leonardi e entraram em contato com ele para mandar as fichas.

Victor teve registros no SNI (Serviço Nacional de Informações), no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), no Serviço de Segurança do Exército (CNE), e

no Serviço de Segurança da Aeronáutica. Extensos relatórios de coisas que disse em sala de aula, evidenciam portanto que havia informantes assistindo. Foram encontradas cartas da mãe dele, comprovando que eles entravam na sala dele da universidade (cada professor tinha uma sala com chave), e trechos da tese de doutorado que estava escrevendo.

Nena que acompanhava de perto o que estava ocorrendo com Victor não percebeu as mesmas investidas dos militares em seu trabalho, mas também sentia as limitações sociais do período. Decidiu prestar concurso para trabalhar no setor educacional do recrutamento e seleção da Companhia Brasileira de Correios e Telégrafos, e passou em primeiro lugar. No dia em que foi tomar posse e conversar com a direção geral dos Correios, o senhor que a recebeu, constrangido, lhe informou que o nome dela havia sido vetado pelo SNI.

A oposição corajosa da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) frente à ditadura motivou Victor a fazer contato com Paulo Sérgio Pinheiro, que conhecera um ano antes em um evento para historiadores onde haviam estado grandes nomes, como Eric Hobsbawm (com quem ele pode trocar algumas palavras em inglês). Paulo Sérgio havia morado em Paris na mesma época que eles, fez doutorado em História na mesma Universidade, tendo como orientador Serge Hurtig (1927-2019), que também orientou Victor, embora não tivessem se conhecido naquele momento.

Após combinarem o encontro por cartas, Victor foi até Campinas conversar com o colega. Paulo Sérgio falou a respeito de um grande projeto já financiado para fazer um estudo da História e Imagens da Industrialização no Brasil, para resgatar não só documentos, mas fotos e filmes das primeiras fábricas de 1905. Ele contratou os grandes cineastas Lauro Escorel e Adrian Cooper, e precisava de alguém para fazer a parte escrita, realizando pesquisas em arquivos históricos, resgatando documentos durante dois anos. Victor aceitou a proposta e foi contratado.

Além de coordenar a equipe, escreveu um livro juntamente com um dos pesquisadores, Francisco Foot Hardman, estudante de mestrado na época, lançado em 1982 chamado “História da Indústria e do Trabalho no Brasil”. Lauro Escorel fez um filme sobre o mesmo tema, e todos realizaram uma grande exposição no MASP na cidade de São Paulo.

Estando a 70 km de Araras, cidade em que nasceu, Victor retomou amizades de infância e adolescência e pode passar esse tempo mais próximo de seus familiares.

Nena participou da seleção para dar aula no Instituto de Educação da UNICAMP e passou em primeiro lugar. Ela era muito querida pelos colegas, como o sociólogo Maurício Tragtenberg (1929-1998) com quem compartilhava temas sobre educação.

Antonieta, jovem de Anápolis estava morando com a família desde Brasília e trabalhava cuidando de Rodrigo e Juliana enquanto o casal se dedicava ao trabalho. Quando batizaram Juliana, Antonieta foi escolhida como madrinha por Nena, que até hoje recebe visitas de Juliana.

Após dois anos, a pesquisa de Victor acabou, e ele recebeu a proposta para trabalhar em Alagoas, no Nordeste do país. A própria UNICAMP tinha esse projeto do Paulo Sérgio sobre o estudo das indústrias do cloro que tinham sido instaladas ao redor de Maceió. O governo militar na época, instalou grandes indústrias químicas no que era um paraíso ecológico, até então. Em uma das lagoas havia jazidas de soda cáustica dando origem a indústrias de cloro, e os dejetos eram jogados na água matando o sururu, marisco que alimentava a população pobre local.

Alagoanos de todo estado atraídos pela oportunidade de melhoria de vida, saíram dos povoados em direção a Maceió em busca de empregos na indústria. Infelizmente, a falta de qualificação os impediu de realizar seus objetivos, resultando no inchamento dos espaços urbanos, violência nas regiões periféricas e prostituição de meninas. A Universidade Federal de Alagoas convidou a UNICAMP para realizar a pesquisa por ser referência no tema, e Victor foi até lá coordenar não mais um estudo sobre industrialização do passado, mas do presente, fazendo parte da Secretaria de Planejamento, na Coordenação de Desenvolvimento Científico e Tecnológico durante o ano de 1980.

Nena decidiu acompanhar o marido, levando Antonieta, Rodrigo, Juliana e um cachorrinho para Maceió, onde passaram a morar em uma casa na beira da praia alugada que ficava a 15 km da cidade, em um povoado de jangadeiros e pescadores chamado Riacho Doce. A melhor casa que Victor e Nena tiveram na vida, segundo ele. Cercada por coqueiros onde a maré subia até quase a varanda, a nova morada possibilitou que as crianças tivessem momentos únicos ali.

Victor comprou uma jangada e navegava até a linha de recifes, levando camarão temperado na caixa de isopor e cerveja, para passar um tempo nas piscinas naturais com Rodrigo enquanto ele nadava com óculos de mergulho para ver os peixes.

O ano passou, não houve possibilidade de renovação de contrato, então todos voltaram para o apartamento em São Vicente, onde não teriam que se preocupar com aluguel até aparecer uma nova oportunidade de trabalho.

Pouco depois, surgiu um trabalho em São Paulo na editora Kairós, do proprietário José Castilho Marques, que havia feito filosofia na USP. Trabalhavam juntamente com Francisco Foot Hardman, com quem Victor fez pesquisa na UNICAMP e escreveu o livro. Porém, ir de Santos até a Avenida Paulista todos os dias tornou-se inviável.

Nena não conseguiu trabalho e ficou cuidando das crianças já que Antonieta resolveu voltar para casa, mas sua saúde foi se agravando. Desde que haviam morado na França, ela começou a sentir muito cansaço e ninguém sabia o que era. Anos mais tarde, com o avanço da medicina nuclear foi possível diagnosticar a Tireoidite de Hashimoto, uma inflamação autoimune crônica, que envia estímulos contrários ao que normalmente a tireóide enviaria, destruindo os órgãos internos. Antes da descoberta, Nena recebeu inúmeras recomendações, dietas, tratamentos para anemia, fisioterapia, sem sucesso.

Victor soube da notícia de que na Universidade Federal da Paraíba havia surgido no departamento de Sociologia o curso de pós-graduação na área de Industrialização e decidiu mandar seu currículo. Pouco tempo depois, recebeu um telefonema para se apresentar: ele seria contratado, aguardando concurso, mas já contaria com o salário. Ele seguiu então para João Pessoa.

Nena esvaziou o apartamento e, após um mês, desembarcou com os filhos em João Pessoa, no ano de 1981. Inscreveu-se e passou no concurso para o Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, dando aula de didática para os cursos de licenciatura. Nunca mais perdeu a vaga, apenas se transferiu mais tarde para a UNB.

Certo dia, conheceu Raul Córdula, artista e professor na UFPB, e contou de sua ligação com a arte e o desejo de aprender a pintar. Raul a convidou para frequentar seu ateliê no NAC (Núcleo de Arte Contemporânea) e começou a orientá-la a partir do desenho básico sem intervir ou propor algum estilo específico, apenas questionamentos e sugestões sobre o trabalho que ela estava desenvolvendo. Nena estudava os trabalhos de Marx Ernst (1891-1976) e Henri Rousseau (1844-1910).

Raul trazia artistas em destaque especialmente do Rio de Janeiro para realizar exposições no NAC, dos quais Nena teve oportunidade de conhecer e conversar por sua

proximidade com o professor, que a apresentava como artista: pintores como Burle Marx (1909-1994), Antonio Dias (1944-2018) e Rubens Gerchman (1942-2008).

Sua primeira exposição aconteceu em Campina Grande na Paraíba em um museu local criado pelo pai de Raul Córdula. No final dos dois anos que passaram em João Pessoa, houve uma seleção de artistas para expor na cidade de Recife em uma campanha promovida pela Secretaria de Cultura e Turismo chamada Artdoor parafraseando outdoor: uma vez ao ano no lugar de campanhas publicitárias eram expostas obras de arte nos outdoors de toda a cidade durante uma semana. Nena foi selecionada: sua obra era uma figura azul claro com a silhueta de uma mulher nua e poderia ser interpretada de diversas maneiras conforme o olhar do observador. Após um sorteio, foi definido que a obra seria exposta na rua principal do centro histórico de Recife.

Ela passou então a conciliar as aulas no núcleo de educação com o estudo da pintura. Alguns finais de semana, Nena e Victor iam a Pernambuco e passavam em Olinda, visitando os espaços artísticos com as novas amizades.

Raul passou por um problema de saúde e mudou-se para Olinda. Victor e Nena decidiram mudar-se também para Pernambuco, na praia de Boa Viagem, Recife. Concentravam as aulas em apenas dois dias na UFPB, e ficavam alguns dias da semana em pousadas ou casa de amigos e os demais dias no apartamento em Recife.

Nena descobriu as esculturas de Francisco Brennand (1927-2019) e se encantou com seu trabalho. Foram até a olaria e se apresentaram como amigos de Raul Córdula e puderam conversar com ele em duas ou três visitas ao ateliê.

A antiga tradição de ciranda em Pernambuco, era bem presente na época em que Victor e Nena moravam ali. Em Recife, às sextas-feiras realizavam-se rodas de dança no pátio de São Pedro, no centro histórico da cidade, e quando os cirandeiros começavam a tocar eles entravam na roda. Diversas vezes foram embora quando o dia já estava amanhecendo. Nena gostava da cultura popular.

Em dezembro daquele ano de 1982, Victor empreendeu um novo projeto que os levou para uma temporada de volta à Europa, agora na Espanha. Ele conseguiu uma bolsa de estudos para pesquisar o período colonial do Brasil no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Arquivo do Alentejo, que fica em Évora, Portugal, para escrever um livro chamado “Entre árvores e esquecimentos”, título inspirado no verso de Fernando Pessoa. Ele candidatou-

se a uma bolsa de pesquisa do CNPq e recebeu aprovação por um ano, conseguindo a renovação três vezes, o que tornou possível a permanência durante quatro anos nesses arquivos de Portugal e também no arquivo de Sevilha, na Espanha, uma vez que, durante a União Ibérica, a colônia esteve durante sessenta anos baixo a coroa dos Habsburgo, nos reinados de Filipe II, III, IV e V.

Nena pediu licença sem vencimentos da UFPB e acompanhou Victor com as crianças. A simpatia pelo país e o interesse de que os filhos aprendessem espanhol fez com que escolhessem morar próximo a Málaga, em Pueblo Andaluz: é uma cidade árabe que fazia parte de Granada, o último reino mouro da Espanha.

Victor micro-filmava os documentos e voltava para ler e fazer fichamentos. Ali, a vista para o mediterrâneo era maravilhosa e o custo de vida era bem mais barato. Com o valor da bolsa convertido do dólar (moeda que recebia) em pesetas eles deixaram de fazer comida em casa e passaram a comer em restaurantes, vivendo de forma tranquila com os filhos.

A localização geográfica e as temperaturas mais amenas no inverno faziam da região um refúgio para os escandinavos, havia uma escola sueca em Málaga, um jornal finlandês, um programa de rádio dinamarquês, restaurantes e bares com comidas típicas. Tudo isso influenciou Juliana, a filha mais nova, que ao completar 16 anos conseguiu uma bolsa de estudos para terminar o segundo grau na Noruega, mais tarde.

Embalada no ritmo de pintura que iniciou no nordeste do Brasil, Nena começou seu próprio ateliê em Benalmádena, alugou uma casinha muito bonitinha de dois andares bem no centrinho do povoado que dividia com um pintor catalão. Cada um ficou com um andar. Ela saía pela manhã de casa, voltava para almoçar junto com a família, e ia novamente ao ateliê.

Pablo Picasso, que nasceu em Málaga, foi uma grande inspiração para Nena. Ela visitou o Museu Picasso de Málaga e a casa onde o pintor viveu. Seu primeiro contato com suas obras foi em visitas a São Paulo, no MASP, e a outros museus da Europa, especialmente os de Paris. A partir desse momento ela passou a estudar suas obras. Depois de Picasso, ela começou a pesquisar o trabalho de Joan Miró, de Salvador Dalí e de outros artistas espanhóis que despontavam naquele período.

Com outros estrangeiros, uma amiga colombiana, duas pintoras dinamarquesas e um pintor alemão -Seis ou sete artistas plásticos deste povoado- criaram um grupo que denominaram “Fermenta”, a partir do qual passaram a organizar exposições. Mesmo com receio de apresentar suas obras na Europa, Nena expôs com seus colegas no Castillo del-Bil-Bil, em Málaga. Foi um sucesso. Cerca de 13 obras em papel com tinta guache ou acrílica foram emolduradas e a maior parte vendidas, para Bélgica, Inglaterra, Holanda e para a Suíça.

Ao final dos quatro anos em 1986, a família regressou ao Brasil para morar em Brasília. Ainda na Espanha Victor recebeu a notícia de que através da assembleia constituinte foi aprovada a anistia aos professores cassados e perseguidos durante a ditadura, então ele solicitou a reintegração de posse na UNB como professor de história, e teve seu pedido aceito. Era um período de grande efervescência política em Brasília, com grupos indígenas caiapós, quilombolas do Maranhão protestando na cidade.

Nena faz a solicitação de transferência da UFPB para o Instituto de Arte no departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília e começou a dar aula no final de 1997, na disciplina obrigatória de Fundamentos da Linguagem para os cursos de Artes Visuais, Música, Teatro e Dança. Anos de experiência com educação e prática artística resultaram na criação de um método que ela chamou de “Pedagogia do Deslumbramento”, sua marca registrada no instituto.

A pedagogia do deslumbramento de Nena fez não só seus alunos, mas ela mesma refletir sobre seu nome, já que não assinava suas obras. Seu nome, que foi criado de uma junção do nome do pai com o da mãe, causava estranheza nela ao longo da vida. Ela sempre se apresentou e era conhecida como Nena por seus familiares, colegas de trabalho e alunos.

Quando começou a produzir seus quadros e vendê-los Victor insistiu para que Nena criasse sua própria assinatura. Ao longo de toda a vida, ela deve ter produzido cerca de 60 ou 70 quadros. Uma produção pequena feita nos últimos 20 anos de vida. Não pensava em comercializar suas obras, apenas expor seus sentimentos e intuições nas pinturas, que algumas vezes eram dadas de presente para amigos.

A ausência da internet e redes sociais naquele momento dificultava a divulgação do trabalho. Victor a incentivava a montar exposições, mas ela produzia para sua própria satisfação e pouco pensava em quem veria seu trabalho.

Até que o amigo Brian Codling que conheceram na Espanha, anos depois foi visitá-los em Brasília e se ofereceu para levar alguns dos quadros para a Inglaterra, vender e mandar o dinheiro. Brian levou sete ou oito quadros para a cidade de Beaconsfield em que morava na Inglaterra.

Brian era restaurador de livros antigos, não tinha ligação direta com espaços culturais. Talvez por isso ele não tenha conseguido vender os quadros e se ofereceu para devolvê-los, mas acabaram perdendo o contato e os quadros nunca retornaram.

Nena foi professora de arte por muitos anos mas não chegou a escrever livros ou publicações acadêmicas. Ainda assim, nos últimos anos começou a pesquisar e escrever textos sobre o artista russo Nikolai Roerich (1874-1947), autor de mais de 700 quadros, que passou o final da vida no Himalaia pintando. Uma amiga enviou livros do artista que descobriu no Museu Nicholas Roerich de Nova Iorque, e também de sua esposa Helena Roerich sobre Agni Yoga, tema que ela se dedicou a conhecer.

O título do trabalho que Nena iniciou era “Arte e Espiritualidade: Vida e obras de Nicholas Roerich”, se transformaria em um livro com imagens dos quadros do artista, com depoimentos feitos por ela mesma de quem passou pelos museus em homenagem a ele em Nova Iorque, Johannesburg e Himalaia.

Anos depois que voltaram da Espanha, Victor e Nena foram conhecer a Índia, passaram pelo Himalaia e mais dez cidades indianas durante a licença sabática de Victor pela UNB. Antes de ir pra casa, fizeram uma parada na Itália, para que ele tentasse encontrar alguém da família de seu pai com o sobrenome Leonardi.

Eles eram da Província de Lucca, a família da avó de Forte dei Marmi e do avô de Querceta, distrito do município de Seravezza. Victor vai até Seravezza na tentativa de encontrar alguém que conhecia algum familiar. Após duas guerras e 20 anos de facismo ele tinha vontade de conhecer seus familiares, mas medo de saber que não estavam vivos ou não tinham os mesmos ideais.

Decidiu entrar em um café, e começou a perguntar para o dono, senhor Giulio, se conhecia alguém da família dele e contou a história de sua empreitada. Quando ele terminou de contar, Giulio foi até a porta e gritou: “Valério! Venha cá, tem uma pessoa que quer te conhecer”. Ele estava com outros senhores tomando sol. Foi emocionante! Na

mesma hora, telefonou para a esposa para caprichar no almoço e os levou para casa. Foram quinze dias ali.

Valério Leonardi era maestro da orquestra sinfônica, seu filho Michele Leonardi também músico de jazz. Corrado Leonardi, irmão de Valério, o recebeu para almoçar e o presenteou com um livro de um historiador local sobre a resistência que os trabalhadores de Querceta organizaram contra o facismo, ele tinha sido *partigiano*.

Nena teve a ideia de levar um livro de Victor até a biblioteca da cidade. A bibliotecária disse que havia um livro com sobrenome de Barberi (da família da avó dele por parte de pai), esse homem era seu tio bisavô, depois de morar anos em Araras, SP voltou para a Itália e escreveu sua história. Aquele livro por algum motivo foi parar ali, e Victor teve notícias ainda que escritas do outro lado da família.

Depois da viagem não perderam mais contato, o encontro com a origem da família foi muito significativo para eles que trouxeram as boas notícias para os Leonardis do Brasil.

Mesmo com o intenso trabalho na universidade e eventos acadêmicos, sempre que possível eles viajavam para conhecer algum lugar diferente.

Depois de muitos anos, Nena voltou a estudar os fenômenos parapsicológicos. Ainda na França, Nena entrou em contato com o Instituto de Metapsíquica que era frequentado por hindus, lamas tibetanos e médiuns do mundo todo. Assinou a revista e passou a ter acesso aos estudos que estavam sendo realizados. Isso aconteceu pouco depois de maio de 1968, e com a política tomando conta dos temas estudados no país, foi retirando o espaço para se pensar sobre esse tema. Logo em seguida ela entrou no mestrado e passou a se dedicar ao estudo da didática.

Em Brasília, encontrou a Agni Yoga aproximando-se de pessoas que liam tarô. Estudava tarô e possuía uma pequena coleção de cartas, sendo procurada por alunas para algumas consultas. Pela proximidade com a yoga e a arte, Nena ficou amiga de Rogério Duarte (1939-2016) músico, designer e ilustrador, foi um dos mentores intelectuais do movimento tropicalista.

Durante os anos na França, Nena ficou muito amiga da arquiteta colombiana Bertha Restrepo Mejía, de família muito conhecida na Colômbia, que também saiu do país por conta das tensões políticas. Depois de lá, Berta se mudou para Buenos Aires e elas perderam contato. Anos depois, Nena, com saudade da amiga, lembrou que tinha o

endereço do irmão dela que morava em Bogotá e resolveu mandar uma carta que foi respondida com a trágica notícia da morte de Bertha.

Com o golpe do General Videla em 1976, Bertha desapareceu uma semana depois. Os policiais fortemente armados a buscaram em seu apartamento e depois disso nunca mais ninguém teve notícia dela. Seu nome esteve na lista de pessoas desaparecidas das Madres de La Plaza de Mayo, mas ela nunca foi encontrada.

Victor passou a pesquisar o trabalho indígena, pouco estudado pela historiografia brasileira, o que os levou inúmeras vezes à Amazônia, para expedições científicas. Ele tornou-se professor de História da Amazônia na UNB durante anos, e atuou como professor visitante em 1996 na Universidade Federal do Amazonas por seis meses. Organizou algumas expedições pela Amazônia e, em uma delas, no ano de 2000 viajou nove mil quilômetros por quatorze rios amazônicos da Venezuela, da Guiana Francesa e do Brasil com uma equipe de biólogos, antropólogos e geólogos a bordo de dois barcos escola com laboratório por 62 dias.

Nena utilizou a licença sabática para acompanhá-lo e descobriu a arte indígena, uma de suas últimas influências artísticas. Victor filmou a expedição de dois meses, da qual ela não participou diretamente, mas que vivenciou por meio dos relatos e do trabalho na decupagem das imagens e montagem dos filmes.

Em outra expedição, a 250 km de Manaus, para uma cidade abandonada chamada Velho Airão, no ano de 1996, Nena teve a oportunidade de o acompanhar. Victor descobriu uma cidade abandonada do século XVII no meio da mata com uma igreja de trezentos anos. Ele resolveu escrever a história dessa cidade não como algo exótico, mas com questionamentos sobre o que faz com que uma cidade se torne ruínas -o retrocesso, o arruinamento e o fim-, o que veio a se tornar o livro chamado “Os Historiadores e os Rios: Natureza e Ruína na Amazônia Brasileira”.

Eles iam de barco e ficavam ao lado de terras indígenas Waimiri Atroari. Nena encantou-se com a arte plumária, com a floresta e com o Rio Negro, que inspiraram suas produções artísticas, assim como o Museu Amazônico que possuía um grande acervo etnográfico o qual ela passava horas observando. A FUNAI, ali perto, havia criado um posto de venda de arte indígena de diversos povos que ela também acompanhava.

Victor e o diretor do Museu Amazônico montaram um projeto para ir até a Áustria em busca de uma coleção de arte plumária amazônica que o austríaco Johann Natterer (1787-1843) descobriu no início do século XIX, quando passou 18 anos na selva amazônica. Ele veio com a princesa Leopoldina durante o império juntamente com outros quatorze cientistas. O acervo foi levado com a intenção de preservar os objetos, já que não havia universidade no Brasil e a antropologia ainda não tinha surgido no mundo.

Nena o acompanhou em uma das viagens para Viena, ajudando a fotografar as obras no porão do museu. Era um acervo muito bem cuidado, com temperatura controlada, preservando as peças. Nena ficou deslumbrada com as cores, as formas, e a complexidade do artefato indígena, o que certamente somaria as influências indígenas em seus trabalhos futuros.

Por volta de 1998, 1999, Nena e Victor começaram a fazer planos para passar uma temporada da aposentaria no Rio de Janeiro. Foram três ou quatro vezes à cidade, hospedaram-se no hotel do SESC, em Copacabana, aproveitando o convênio da UNB com o local. Passavam alguns dias conhecendo mais da cidade e pesquisando em qual bairro gostariam de morar. Gostaram de Santa Tereza.

Além disso, costumavam visitar o amigo cineasta Sérgio Bernardes Filho (1944-2007), filho do famoso arquiteto Sérgio W. Bernardes (1919-2002), que dentre outras obras projetou o Hotel Tambaú, em João Pessoa. Os almoços ou jantares na casa dos Bernardes eram sempre muito interessantes, cercados de artistas e pessoas de importância para a cultura nacional da época, motivando o casal a se mudar para ficar mais próximo dos amigos.

Com os planos da mudança para o Rio de Janeiro, Nena ficou preocupada com Silvana, moça que trabalhava já fazia quase 15 anos no apartamento de Brasília e ajudava a cuidar de Juliana. Ela morava em uma das invasões perto do campus, e, como forma de “retribuição”, Nena comprou um terreno e construiu uma casa para ela e o filho.

Em 2001, Victor foi convidado para dar aula de História da Amazônia e Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia em Berkeley pela professora Candace Slater, que conheceu durante a expedição amazônica com a turma de pesquisadores. Nena havia acabado de se aposentar por tempo de trabalho na Universidade de Brasília, e foram juntos.

Uma das professoras de português Clélia Donovan, do departamento de Línguas, onde Victor dava aulas como historiador em português e espanhol, os convidou para passar uma semana com a família dela no norte da Califórnia e comemorar o Thanksgiving Day, na casa do tio aposentado que todo ano reunia a família.

Esse tio havia trabalhado durante sua vida na produção de efeitos especiais para o cinema, com filmes hollywoodianos de sucesso no mundo todo como Star Wars, Episódio I: A Ameaça Fantasma (1999) e O Mundo Perdido: Jurassic Park (1997). Embora não fosse o cinema-arte que Nena gostava, ter conversado com Giovanni Donovan deixou ela animadíssima.

Em Berkeley, Nena voltou a curtir museus, visitar regularmente a cinemateca da universidade sobre histórias do mundo todo. Conheceu o museu do cinema em São Francisco resgatando memórias de sua infância quando assistia filmes americanos.

Foi até uma cidade que ficava a duas horas dali conhecer os lugares que o filme Os Pássaros (1963) de Alfred Hitchcock (1899-1980), foi filmado. Começou a ler os livros dos cineastas Federico Fellini (1920-1993) e Akira Kurosawa (1910-1998) que desenhavam seus filmes antes de produzi-los. A junção do cinema com a arte visual atraiu a atenção dela.

Acompanhou junto com Victor um festival em Berkeley de filmes produzidos por indígenas do norte do Canadá, aborígenes australianos e brasileiros relacionando com as vivências dos anos anteriores na Amazônia.

Também descobriu que Joan Lowell, atriz que foi viver em Anápolis, nasceu em Berkeley, e ela que nasceu em Anápolis passou o fim da vida em Berkeley. Para ela, essa coincidência era um sinal de algo que não sabia explicar, ainda que naquele momento não soubesse que seu tempo de vida estava chegando ao fim.

Ao final do semestre, com o fim das aulas na Califórnia, voltaram para casa com o dinheiro que ganharam. Economizá-lo não estava nos planos deles, e Victor sugeriu uma nova viagem: foram conhecer o Havaí e na volta foram para Las Vegas. Voltaram para o Brasil e partiram novamente para Veneza para passar 23 dias.

Nena e Victor viajaram tanto a vida toda, que para ele não poderia terminar de forma diferente. Ele não suspeitava que ela estava prestes a partir. Quatro ou cinco semanas

depois, ela descansou em Brasília no dia 25 de junho de 2002 no hospital da Unimed por complicações de saúde consequentes da doença Tireoidite de Hashimoto.

Depois que Nena faleceu, Victor saiu de Brasília e perdeu. Precisava dar um tempo e não frequentar os mesmos lugares que iam juntos. Sérgio Bernardes Filho (1944-2007) o convidou para fazer cinema com ele, roteiros para documentários dele no Rio de Janeiro. Ele tinha uma empresa no Recreio dos Bandeirantes e Victor mudou para lá.

Atualmente, Victor voltou a pesquisar juntamente com o cineasta Renato Barbieri sobre o austriaco Natter. Foram até o museu, filmaram o material e realizaram um filme contando a trajetória de Natterer em comemoração aos duzentos anos da independência do Brasil em setembro de 2022.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do texto que retrata a trajetória de Nena Leonardi como educadora e artista só foi possível graças a intenção ainda em vida da mesma de juntar memórias em sua pasta de lembranças, e essa caixa ter sido guardada e compartilhada por seu esposo Victor Leonardi, afinal a ausência de quaisquer informações sobre ela nos bancos de dados dificulta muito essa pesquisa.

As entrevistas que realizei com seu esposo Victor, com seus filhos Rodrigo e Juliana, e com alguns de seus amigos e alunos foram fundamentais para preencher as lacunas que não puderam ser respondidas nos documentos ali presentes. Além disso, a história oral serve de base para entendermos a partir de outras perspectivas como as pessoas à volta de Nena enxergavam os lugares que ela ocupou acadêmica e artisticamente ao longo de sua vida.

Podemos perceber que estão presentes questões de gênero vistas pelas lentes das construções femininas do nosso tempo, mas que já estavam presentes em sua época, como mostram os relatos de algumas de suas amigas entrevistadas sobre seu papel enquanto mãe, esposa, profissional e mulher, e seus desafios para equilibrar todos esses pratinhos. Por vezes, percebemos momentos em que o papel de artista dava lugar aos demais papéis sociais dificultando seu trabalho e ascensão artística.

Minha busca por responder se Nena foi uma artista foi respondida nos primeiros dias de pesquisa: ela de fato carregava os traços sutis e olhar profundo para o mundo que expressava em suas obras de arte e isso ficou claro muito rápido. O que não foi tão simples de responder e até esse momento não tenho uma resposta objetiva é por que ela mesma parece ter resistido a se apresentar como artista. Estabeleceu uma relação íntima com a arte através do olhar, ainda que muitas vezes em uma investigação pessoal, e no espaço da sala de aula, e não percorrendo os circuitos tradicionais consagrados da arte.

Podemos intuir, nesse momento, o fato de ser mulher numa época onde os coletivos de mulheres artistas no Brasil ainda são raros, e o lugar que a mulher ocupa na sociedade primordialmente em papéis de cuidado e apoio. Ainda que saiba pelos relatos das pessoas próximas que Nena também se realizava ocupando esse lugar.

Seu lugar enquanto professora e arte educadora sempre foi de reconhecimento por parte dos colegas e alunos, sua dedicação e criatividade são relatados por cada uma dessas pessoas, daí vem a pedagogia do deslumbramento, que reconheço,

em um trabalho posterior precisa ser mais estudada e explorada, pois o método de ensino que Nena desenvolveu para o ensino de fundamentos da linguagem nos cursos de Arte, seria de grande relevância para outros professores de arte. Digo isso como uma professora de arte, formada em licenciatura de artes visuais, que imagina que se tivesse tido a chance de passar por uma aula da Nena teria possivelmente outro olhar sobre a arte e os caminhos na profissão.

A experiência que Nena adquiriu nos distintos locais em que trabalhou durante sua carreira na educação em estados e países completamente distintos, fizeram com que ela olhasse para cada aluno individualmente, valorizando sua cultura de modo que sua história sobressaísse e fosse usada a seu favor em suas produções de arte, munindo-os de ferramentas emocionais e artísticas para expressarem-se de forma única e encontrarem seu espaço no mundo.

Como todo bom professor, muitas vezes o que você deseja para seus alunos e a forma como trabalha, é levando em conta o que gostaria que um dia tivessem feito por você. Apesar de Nena ter vindo da cidade de Anápolis onde inusitadamente em sua infância conhecia artistas de Hollywood, sua família era constituída de forma tradicional, seus pais tinham profissões comuns à época no interior de Goiás.

Dessa forma posso dizer que Nena foi sim uma artista, criadora de trabalhos belíssimos e profundos, de forma mais intensa em alguns momentos de sua vida, mas que na maior parte dela, Nena viveu esse ser artista cotidianamente, em seus gestos e no olhar para o mundo, produzindo nas pessoas o desejo de se aproximar do belo, do sutil e dos detalhes que a vida nos apresenta através da natureza, dos céus, das plantas, das cores e das formas. Encontrando profundidade na subjetividade.

Seu maior campo de atuação foi como arte educadora, ali brilhou e fez brilhar jovens artistas que estavam em busca de aprender como construir seus caminhos. Nena deu mapas para cada um deles, ensinando-os como navegar no mundo das artes e se expressar através dele. Seu maior legado está nas histórias de pessoas que entrou em contato e transformou através de seu olhar. Uma artista do invisível.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV. 2006. p. 183-191.
- BURKE, Peter. **A invenção da biografia e o individualismo renascentista**. Disponível em: < <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2038>>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira**. Disponível em: < <http://www.iea.usp.br/eventos/cursos/mariza>>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- FABRO, Márcia Regina Cangiani; HELOANI, José Roberto Montes. **Mulher, maternidade e trabalho acadêmico**. Disponível em: < http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-53072010000200004>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- FIALHO, Lia Machado Fiuza; SANTOS, Hannah Franklin; FREIRE, Vitória Chérída Costa. **Biografia da professora Raquel Dias de Araújo**: um olhar sobre a docência universitária e a militância política. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/20562/12765>>. Acesso em: 15 de jul. 2024.
- FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de; NASCIMENTO, Lorena Brenda Santos. **Biografia da educadora Josete Sales**: reflexos da formação de professoras no Ceará. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-60592020000100519&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA BOLDORINI, M.; BARROS MEIRA, R. **No rastro da história das mulheres**: a biografia em discussão. Revista Aedos, [S. l.], v. 11, n. 25, p. 13–36, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/91234>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- JELIN, Elizabeth. La estructura social em la biografía personal. In: CATELA, Ludmila da Silva; CERRUTTI, Marcela; PEREYRA, Sebastián. **Las tramas del tiempo**: Familia, género, memórias, derechos e movimientos sociales. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO. 2020. p. 373- 377.
- KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Biografia como gênero e problema**. História Social: Revista dos Pós-graduandos em história da UNICAMP, n. ja/jul. 2013, p. 51-63, 2013 Tradução. Acesso em: 13 jul. 2024.
- SEIBT, Cezar Luís. **A noção de individuação em Jung e a educação**. Acta Educ., Maringá, v. 45, e55175, 2023 . Disponível em

<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-52012023000100101&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 jul. 2024.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão artista**: pintoras e escultoras brasileiras entre 1884 e 1922. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Acesso em: 13 jul. 2024.

SOUSA, Cíntia Guimarães Santos. **Biografia de artista**: revisão crítica do método biográfico e a noção de artista arquivista. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/13_CintiaSousa_BiografiaDeArtistapdf>. Acesso em: 15 jul. 2024.

THIOLLENT, Michel. **Mai de 1968 em Paris**: testemunho de um estudante. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86781/89783>>. Acesso em: 15 jul. 2024.

TUIAVII, SCHEURMANN, Erich. **O papalagui**: comentários de Tuiávii, chefe da tribo Tiavéa nos mares do sul. São Paulo: Marco Zero, 2003.

APÊNDICE 1- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista com Juliana Leonardi

Data: 17/10/2022

“Ela me levava muito para o Jardim Botânico de Brasília e ia com uma lupa e uma caixa recolhendo coisas que serviriam para as próximas produções criativas dela”.

Juliana- Minhas primeiras recordações da minha mãe, eu não vou falar só da pintora, eu também tenho recordação dela como arte educadora, mas se misturam. Nós sempre mudamos muito de cidade, inclusive de país, meus pais foram perseguidos na época da ditadura, então nós tivemos que sair. Era muita mudança. Minha mãe sempre foi muito importante, ela era a estrutura da organização da casa. Ia sempre na frente fazendo tudo. Durante muito tempo, a lembrança que tive, é uma interpretação minha, não foi fácil pra ela. São coisas que ela compartilhou comigo. Não foi fácil para ela esse gerenciamento da vida criativa e do papel de mãe, da logística familiar. Minha mãe era um ser humano, muito bom, de muita doação e muito amor. Tenho recordação, o quanto de amor que ela tinha pelos alunos dela. Tanto que muitos se tornaram grandes amigos. Então ela tinha essa característica de doação como ser humano. Ela vivia muito para as pessoas, para a família, para os alunos. Ajudando com muita solidariedade. Pessoas na França, refugiados. Eu me recordo de momentos muito especiais nos estudos dela pela questão do olhar. Mas não era constante, existiam episódios, fases que ela realizava isso. A pintura era questão de fases, pois nas outras fases era uma vida de doação. A vida dela é de educadora artística trabalhando a questão do olhar com os alunos. Tinha muita doação com meu pai e com a gente. Me lembro de amigos na Espanha que iam nos visitar e passavam temporadas na nossa casa.

Amanda- O que sua mãe conta sobre a volta da França já que até aquele momento ela ainda não era professora. Como ela te contava esse início que coincide com seu nascimento?

Juliana- Minha mãe contou algumas coisas, mas eu tenho uma lembrança da minha mãe da época da Espanha e da adolescência, pois eu mesma, para ser sincera, não tenho muitas recordações dessa primeira infância no Brasil.

Ela disse que foi pega de surpresa com essa gravidez. Estava voltando e eu nasci no meio desse desafio. Eu sei que fiquei com meus avós maternos por um tempo para que ela pudesse resolver algumas questões, enquanto eu era recém nascida. Mas não sei quanto tempo fiquei. Eu sei que tive a dindinha que cuidou de mim, eu me lembro sempre de pessoas cuidando de mim. E lembro de muitas mudanças. E nesse primeiro momento minha mãe não estava nesse momento. Lembro de natureza, praia, mas ela devia estar lá. Tenho recordação de Recife talvez. Estava tudo muito tumultuado. Não consigo dar detalhes mais precisos como meu pai. É uma memória emocional de imagens. Tenho poucas memórias antes da Espanha. O que ela me contou depois é que sim, ela teve doenças autoimunes e eu tive que conviver com isso. Acho que foi muita doação. Ela me disse que foi muito desgastante essas mudanças de casa, de país. Ela assumiu essa dianteira, para dar conta de uma estrutura para a família. Não é uma coisa fácil. Isso gera um desgaste no corpo, na psique. Mesmo na Espanha, eu sei que tudo foi puxado pra ela. Eu fui na exposição dela na Espanha. Depois que eu cresci que vi minha mãe se desfogando e podendo se desfogar e se dedicar para a pintura. Se não, a gente pinta uma imagem idealizada. Minha mãe era uma mulher de muita sensibilidade e de amor. Estudava, lia, documentário sobre o cosmo, com lupa no Jardim Botânico vendo as flores. E muita espiritualidade também, não dogmática, ligada a alguma religião, mas muito espiritual.

Amanda- Você se lembra de quando vocês moravam no apartamento do seu avô que ela não tinha mais a babá e tinha que arrumar trabalho mas a doença autoimune começa a se agravar. Seu pai fala de uma mulher buscando estabilidade que faz concursos e passa em primeiro lugar, mas que precisa sair para acompanhá-lo. Como você vê isso?

Juliana- Eu não me lembro, minha mãe está muito ausente. Eu tenho uma memória mais do meu pai na minha infância. Não foi uma coisa fácil pra ela. Eu me lembro dela adoecida, mas mais recordações da Espanha. Foi um momento muito feliz da minha vida, já para a minha mãe não foi. Para o meu pai foi um momento bom. É como se a gente tivesse vivendo momentos diferentes. Mas na adolescência em Brasília, apesar dela estar adoecida a gente saía muito para conversar, então eu passo a ter uma outra relação com ela. Inclusive depois que eu casei. Esse período da minha infância acho que não foi fácil pra ela. Pra mim foi uma infância feliz especialmente na Espanha. Era difícil mudar de escola toda hora, eu ficava com medo de fazer amigos. Não aprendia matemática, tinha que ter professor

particular. No Brasil tenho recordação com natureza e animais, meu pai trazia porquinho da índia na camisa, mas escola não era um momento fácil pra mim.

Mas o tempo na Espanha eu consegui criar uma história lá, fiz muitos amigos que tenho contato até hoje. Voltei depois na época do meu casamento. A melhor recordação que eu tenho foi na Espanha, acredito que para o meu irmão também. Para o meu pai a Espanha foi uma coisa incrível. Mas acho que não foi a mesma coisa para minha mãe, embora ela tenha pintado.

Amanda- E o que você acha que ela não gostava na Espanha?

Juliana- Eu acho que não foi a questão da Espanha, ela teve um diário e eu li esse diário e minha mãe como esposa e como mulher ela se cobrava a dar conta de tudo. Eu sou terapeuta. E eu sei que isso não é possível. A auto cobrança não era fácil. Ela sempre estava tentando resolver tudo. Tinha coisas que ela poderia fazer, outras ela poderia ter largado. Eu me lembro uma vez que ela fez algo na Espanha que eu achei o máximo! Sempre vou me lembrar pois achei muito bom ela ter feito isso. Um dia ela ficou cansada de tudo e falou que estava indo para um hotel e não queria visitas, eu vou pegar três dias no hotel. A gente vive em uma cultura que fantasia muito a maternidade. Mães ficam cansadas. E esse modelo precisa ser revisto para proteger a saúde das mulheres. Então acho que não foi fácil. Eu lembro que eu também não era muito obediente. Ficamos com saudade, três dias depois fomos lá tomar banho de piscina com ela no hotel.

Amanda- Então vocês voltam da Espanha para Brasília?

Juliana- Não ficamos em Araras primeiro. Ficamos na casa dos pais do meu pai. Ele não contou, acho que ele esqueceu. Que curioso. Eu estudei em Araras, não cheguei a concluir um ano, mas eu morei com meu avô, minha avó e meu irmão. Não sei onde meus pais estavam. Pode ser arrumando as coisas em Brasília.

Amanda- Na narrativa de seu pai ele conta muito da vida profissional dele e da sua mãe, mas vocês de uma forma mais coadjuvante na história. E em vários momentos eu perguntei onde que estava a Juliana e o Rodrigo ou que vocês estavam fazendo. Eu sinto que vocês estavam com outras pessoas cuidando de vocês.

Juliana- Eu entendo essa sensação que você tem. Eu tenho memórias muito vivas e especiais do meu pai e da minha mãe também. Mas principalmente meu pai. O mundo dele sempre foi a literatura. Na minha infância, por exemplo, meu pai era muito carinhoso, e não tenho memória da minha mãe tão próxima afetivamente mas de uma mãe organizando tudo para todos e cansada. Ela me contou que ela tinha que resolver muitas coisas. Então me lembro de pessoas cuidando de mim e da importância dos animais na minha vida. Sempre tinha um animal novo para me acompanhar. Meu pai sempre conversava muito comigo e com meu irmão na adolescência. Em Brasília até eu entrar em uma escola chamada Criarte, eu tive muita dificuldade de me adaptar depois da Espanha. Depois nós fomos para Colina (lugar onde os professores da UNB viviam), ali eu fiz amigos e é onde eu mais tenho recordações da minha mãe. Da pintura que ela mostrava, dos livros que ela gostava. Começou uma nova fase. E, como eu tinha muito estímulo deles, começou um período mais maduro pra mim.

Amanda- Você foi no terceiro ano para a Noruega. Como foi para você e para sua família isso? É a primeira vez que você vai fazer a mudança.

Juliana- Meu pai encontrou um comunicado que uma instituição da Noruega estava oferecendo bolsas de estudo para um lugar que jovens vão depois do Ensino Médio para fazer uma vivência de arte e comunitária. Vão pessoas do mundo inteiro, por isso que o governo norueguês dá bolsa para que os jovens possam conviver com pessoas de outros países. Um ano vivendo em alojamento, plantando, colhendo, fazendo montanhismo e várias atividades para gente poder encontrar nosso propósito de vida. É como se fosse uma escola de preparação para a vida. Essa coisa de vestibular e livros, não é aí que você se encontra. Uma educação de vivências, com disciplinas práticas. Era um concurso, um processo seletivo. Mas eu já me via lá. Minha mãe me ajudou com o processo burocrático, uma aluna dela traduziu os documentos. E eu passei, fiz entrevista com a embaixatriz da Noruega, me disseram que ela gostou muito de mim. Foi uma experiência maravilhosa que definiu minha vida, minha carreira. Meus pais sempre lidam muito bem com isso. Venho de uma família que tinha muito desapego. A maneira que eles se relacionavam com a gente sempre foi de desprendimento. Eles eram diferentes dos pais tradicionais. Essa sensação que você tem de “onde estava a Juliana, onde estava o Rodrigo?”, não é que a gente não existia, é que a maneira deles lidarem com a gente era diferente. Talvez nem tudo tenha

sido perfeito. Muitas sequelas. Mas tem muita coisa boa. Aprender a mudar, a desapegar. É o processo de evolução. Não tem drama nisso não. Não tinha internet, escrevíamos cartas naquela época.

Amanda- Enquanto isso, seus pais continuam envolvidos em projetos?

Juliana- Eles viajavam muito. Meu pai só foi realizar a construção de uma casa depois que minha mãe morreu, o dinheiro era usado para viajar, investir em educação dos filhos e oportunidades de dança de música. Tem lacunas. Foi um processo muito demorado para eu aprender a lidar com as questões da matéria. Mas esses eram os valores deles.

Amanda- Como está sua família quando você volta da Noruega?

Juliana- Eu não queria voltar, mas decidi voltar pois minha mãe não estava bem novamente. Foi um choque muito grande. Era tudo muito diferente. E volto para o Brasil e sinto o mesmo luto que senti da Espanha, pois era como se tivesse perdido algo. Fui fazer vestibular para a Faculdade de História, minha primeira Graduação. Eu também mudei muito na carreira acadêmica até me encontrar. Mas foi um curso maravilhoso.

Amanda- Interessante você fazer o caminho do seu pai cursando história.

Juliana- Sim, e hoje eu sigo o caminho da minha mãe. Minha mãe já dizia na época que história não seria meu caminho e precisou de um tempo para encontrá-lo e a questão vocacional, de construção de um projeto de vida não acontece por meio de teste, nós temos que viver. É uma construção. Você não pode achar que foi tempo perdido. Você estava fazendo experiências e descobriu que não é aquilo. Tudo que vivemos não foi tempo perdido, como amadurecimento em aspecto que me faltava. Durante a faculdade de História eu morei com meus pais nos três primeiros anos e no quarto eu casei. Eu fiz alguns trabalhos voluntários em educação especial que hoje é parte da minha vida profissional. Na Noruega eu me encontrei muito nos trabalhos voluntários. Eu era acompanhante de pessoas deficientes, a gente saía para caminhar juntos nas montanhas.

Eu não sou educadora e terapeuta por acaso, isso me encantava muito mais que a vida acadêmica. Quando terminou o curso de história, eu mudei para Ribeirão Preto-SP, meu ex marido foi fazer doutorado na USP na área da medicina. Então eu estava de novo

perdida, então minha mãe encontrou o curso de musicoterapia na universidade, conversou com a coordenadora e disse que como eu gostava de dançar existe uma relação da música com o movimento. Hoje me identifico com uma área mais ampla, contoterapia e arteterapia, mas foi um caminho que me mostrou que eu deveria ser terapeuta, trabalhando com saúde mental por meio de contos e arte. Logo após acabei fazendo mestrado e doutorado em enfermagem psiquiátrica na USP de Ribeirão Preto. Já tinha tido a minha filha Marina, amamentava ela na faculdade de musicoterapia, ela me acompanhava durante todos os cursos. Então na pós-graduação eu trabalhei com danças circulares, com arte com pacientes psiquiátricos. Minha vida foi mudando, fiz pedagogia, trabalhei muitos anos com jovens com orientação vocacional, projeto de vida estendendo para saúde mental. Pois as áreas não são separadas. Trabalho como professora concursada na prefeitura de Cravinhos com crianças e educação especial e no outro período trabalho com projetos de contoterapia e arteterapia com mulheres. Finalmente me encontrei, mas foi um processo que demorou.

Amanda- Acho que seria legal no próximo encontro você falar sobre seus avós, seu pai falou bem pouco sobre eles.

Juliana- Eu também tenho poucas recordações dos meus avós paternos. Como a gente mudava muito, e essa vida fez com que o contato com familiares fosse distante. Lembro de cartas que minha avó materna escrevia da saudade.

Amanda- Seu pai conta que seus avós vão até a França buscar eles.

Juliana- Eu acho que também não foi fácil para meus avós. São de outra geração. O que posso dizer para encerrarmos essa primeira etapa é que hoje eu compreendo mais os meus avós e agradeço muito tudo o que eles me deram, mas, eles tiveram uma outra história onde a luta material foi muito importante. Dar a estrutura, a base para as conquistas. Eles tinham uma visão do tradicional, na estabilidade, e de repente a filha e o companheiro romperam totalmente o que se esperava deles, criando uma família nômade sem residência fixa, com muitas mudanças.

Amanda- A comparação com as duas irmãs, seu pai sempre coloca sua mãe como uma simples professora.

Juliana- O que acontece é que minha mãe era de uma humildade tão grande e uma espiritualidade tão grande, a vivência dela, a visão com a arte, tudo dela era mais intimista. Acho interessante entrevistar alunos dela, ela contava que eles choravam nas aulas. O caminho do educador e do terapeuta acontece em outras esferas. Essas comparações existiam sim, mas eu lembro de umas brigas que eu tive com minha avó pois eu entrava no meio para defender. Mas minha avó no final da vida mudou muito a visão, isso não era culpa dela. Hoje como terapeuta eu entendo como as construções dela. No final da vida dela, minha mãe já tinha falecido, ela me ligava muito e realizou o sonho dela de dar um apartamento pra mim pois eu já tinha me divorciado, onde eu moro hoje. Minha avó e meu pai juntaram um dinheiro e compramos. Mas entendo que da minha família faltou essa educação financeira, e meus avós tinham esse lugar, e eu agradeço. Um deixou um legado material e o outro deixou um legado sobre a vida criativa, interior. Hoje reconheço e agradeço os dois. O dinheiro e vida organizada tem o seu lugar, temos história de tantos artistas, Gabriela Mistral, artista chilena que foi diplomata, a Cecília Meirelles, o Picasso tiveram uma boa estrutura, outros se afundaram. E por parte de pai também, os valores eram esses. Os valores do mundo, que valorizam demasiadamente isso. Minha mãe era diferente do meu pai, ele era bem desapegado. Ela enquanto estava viva sustentava uma festa de natal, uma família mais unida. Depois que ela partiu, começou um novo processo. Ela era esse elemento que trazia isso para a família. Meu pai não cuidava, ele se dedicava à literatura. Qualquer outra coisa chata da vida ela que fazia pois queria que ele tivesse tranquilidade para meu pai poder realizar a literatura dele. Meu pai pode fazer o que ele fez por muito sacrifício da minha mãe. Questão de escola, eu estive angustiada e ela que estava na frente para tudo. Em momentos que eu não estava bem ela pegava o carro e falava “vamos para o Jardim Botânico?! Vamos assistir um filme?!”, ela foi essa mulher, essa mãe, que se doou muito.

Ela foi uma educadora incrível e deu oportunidades para eles fazerem muito. E tinham alunos que falavam que se não fosse pela minha mãe não conseguiriam.

Amanda- Você acha que é possível conversar com seu irmão?

Juliana- Acho que deveria falar com meu irmão e com alguns alunos como a Fernanda Cabral que é cantora e poderá indicar outros colegas.

ENTREVISTA COM JULIANA LEONARDI

Data 24/10/2022

Juliana- Hoje eu quero falar da maneira como eu acho que devo, sem seguir uma ordem cronológica, depois você tira suas dúvidas. Muito do que meu pai conseguiu, claro que a sensibilidade é dele, ele é um homem maravilhoso, um ser humano muito sensível, então a literatura dele que inclui poema, que inclui contos, a historiografia dele, isso estava nele, meu pai tinha um compromisso com isso. Ele vive para a literatura, mas uma coisa não pode ser esquecida: a minha mãe estava por trás dele. Para que isso fosse para o mundo existe uma logística extremamente desgastante e eu acompanhei isso. Existe uma coisa que é o manifestar, o intuir e escrever, o contato com a genialidade, com a criatividade e com o espírito. Mas existe depois datilografar, existe depois ir atrás e resolver questões. A minha mãe literalmente foi secretária do meu pai. E ela sempre falou para mim que ela queria muito dar todo apoio ao meu pai para que tudo desse certo, era como se fosse uma tarefa. Ele teve uma grande companheira que se sacrificou sim, em todos os momentos lutando para que tudo isso desse certo. E ela dizia pra mim, quando eu questionava: “mas você não tem que cuidar um pouco de você? ”. Ela tinha uma grande alegria em ser companheira dele, em dar essa vitória e ajudar para que tudo isso desse certo, pois de fato ele precisava. Como hoje ele ainda precisa. Eu acho que a Márcia é muito importante para ele, a segunda companheira. Esse organizar a vida. Bom, esse é um aspecto. Eu vou tentar agora fazer uma lembrança, primeiro cronológica da maneira como eu consigo, talvez tenham lacunas, vou tentar falar algumas coisas que minha mãe conversava comigo, ou eu sei sobre a minha mãe pois eu acho que isso é honrar ela, tentar resgatar isso. Bom, quando você me perguntou sobre minha primeira infância no Brasil antes de viajar para a Espanha, eu falei que não tinha essas recordações, na verdade eu tenho algumas lembranças mas isso não envolve muito a minha mãe, e eu acredito, ela falava isso para mim, que tinha sido realmente. Eu não presenciei pois era criança e ela tentava proteger, mas se você perguntar para o meu pai ele tem mais memórias sobre isso. E essa questão do processo da ditadura não foi fácil. Meus pais ajudaram muitas pessoas, tenho uma sensação, tenho dificuldade

de acessar minha memória e pouca memória da minha mãe e do meu pai, tenho uma coisa ou outra.

É como se tivesse muita coisa acontecendo e alguém estava cuidando de mim, mas eu tenho lembranças. Agora eu comecei a acessar, mas elas não são tão fortes então é a maneira como ficou. Também mudei muito nesse período, eu ficava mudando de cidade, morei um bom tempo no nordeste, eu recordo muito de animais, de praia, mas me vejo muito sozinha ou então tinha alguém me olhando, cuidando de mim. Me recordo de um episódio melhor, talvez de uma casa com piscina, recordo do meu pai me ensinando a nadar, eu dançando Elvis Presley com meu pai em algum momento, recordo todas as mudanças que aconteciam e tentando arrumar meu quarto parece que era um colchão no chão e umas coisas que eu colocava no chão. Acho que a gente mudou tanto que esse esquema durou muito tempo, até na Espanha, um colchão, uma cama, um tijolo, algumas tábuas para colocar as coisas. Não tinha muita estrutura. Essa sensação me acompanhou durante muito tempo na minha vida, a sensação da casa não ter muita estrutura como as outras casas. Uma casa mais de nômade. Tudo era muito fácil de montar, fácil de desmontar e fácil de se livrar. Hoje meu pai mora numa casa, no apartamento em Campos do Jordão super estruturado. Fico super feliz, mas é como se não tivesse nada a ver com boa parte da nossa vida, inclusive na Espanha. Tem fotos do nosso apartamento que é tudo assim, na sala não tinha sofá, era uma cama com colchão que colocaram algum tecido, talvez com algumas almofadas. As mesas de plástico, das mais baratas que compra no mercado, tudo prático. Era muito desapego com a estrutura da casa.

Quando a gente vem para Brasília, começa a se estruturar alguma coisa, tem estante de madeira na sala pela primeira vez. Vão trazendo coisas que ficaram no passado e estava na casa de alguém. E quando finalmente a gente vai morar no segundo apartamento em Brasília, a casa começa a ficar mais estruturada, tem sofá, coisa que não me lembro de ter visto. Tem uma sensação maior de estrutura e hoje nem se fala, quando visito meu pai em Campos do Jordão tem uma casa com muita estrutura. Me lembro disso, dessas coisas simples. Talvez foi Recife o último lugar que morei antes de ir para Espanha, brincava muito com as crianças, lembro com clareza de sofrer muito na escola e isso era um pânico para mim. Toda hora muda de escola. Minha mãe tinha que falar com os professores para não me chamar na lousa, para não fazer perguntas e que eu não sabia matemática. Sempre tinha professor particular comigo. Não era muito estruturado. Uma vida onde entrei em uma escola, tive um grupo de amigos, não teve. Muita mudança.

Sei que não foi fácil para minha mãe, ela conversou comigo depois quando era mais velha, que por trás dessa história que você escuta, que é uma história muito incrível, de pessoas que viajaram, mas não é para pensar que foi fácil. Tem os bastidores, e um dos bastidores eu sei que minha mãe comentou comigo, uma declaração que ela deu, não uma interpretação minha. Todas as viagens e mudanças meu pai foi na frente para decidir em que cidade morava, alugar um apartamento e quem empacotava a mudança e fazia uma série de questões da casa era ela e o quanto que isso foi cansativo. Em Brasília paramos com essa história de mudança. Talvez por isso tudo era muito simples antes, pois não sabia quando iria mudar de novo. Em Brasília meus pais estavam na universidade então tinha uma perspectiva de longa duração. Por trás do meu pai, tinha minha mãe que organizava a casa, eu lembro que a escola era ela que ia mediar as questões, desde um balé, tudo. Alguém tinha que organizar a vida dos filhos e ainda era secretária, datilografava as obras do meu pai. Meu pai ficava mais protegido para que ele pudesse cuidar das questões dele sem se envolver tanto com esses bastidores que são cansativos. Não era algo que meu pai impunha que minha mãe tinha que fazer, minha mãe assumia isso voluntariamente. Mas isso atrapalhava e gerava um desgaste.

Amanda- Você acha que por isso ela talvez não tenha conseguido explorar o potencial criativo artístico do jeito que ela gostaria?

Juliana- Tenho o diário dela que meu pai deu de presente, nesse diário está escrito todos esses dilemas que ela vivia. Acho que sim, Amanda. Mas pode ser que a narrativa não seja essa. Mas acho que sim, como ser humano, educadora, terapeuta e mãe também, sei que essa dinâmica não é fácil. Como mulher. Essa questão dela não conseguir renunciar, desapegar, ela também se cobrava, isso está escrito no diário. Por talvez não dar conta de tudo. Mas é minha visão. Estou tentando lembrar de mais alguma coisa. Ela fez uma exposição no Brasil que meu pai deve ter citado, ele tem melhores memórias do que eu, minhas lembranças são como se fosse mosaico. Não consigo ter lembrança organizada. Não tenho lembrança de uma vida tradicional, eles eram nômades, estavam lutando pelo fim da ditadura. Sempre fui muito solta, podia dormir em casa de amiga, eles sempre foram muito livres com tudo isso, eu me comparo pois lembro de amigos que os pais não deixavam sair, a criação deles comigo sempre foi muito livre, sem nenhum tipo de preocupação nesse sentido, também era uma outra época. Quando vou para Espanha, eu passo a ter um referencial de memória na minha vida. Aprendi a dançar flamenco, tinha amigo, brincava

na rua, passo a ter uma vivência de família nós quatro, coisa que não recordo antes. Pode não ter sido para o meu pai, não sei se ela já falou isso para ele, mas para minha mãe a Espanha não foi um período fácil para ela. Pois a gente volta para as mesmas questões, ela tinha que dar conta das coisas e isso era cansativo.

Minha mãe cuidava de tudo.

Amanda- Você chegou a visitar o ateliê da casa que ela teve na Espanha?

Juliana- Não me lembro. Fui uma criança que estava muito envolvida com a brincadeira. Lembro que meu pai disse que achava que eu nunca iria ler na vida de tanto que brincava e não queria saber de ler. Ele tentava me estimular, contava histórias, mas não estava no momento com maturidade. Hoje leio muito, mas eu só brincava. Não estava muito envolvida nesses bastidores, brincava, dançava. Quando voltamos para o Brasil fiquei deprimida no começo, pois foi uma ruptura. Pois era uma coisa que eu gostava e era muito caro para mim. As amigas que eu tinha feito, uma coisa de pertencimento que não tinha tido até então. Depois voltamos para Araras e eles viram que não ia dar certo morar com meus avós e conseguiram voltar para Brasília. Não me adapto nas primeiras escolas, chorava no meio das provas, principalmente matemática. Quando entro em uma escola chamada Criarte aí consigo resgatar o pertencimento. Vou morar na Colina, minha mãe era muito querida pelos alunos, minha escola parecia um hotel, chegando alguém da França, era uma casa criativa, a gente estava recebendo alguém, muitas alunas amigas da minha mãe. Lembro dela contando para mim, meu pai e meu irmão que tinha sido emocionante a aula, que os alunos choraram. Ela tinha uma coisa que fazia com os alunos que ajudava realmente a descobrir sua vocação, o que deslumbrou, eu e meu pai brincávamos que era a pedagogia do deslumbramento. Tinha uma questão do olhar.

Presenciei vários alunos que iam em casa. Tinha uma aluna que é a Fernanda Cabral, cantora que já viajou o mundo inteiro. Toda doação dela era demais, a arte era pra ela.

A alegria que ela preparava as aulas, até por que alguns alunos não tiveram histórias de vida fácil então ela se tornou um referencial de mãe também. Isso foi muito legal, construir tantos laços. A Luciana que foi aluna, não concluiu a disciplina e virou amiga, diz que hoje quando não está bem para ela. Essas coisas que escuto sobre minha mãe. A bondade dela marcou. Fiquei em casa um tempo até me casar. A minha mãe tinha uma relação muito forte acompanhando a obra tanto artística quanto de história de vida e ensinamentos do Nicholas Roerich, tanto que no final da vida dela ela fez um projeto que acabou não dando

certo sobre arte e espiritualidade na obra do Nicholas Roerich que foi um grande artista, historiador, foi um homem muito completo como Leonardo da Vinci e ele teve uma vivência especial no oriente ele pintava muito as montanhas, tem o museu Roerich em Nova Iorque que minha mãe visitou. Ele foi um homem junto com a Helena Roerich que propunha um caminho de cultura de paz, de incentivar profundamente a apreciação, a diversidade, de acreditar que a arte, o belo poderia unir os povos. Ele apreciava a diversidade religiosa, científica, filosófica, quanto artística como um patrimônio da humanidade. Algo que toda humanidade teria direito de preservar esse patrimônio. A espiritualidade dele também era muito especial pois ele vivenciava dentro desse contexto.

Minha mãe tinha algo muito forte com as obras dele, ela trouxe algumas. Ela também gostava muito da Pedagogia Waldorf, tanto que minha filha depois estudou em uma escola pois eu lembrava do tanto que minha mãe falava e era fascinada. Ela ia buscando esses referenciais. Nesse aspecto ela não estava muito preocupada como meu pai, em comunicar isso com o mundo pela literatura, ela vivia na sua intimidade, e talvez levava essas pérolas para os alunos, nas relações, mas ela não tinha preocupação nenhuma em ser conhecida. Mesmo se ela estivesse pintando, era o prazer dela. Me parece que não havia uma preocupação de que isso teria que se tornar uma exposição. Até o momento que ela viveu não foi um contínuo em sua vida como artista. Vejo mais força em seu trabalho como arte educadora, como artista parece que ela teve períodos de produção. Muito belos. Mas não consigo lembrar uma preocupação de que isso tinha que ser comunicado para o mundo. Roerich influenciou muito ela. Lembro de conversar comigo sobre o aprender, ela estava muito interessada nisso pela pedagogia Waldorf pois é artística. A valorização do sentido, do olhar. Vejo a vida dela criativa como educadora, como ela queria tocar o coração dos alunos. Ela estava sempre observando e contemplando livros de artistas, as obras de arte. Ela já tinha viajado muito, visto isso nos museus, mas sempre estava olhando. A diferença entre meus pais, ele era da palavra escrita, a minha mãe do olhar, e não tanto da palavra. Assistia muitos documentários sobre o cosmos, sobre o universo e o que interessava para ela, se observar as obras da minha mãe, ela sempre dizia: “A arte abstrata, não é abstrata as pessoas não entendem”. Se você pega hoje uma imagem do universo é uma obra de arte, algo belíssimo. Uma parte de uma planta é outra obra de arte, as formas, as cores, então minha mãe observava muito isso. O que era abstrato para as pessoas ela dizia ser o mundo invisível ou o mundo infinito, coisa que nosso olhar não alcança a não ser pela tecnologia ou por algum recurso. Hoje fica claro para mim, como isso nos cura. Antes de existir palavras existiam imagens. Minha mãe gostava muito de Jung. A importância de

vivermos uma vida educados pelo olhar, pelo contemplar, pelo observar. Ela me levava muito para o Jardim Botânico de Brasília e ia com uma lupa e uma caixa recolhendo coisas que serviriam para as próximas produções criativas delas. Folhas, sementes serviam de inspiração para suas pinturas em cores, formas e texturas. Vamos encontrar muitas coisas que ela fez no micro e no macro. Ela é muito silenciosa. E nisso também está a arte educadora. Depois vou para Europa e volto ela está doente. Tenho dificuldade de entender o que houve com minha mãe, será que era genético, será que era inevitável... Meu pai interpreta dessa maneira, que não descobriram. Eu entendo hoje que essa logística que ela teve que dar conta influenciou muito, mas sei que foi uma escolha dela e que meu pai também dava muito apoio, comprava material para ela pintar, propunha alugar alguma coisa, não era pelo meu pai, ela queria ficar no lugar de cuidado. Mas também não posso responder algo pela minha mãe que não está aqui mais, estou falando de uma percepção minha. Era um dilema pra ela também. Mas foi crucial primeiro para o meu pai, sem a companheira.

Amanda- Seu pai relata que em Brasília ele incentiva a colocar nome nas obras, vamos procurar um lugar para expor. Você acredita que ela se via como arte educadora e não sentia vontade de ser uma artista aberta para o mundo? Ela gostava de pintar para ela mesma?

Juliana- Não... Não sei se é isso. Como vejo minha mãe: ela foi uma educadora muito sensível que marcou a vida de muitos alunos, os alunos dela eram alunos de arte, de escultura, artes plásticas, de teatro ou de dança. Pessoas envolvidas com a arte. Foi uma educadora quase terapeuta. Muito sensível pelo vínculo que eles mantinham com ela.

Acho que marca mais a contribuição que ela deixou. Ela queria pintar sim, mas às vezes estava muito cansada. Estava envolvida com muita coisa, sendo professora e demandas do meu pai, ela realmente ficava cansada para a produção dela. Ela se via como artista plástica, mas não com a mesma necessidade que meu pai tinha de compartilhar a literatura dele com o mundo. Não sei... Não posso te dar essa resposta com muita facilidade. Talvez minha mãe tivesse esse desejo, tenho que dar mais uma olhada no diário dela. Ela não conseguia voltar a se organizar para pintar, ela teria que delegar.

Casei depois que voltei da Noruega, mudei para Ribeirão Preto, tive a Marina então estava vivendo uma vida mais distante. Falava por telefone, uma vez por ano ia lá. Voltei a dançar flamenco na época com uma coreógrafa, meu pai ligou para mim dizendo que minha mãe

estava no hospital. Fui até lá, não estava nada fácil ver a imagem da minha mãe no final. Os órgãos não estavam funcionando, estava muito inchada, pele amarela... consegui segurar a onda. Ela me passou uma espiritualidade muito forte. Orei, cantei pra ela, disse que tudo ficaria bem, procurei compreender que aquele momento estava chegando e que o melhor era ficar bem serena e tranquila por ela também. Minha mãe entrou em coma várias vezes antes, teve episódios com esse adoecimento. Uma vez ela entrou em coma e teve uma experiência fora do corpo que ela relatou, se via num túnel indo embora uma voz chamando e que ficou muito bonito e gostoso e por ela iria, mas sentiu saudade de mim e voltou por sentir que eu não estava pronta. Nem pelo meu pai e por meu irmão, mas eu não estava pronta. Muitos anos antes. Não foi nada fácil para meu irmão e o meu pai, para o meu pai foi um abalo, ele deu uma desestruturada, só vi ele nesse momento chorando, e logo em seguida ele tentou ficar forte pois ela que sempre vazia isso. Fiquei alguns dias pois minha mãe tinha pedido para ser cremada, então toda família ficou junta. Meu pai ficou com as cinzas e a outra com a minha avó. Não sei o que fizeram com ela. E a partir desse momento começou a ter mais distanciamento. E a última vez que fui visitar meu pai vimos as pinturas dela, e ele fez esse convite de divulgar o trabalho dela. Meu pai quer honrar isso no final da vida.

Amanda- Você foi até lá e reuniu as obras de arte, como elas estão? Em fotografias, digital?

Juliana- São físicas, algumas não tem mais pois foram vendidas. Ele fotografou outras. Minha mãe trabalhava cores, formas, texturas e colagens. E ela tinha muita alegria com essa pintura, mas não tinha tempo. Dava aula, ajudava na publicação dos livros do meu pai e ouvir os filhos, ouvir os alunos, quase uma psicóloga. Isso era um dilema. Não queria abrir mão de nada e ajudar a todos.

Amanda- O que ela falou sobre os últimos meses na Califórnia, seu pai conta que ela ligava para falar com a Marina?

Juliana- Minha mãe era muito fofa, meu pai é mais das cavernas. Meu pai é sensível, mas a emoção é mais difícil, minha mãe criava vínculo. Acho que no final da vida, ela estava mais feliz, mais liberta. Tinha preocupação em meu irmão conseguir uma companheira boa. Ela estava livre, por isso voltou a pintar e viajar. Tenho fotos que meu pai mandou da Itália, Califórnia, estava muito bonita mas tinha doença autoimune. Ela não se cuidava muito.

Amanda- Depois da Espanha vocês chegaram a viajar juntos?

Juliana- Não, só sozinha e com meu ex marido. Ia visitar muito a minha avó em Anápolis. Eles fizeram viagens sozinhos. Só uma coisa ou outra indo para o interior de Araras.

Amanda- Lembra do seu avô? Conheceu ele?

Juliana- Muito protetor e muito cuidador também. Eu tenho uma boa lembrança dos meus avós maternos. Lembro do meu avô levando para piscina, minha avó fazendo misto quente. Eles eram muito carinhosos, por isso eles não queriam tanta mudança, queriam estar perto dos netos. Já dos meus avós por parte de pai, tenho poucas lembranças. Foram visitar a gente na Espanha. Visitei meu avô quando estava grávida e mantive mais vínculos com primos paternos, diferente dos primos maternos.

Amanda- No relato seu pai não fala se teve irmãos e como era o contato com os pais dele. A família da sua mãe mesmo com os problemas era mais próxima que a família do seu pai?

Juliana- A parte da família do meu pai, eu sei, minha mãe falou, tiveram dificuldades. Não posso expor, mas foi forte. Mas é realmente algo difícil para ele. Acho que as memórias dele com a família não são fáceis e ele não soube trabalhar.

ENTREVISTA COM RODRIGO LEONARDI

Data: 09/03/2023

“Lembro de uma vez, quando ela foi convidada para expor, foi o momento que mais tive orgulho dela, ver o local... os colegas dela...”.

Amanda- Se você fosse contar a história da sua mãe, como você contaria? Partes que você acha interessantes da história, etc?

Rodrigo- Bem meu pai tem a história cronológica com datas, já para gente na infância tem memórias difusas e na vida adulta mais claras. A primeira coisa que posso relatar bem, primeiro é uma grata surpresa que alguém se interesse tanto pela história, narrativa de vida dela a ponto de achar que isso seria um tema de uma dissertação de mestrado. Quando estiver pronto quero ter uma cópia para conhecer melhor minha mãe, certamente você irá encontrar coisas que nem eu estou sabendo.

A minha narrativa é muito simples, para mim antes dela ter sido a artista ou a professora, ela era simplesmente minha mãe. Então durante muito tempo eu tenho as infâncias que um filho tem, as recordações que um filho tem ao se relacionar com sua mãe, nós mudamos muito por razões variadas. Na minha infância praticamente cada ano era uma escola diferente, eram colegas diferentes, cidades diferentes e em algumas situações países diferentes.

Sempre lembro que mudar era uma coisa normal, para muitos ser estável em algum local é normal, para mim o normal era a mudança. Se ficássemos dois anos em um lugar eu achava estranho, mudar para mim nunca foi nenhum problema, pelo contrário era um modo de vida. Na minha vida adulta eu segui fazendo isso por um tempo, ficava um pouco e depois parecia que aquele lugar estava esgotado e você precisa de novos desafios, novo ambiente, novas pessoas.

Posso ter uma anedota ou outra a respeito do relacionamento mãe e filho, mas essa pessoa que você está procurando, essa artista eu só comecei a perceber quando estava na sexta série, que nós morávamos na cidade de João Pessoa, quando minha mãe começou. Tinha uma garagem que ganhou o nome pomposo de ateliê, lembro da minha mãe mostrando coisas que ela estava pintando ou rascunhando e foi a primeira vez que ela comunicou para a família, que eu percebi, que minha mãe tinha aspirações voltadas para artes plásticas. Bem, na verdade, naquela idade eu não sabia o que minha mãe trabalhava. Como hoje tenho uma filha de dez anos, acho que ela não vai saber direito o que papai faz. As crianças estão em um universo paralelo.

Depois nós fomos para Recife por uma temporada muito curta, e depois para a Espanha. Ficamos lá por quatro anos. Cheguei com 12 anos e fiquei até os 16 anos. E foi ali a fase de deixar a infância e virar adolescente no exterior. Se você vai para outro país as pessoas não te conhecem, então você pode se re-apresentar da forma que naquele momento você acha confortável, e foi naquela época que minha mãe deixou de se apresentar como professora e passou a se apresentar como artista plástica.

Se perguntasse para mim o que minha mãe fazia eu dizia que era artista plástica, mas não me preocupava com isso. Entendo que ela já tinha material para apresentar, se alguém perguntasse se ela seguia alguma abordagem para a arte, ela já teria o que falar. O fato dela ir para outro país que ninguém conhecia, ajudou a ganhar confiança na nova área. Lembro de uma vez, quando ela foi convidada para expor, foi o momento que mais tive orgulho dela, ver o local... os colegas dela ...Eu nunca entendi a motivação, entendi que um dia ela virou artista, nunca foi me explicado.

Amanda- Você se lembra do ateliê que ela tinha na Espanha?

Rodrigo- Devo ter entrado lá, mas não me lembro. Minha cabeça estava em outras coisas da adolescência. Lembro de discutir com ela por querer ter uma moto e minha mãe não queria. Eu andava de moto sem capacete, meu pai me deu a moto a contragosto. Eu não tinha maturidade para entender e apreciar o que ela fazia. Hoje olho as fotos e acho muito bonito, na época, eu pensava não ter nada de especial.

No Brasil quando voltamos para Brasília, ela reassumiu a identidade de professora, então ela não produziu mais com a mesma intensidade. Ela passou mais a ser alguém que pensa, interpreta e olha a arte do que produz. O ateliê passou a ser o cantinho da Nena com armário com coisas dela. Mas nunca conversei com minha mãe sobre isso, raramente, era mais coisas de mãe e filho. Comecei a perceber uma fase em que ela era menos artista produtora, e mais intelectual de pensar a arte.

Acho que ela conseguiu a intersecção entre as duas pessoas que ela era, se antes de ir para Espanha era professora e talvez nas horas vagas artista e depois na Espanha só arte. Quando voltou para Brasília teve essa junção com esses dois mundos. Ela tinha muitas alunas, era impressionante a quantidade de alunos que entravam e saiam de casa, era normal eu chegar e ela estar sentada conversando com três, quatro alunas conversando e dando risada. Ela ia para a Boemia. Minha mãe gostava de fumar de vez em quando, para a saúde dela não podia, mas era meio que você via ela em uma festa, tirava um cigarro e fumava e falava de arte.

Você acha que vai ter sempre sua mãe ali e não conversa, ela fazia um curso que pedia para as pessoas falarem de si mesma, eu nunca entendi qual era o assunto, o aluno chegava lá esperando uma aula expositiva, e ela dizia me fala você. Depois os alunos gostavam dela, ela recebia convites para festas, do ponto de vista social, ela era uma professora cheia de gente em torno dela, isso não é normal.

Eu estudei na UNB, você termina uma aula de matemática, não aparece ninguém lá para falar com o professor de matemática, muito menos convidá-lo para ir a uma festa. Do ponto de vista social ela tinha uma interação muito forte com os colegas dela, também conhecia artistas ali do meio de Brasília, dos mais variados, não se limitava só a artistas plásticos. Alguns eram atores, outros cineastas, músicos, etc. E as festas sempre tinham essa variedade de artistas.

Essas são as três primeiras coisas que eu tenho para te dizer das lembranças que tenho, ela assumindo uma personalidade profissional que vai evoluindo entre arte e vida acadêmica. Ela faleceu muito nova.

Amanda- Seu pai conta que ela tinha dificuldade em dar importância para esse lado artístico, querer ser uma artista pública, não assinando obras, não participando de exposições. Como você vê isso?

Rodrigo- Essa pergunta só ela poderia responder, mas é uma questão de personalidade. Tem gente que não dá importância para isso. O que mais ela devia ter se dedicado era para a família. Nós dávamos muito trabalho para ela. Ela tinha os hábitos dela, minha mãe ia muito ao cinema, toda semana. Ela lia e pensava bastante. A gente tinha um ambiente, a gente morava dentro do campus, ela estava a 5 minutos da sala de aula, o tempo todo na universidade. Não tinha separação. De fato ela não procurou muito. Meu pai tinha uma expectativa de que ela seria mais pró ativa.

Meu pai publicamente sempre foi muito pró ativo “vou conversar com editor, vou desenhar a capa, vou discutir direitos autorais”, meio que ele cuida da própria carreira dele, tem artista que precisa de produtor. Tem artista que depois de pintar não vai ligar para a galeria, de repente ela não tinha paciência para isso, já cuidava da família e mais uma carreira? A arte já dava o prazer que ela precisava dela.

No caso dela faltou alguém que cuidasse dela, tenho certeza que ela iria curtir. Meu pai não organizou nada para ela, pois estava organizando a dele mesmo. Por isso ela foi na universidade pois ela te dá esse roteiro, de aulas, reunião, um caminho bem trilhado, não tem que pensar muito. Todo o arcabouço da carreira está pronto, o artista não tem isso, tudo demanda muito esforço. Como é que seu quadro vai aparecer em uma galeria de arte?

E meu pai achava que ela deveria ser administradora da carreira dela, mas ela não queria. Na história temos exemplos de artistas que não sabem gerenciar sua carreira como Van Gogh e depois que morre fica famoso.

Amanda- Como você vê Brasília culturalmente nessa época? Vocês tinham essa participação? Visitam espaços culturais?

Rodrigo- É uma cidade do ponto de vista cultural com efervescência, o teatro nacional na época tinha muitas apresentações de arte, tinham galerias de arte, na própria universidade não faltava evento. Não podemos deixar de falar que se você quer ser artista precisa pegar seu portfólio e ir para São Paulo, minha mãe não fez isso. Minha mãe sempre ficou fazendo a família ter uma trajetória e onde a família se estabelece ela procura uma forma de exercer sua arte, mas não era uma carreira.

Amanda- Ela envolve vocês? Como ela faz para que você e a Juliana tenham um olhar diferente para as artes de modo geral?

Rodrigo- Não sei, costumo pensar mais sobre osmose. Você chega em casa tem artista entrando e saindo, tem quadro para todo lado. Nunca estudei arte, sou um leigo que aprecio quando tenho oportunidade de ir a um bom museu. Mas repito era o mundo dela, não era o meu mundo, a gente transitava e algumas coisas ela passou para mim. Não houve uma educação artística.

Meus interesses eram bem diferentes, inclusive aconteceu com o meu pai. Na verdade as coisas que decidi fazer eles não entendiam, na graduação escolhi fazer matemática. O que minha mãe poderia dizer de matemática? Fui para áreas muito diferentes das dele. Meu pai era professor de história, uma enciclopédia. Aprendi algumas coisas, mas nada que pudesse usar na minha área.

Fui para as áreas de ciências, tecnologias e exatas.

Amanda- Sua mãe pinta muito o macro e o micro, o olhar do universo. O quanto você acha que pode ter te influenciado a escolher essa profissão já que é tão diferente da deles?

Rodrigo- Eu não sei... Certamente me influenciou, são questões subjetivas. Eu fui para matemática e quero te dar respostas objetivas, mas não sei se consigo dizer o quanto influenciou. Mas não fui para matemática de um dia para o outro. Foi algo que na época achei que valeria a pena. Mas hoje estou olhando para traz consigo uma lógica de relação. Mas quando você sabe isso não existe.

Meu pai é escritor, minha mãe acadêmica, tentei ser professor, dei aula, fui até o doutorado para descobrir que não é na vida acadêmica que eu vou me encaixar. Tenho um número razoável de publicações. A única coisa que tenho é a bagagem que eles me deram. Já faz vinte anos que ela faleceu, ela nem sabe tudo o que aconteceu... Seria engraçado ver a cara dela. O que ela iria achar.

Amanda- Vamos voltar no tempo. Quando seus pais te contaram sobre o período de perseguição e ditadura, tão diferente do período que você nasceu, como você recebeu isso?

Rodrigo- Eles contaram inúmeras vezes, mas depois eles contaram com uma certa nostalgia, um saudosismo. Havia uma ideia de que eles saíram do roteiro, viveram fora da caixa, isso contribuiu para eles serem quem eram e ter uma visão maior do mundo. Estamos falando da década de 60, era outro mundo, ir para fora não é como hoje, entrar na internet e planejar tudo.

Bom ela deveria olhar para trás na época e olhar como males que vêm para bem. E para gente sempre foi contado como uma coisa bacana, a ponto de saber que um dia seria a minha vez. Em 2004 fui para os Estados Unidos e fiquei 11 anos fora, morei em três países (Estados Unidos, Holanda e Espanha) e quando as pessoas questionavam, eu dizia que meus pais fizeram isso e não tinha problema. Minha filha nasceu em Madri, e depois voltei para Brasília. A mesma trajetória dos meus pais.

Em duas ocasiões fui com meu pai para Paris, então ele me levou no hospital que nasci, onde moramos, esses locais que não me lembrava. Fui em 1982 quando tinha 12 anos, depois estive em Paris em 2009, levei minha esposa e meu pai foi com a esposa dele. Eu prometo para minha filha que em algum momento vou levá-la para Madri e fazer a mesma coisa.

Amanda- Sua mãe desde pequena tinha proximidade com o cinema, através das atrizes de Anápolis e depois mais velha era cinéfila. Por qual motivo acha que ela não seguiu por essa área?

Rodrigo- Ela foi de certa forma, pois meu pai começou a inventar de conhecer alguns cineastas em Brasília para fazer documentários. Depois ele começou a fazer roteiros profissionalmente. Minha mãe fazia uma espécie de produção.

Ela fazia para a carreira dele o que não fez na dela. Ajudava a resolver contratos, procurava alguém para digitar, pois meu pai escrevia manualmente. Ela atuou como secretária para a vida dele funcionar. Então ela teve, ficou no que eu chamaria de produção, sem ela o cineasta não consegue fazer nada, mas não assumia como profissão.

Na família e na Universidade de Brasília foi onde ela se encontrou. Lá ela era a professora Nena. Acho que era o ambiente que ela gostava mais, vejo isso pelos alunos que iam lá em casa. Meu pai deve falar muito sobre as expectativas que ele tinha dela, legal, era a lista de desejos dele. Mas se ela não fez, ela não quis e ponto final. Ela não está aqui para dizer quais eram as prioridades dela. O marido de vez em quando iria buzinar no ouvido e ela dizia “depois eu vejo isso”. Não vejo que ela deixou de fazer nada, se não aconteceu é por ela achar que assim seria melhor.

Amanda- Seu pai conta que depois da aposentadoria eles iriam se mudar para o Rio de Janeiro para se dedicar à arte. Como você vê isso pelo olhar da sua mãe?

Rodrigo- Era legal! Eles tinham uma certa estabilidade financeira para fazer o que queriam. Meu pai queria muito ir para o Rio de Janeiro pela questão de achar que o artista alguma vez na vida deveria frequentar. Ela estava cem por cento com ele. Chegaram até me mostrar em que bairro eles iriam morar.

Uma vez fui lá com eles e apresentaram todos os planos. Iria ser uma nova fase. Quis o destino que no meio do caminho ela falecesse. Ele ficou com os planos sem ela. Ficou bem perdido. Foi um pouco difícil para todo mundo. Depois todo mundo se restabelece, e fica agora só a saudade.

ENTREVISTA COM DEIS ELUCY SIQUEIRA

Data: 26/05/2023

“Hoje tornei a olhar as imagens dos quadros da Nena e posso ver que ela era iluminada, angelical, a pintura era abstrata mas era cheia de luz e cor, o quanto que aquelas pinturas remetem ao cosmo, os planetas, da vida na água. Na época eu não conseguia ver isso, apenas que era uma pintura abstrata bonita”.

Amanda: Como você conheceu a Nena?

Deis: Conheci o Victor quando ele ainda estava na UNB no departamento de ciências sociais no início dos anos 70, mas foi muito rápido pois houve a perseguição e ele foi embora. Então só conheci a Nena na Paraíba, mas também foi rápido pois cheguei para dar aula e eles estavam indo para a Espanha fazer doutorado.

Nos aproximamos em 1989 quando voltei para a UNB e fomos morar na Colina que é um espaço para receber professores. Posso dizer que a Nena foi uma das minhas grandes amigas, moramos no mesmo bloco e criamos uma intimidade muito legal. Trabalhamos juntas na minha pesquisa em 1995 que eu chamava de “Grupos místicos esotéricos” e que depois passei a chamar de “Religiosidades não convencionais”, pois Brasília sempre teve essa onda mística da terra prometida e na década de 90 chegaram muitos grupos esotéricos, sobretudo no município de Alto Paraíso.

Tenho claro o quanto a Nena entrou para me proteger pois a Nena era muito espiritualizada e eu era uma pessoa muito ingênua quando comecei a pesquisar esse tema, pois você transita em espaços diferenciados. Ela trabalhou como voluntária, não recebia bolsa e antes de mim ela já tinha percebido o caminho dessa busca, ela era uma mãezona para mim e para todo mundo ali.

Hoje tornei a olhar as imagens dos quadros da Nena e posso ver que ela era iluminada, angelical, a pintura era abstrata mas era cheia de luz e cor, o quanto que aquelas pinturas remetem ao cosmo, os planetas, da vida na água. Na época eu não conseguia ver isso, apenas que era uma pintura abstrata bonita.

Vi pouco as obras dela, ninguém via na verdade, ela trabalhou na Espanha, ela falava que desejava voltar a pintar, mas a Nena é a expressão da submissão da mulher ao casamento e ao marido. Para Nena tudo era o Victor e os filhos, ela não se permitia, tanto que não retomou a pintura em Brasília, ela dava aula e fazia das tripas coração para o Victor brilhar ainda mais, a editora, a grana, a negociação, o papel, a revisão de estilo, cuidando do cartão de crédito.

Isso deveria ser muito difícil pois ela também era uma alma de artista, ela também era uma alma não material, mas tinha que segurar a onda, pois ela o amava tanto e aí vem a questão de gênero, era uma geração que pensava assim. Ela era muito sensível, por conta de problemas de pessoas próximas dizia “como as mulheres estão sofredas”, ela tinha essa solidariedade ao movimento feminista mas sobretudo uma solidariedade amorosa com as mulheres, mas ela nunca trouxe para o cotidiano dela a reflexão, ela era o padrão de mulher submissa ao marido e aos filhos, se anulou nessa dimensão de pintora.

Ela foi uma professora brilhante, os alunos amavam, ela dava cursos super diferentes, criativos, saia com os alunos pelo campus, mas na pintura ela se anulou, nunca vi um cavalete naquele apartamento.

Amanda: Você chegou a ver alguma obra dela?

Deis: Nunca, apenas essas imagens, muitas obras tinham sido vendidas na Europa, só tinha essa referência. Poderia até ter na casa mas nunca fui apresentada. Era uma coisa do passado e um desejo de futuro, e eu frequentava muito a casa deles.

Amanda: Vocês eram vizinhas? Pode falar mais sobre isso?

Deis: Nós mudamos para a Colina no dia da posse do Collor 15 de março de 1990 e éramos vizinhas até quando ela faleceu no mesmo bloco.

Amanda: Vocês fizeram alguma viagem juntas?

Deis: Sim, foi maravilhoso! Fomos para Alto Paraíso de Goiás, tem o Parque Nacional Chapada dos Veadeiros, uma região muito mística, tem subsolo enorme de cristal e concentra muitos New Age que está aguardando o final do mundo, e sobretudo nos anos 90 chegaram muitos grupos do Brasil inteiro que tinham sonhos e premonições.

Por volta de 1991 fomos Nena, Victor e eu, ela tinha acabado de sair do hospital, havia passado por complicações de saúde devido a diabetes, ela teve uma cirurgia nos seios e eu a ajudava a fazer curativos, tinha que colocar açúcar, um paradoxo. Ela recém saído do hospital e Victor com gota, mesmo assim fomos ao passeio, passamos pelo Vale da Lua, subi com o guia e eles subiram bem devagar até o carro.

Depois teve outra história, tínhamos um amigo em comum chamado Fabrício que tinha um terreno que se chamava Terra Azul no Distrito Federal e era um projeto lindíssimo de condomínio com mais áreas coletivas que lotes individuais. Éramos em nove, eu, José Luiz Braga que foi para a Universidade do Rio Grande do Sul, Renato Barbieri cineasta, Victor e Nena, era um grupo de artistas e professores da UNB, criamos esse condomínio e Victor e Nena foi nosso elo, pois foi na casa deles que a ideia começou. Depois eles saíram do projeto e mais tarde eu também.

Amanda: Qual relação você vê entre a obra da Nena e esse olhar mais espiritualizado do mundo?

Deis: Acho que a Nena deve ter sofrido muito pois ela era uma pessoa que canalizava energeticamente, conectada a *avatares*, seres cósmicos muito evoluídos em outras dimensões e a arte era certamente o canal que Nena tinha para libertar essa energia iluminada de conexão com essa dimensão.

Não à toa ela vivia muito doente, por um lado um ser conectado uma espiritualidade tão forte, por outro ter que cuidar de uma materialidade tão densa. Ter que cuidar de casa, de família, de ancorar o brilho do esposo, então deve ter sido muito difícil ela não conseguir continuar pintando.

Olhando para a arte dela hoje é muito claro o quanto que tem toda uma simbologia planetária de outras vidas, de outras formas, planetas, sóis, estrelas... Isso fica muito claro, não é um abstrato qualquer, são coisas do cosmos, em outros quadros vejo formas infinitas de vida mesmo na terra que a gente não vê.

Essa solidariedade que certamente todos falam de falar do drama das mulheres não está na reflexão nos planos das ideias, mas ela tinha essa solidariedade humana, com as mulheres e com o ser humano pela compaixão esse conceito que é mais amplo que a piedade cristã.

Tanto que ela recebia os alunos, recebia os amigos, cuidava dos exilados em Paris. Como pessoa de carne e osso vivendo nessa dimensão, acho que ela explicitava essa espiritualidade já pelo exercício da compaixão e por outro lado pela arte dela. Completamente desapegada com a materialidade, sempre de cabelo curto, roupa simples, exercício da compaixão e uma arte que revelava que ela era um ser altamente conectado com o nome que você der Deus, fonte criadora, *avatares*, etc. Claro que ela vivia em um mundo que ninguém falava disso e por mais que ela falasse ninguém percebia essa delicadeza, essa chama que ela já era e agora a gente pode olhar com outros olhos.

Por isso acredito que ela foi embora cedo, uma pessoa fina como a Nena dar conta desse mundo é difícil demais, a matéria aqui é densa e ainda tendo que segurar a onda dos filhos e do marido, ela era protetora. Uma pessoa que dava colo para todo mundo.

ENTREVISTA COM FRANCISCO FOOT HARDMAN

Data: 09/05/2023

“Eram pinturas abstratas, me vem a imagem de alguma coisa cósmica, tinha muita presença do azul, azul escuro, do violeta. A Nena fazia séries de gravuras”.

Amanda- Você conheceu o Victor na UNICAMP se recorda como conheceu a Nena naquele período?

Foot- Estudei graduação e mestrado na UNICAMP, sou da segunda turma de Ciências Humanas anos 71 e da segunda turma de mestrado. Nesse processo comecei a estudar já na iniciação científica em 73 as origens do movimento operário a partir de uma bibliografia, a ideia nossa era levantar dados da indústria e da classe operária anterior a 1930. Com a revolução de 30, Vargas, etc, parece que tudo começou nesse período, mas não é verdade, começou bem antes.

Comecei a fazer meus trabalhos orientado pelo professor Paulo Sérgio Pinheiro, que é um dos fundadores da primeira geração de Ciências Humanas da UNICAMP, foi meu primeiro orientador na iniciação científica e no mestrado.

Nesse meio tempo, em 1964, estávamos no governo militar, um momento bem adverso, a UNICAMP, graças a iniciativa de Paulo Sérgio Pinheiro, adquiriu o arquivo de história social Edgar Leuenroth. Ele nasceu em Mogi Guaçu, próximo a Campinas, foi tipógrafo, fez um arquivo a vida toda e faleceu em 1988, já nesse momento de ditadura.

O arquivo estava prestes a ser vendido para a Universidade de Austin no Texas, a um professor que trabalhava com anarquismo e comunismo, estava em fase final, e Paulo Sérgio através de contatos soube e foi até o reitor da UNICAMP e a FAPESP pedindo para adquirir o material. Hoje o arquivo é uma referência nacional e internacional para quem vai pesquisar os anarquistas nacionais.

Trabalhei no arquivo, havia todo cuidado para que isso fosse divulgado, pois era considerado um arquivo subversivo vinculado a movimentos de esquerda. Paulo Sérgio teve um grande cuidado com as pessoas que pesquisavam ele. Contratou uma especialista em microfilmagem e arquivologia Maria Nazaré Ferreira da escola de artes da USP. Na época era tecnologia de ponta para reprodução de documentos. Ela foi contratada a toque de caixa para fazer a duplicação desse arquivo.

Foram levadas duas cópias do arquivo, uma para o arquivo de história social de Amsterdam e para o arquivo de movimento operário de Milão. Em seguida, Paulo Sérgio

conseguiu um financiamento do Ministério do Comércio e nós passamos a trabalhar no projeto “Imagens e História da Industrialização no Brasil”. Imagens de arquivo de fotografias, filmes guardados milagrosamente na fábrica de Votorantim, etc, por volta de 1976,77.

Em 1975 a UNICAMP organizou por iniciativa de Paulo Sérgio um Seminário Internacional "Conferência de História e Ciências Sociais", vieram vários pesquisadores do mundo, inclusive Rudolph Long que era diretor desse Instituto de Amsterdam que acabei de citar, Hobsbawm, a grande estrela do evento. Nessa conferência estava lá um cidadão assistindo como professor da UNB de história que se tratava do professor Victor Leonardi.

Eu já tinha conhecido algumas coisas que ele havia escrito para uma enciclopédia da Editora Abril, que era de muita qualidade. Sabia que ele tinha estudado em Paris com Jorge Hopt, pesquisando sobre o movimento operário. O contactei no seminário, logo em seguida levei o nome do Victor para o Paulo Sérgio Pinheiro sugerindo que ele fosse incorporado a esse projeto. E de fato ele foi contratado como coordenador de pesquisa deste projeto e ao mesmo tempo como professor visitante na UNICAMP, que significava dedicação exclusiva.

Ele topou, pois a situação estava difícil em Brasília, ele estava sendo monitorado pelos órgãos do governo, e achou que seria mais tranquilo ir para Campinas já que ele é do interior de São Paulo, da cidade de Araras 100 km de lá. Ele veio com a Nena que era professora de educação e passou a atuar na UNICAMP, e aí sim nossa amizade se consolidou. Eles foram morar inicialmente na região central de Brasília com as crianças pequenas por volta de 1976. Sempre fui muito acolhido pela família, se tornaram, especialmente o Victor, amigos por toda vida.

As amizades que se faziam naquele momento político se tornavam muito sólidas, já que envolviam confiança humana, pessoal e solidariedade. Esse projeto acabou após dois anos, logo em seguida eles mudaram para um distrito bem legal que fica 20km do centro de Campinas, uma casa muito boa em Sousas, uma região rural, hoje tem muitos condomínios, naquele momento era bem rural, fui lá algumas vezes passar alguns dias.

Em 1978 a família migra para Maceió, Alagoas, Victor foi trabalhar na secretaria de planejamento do estado de Alagoas, que tinha também projetos sociais interessantes, apesar do domínio das oligarquias. Tinha também outro amigo que estudou comigo, Paulo Décio, sociólogo que se tornou professor na Federal de Alagoas, ele estava no Rio de Janeiro, foi contratado e foi trabalhar na secretaria de planejamento de Alagoas. Décio conheceu Victor em uma viagem que fizemos para o Rio de Janeiro, e também ficaram

muito amigos, e o convidou para trabalhar em Alagoas. Victor não queria voltar para Brasília e aceitou.

Visitei lá também, ficaram cerca de 1 ano pois aconteceu alguma mudança de governo, e Victor se muda novamente para o litoral paulista, mais exatamente Santos, Ponta da Praia, próximo do Cais. Nesse momento a gente já vinha trabalhando sobre a história da indústria, já vinha trabalhando nesse livro, e nessa fase de Santos fui para lá algumas vezes e conseguimos adiantar bastante o livro.

Na Paraíba, em 1982 saiu com o livro conjunto “História da indústria e do trabalho no Brasil”, pela editora global. Esse livro é resultado dessas idas e vindas que Victor e eu tivemos desde que a gente trabalhou junto na pesquisa da UNICAMP em 1976 com esses estágios todos, culminando na Paraíba.

Na ponta da praia, estava quase disfarçado de Marinheiro, tanto é que quando ele chegou na Paraíba, o Victor gosta de conversar com todo mundo, ele nunca gostou de dizer que é de Araras se ele ver essa gravação vai ficar bravo comigo (risadas), ele falava que era de Santos. Mas não é verdade, ele ficou em Santos por um ano.

Em 1978 criamos a Editora Kairós com amigos e colegas vinculada a uma militância política contra a ditadura, e nessa editora havia um mini conselho editorial, em que Victor e eu participamos e fizemos alguns projetos em conjunto, projetos marxistas, engels, Lenin e Trotsky uma referência importantíssima para nós naquele momento.

A gente trabalhou nesta editora que tinha uma livraria bem frequentada, na esquina da avenida Angélica com a Paulista. Tinha o catálogo com essa vertente mais política, mas também tinha a Art revista de bastante sucesso na época, organizada por um grupo da USP. Havia outras coisas interessantes no catálogo da Editora. Tinha três sócios, um deles um professor amigo nosso que foi para a área de filosofia. Foi o cara que criou a editora da UNESP, por assim dizer, que ampliou e a modernizou, que é o José Castilho.

Em outubro de 1979 Victor vai para a Paraíba, e de novo, Nenilda, Rodrigo e Juliana se mudam com ele. Victor sempre fala que o lugar em que está é o melhor lugar do mundo, depois de um ano já não é bem assim (risadas). Eu já estava também saindo de um casamento, trabalhando como professor e descontente quando Victor me falou que teria o concurso da UFPB. Faltavam 30 dias para a defesa, mas anexei a declaração, fui fazer a prova e fui selecionado.

A partir de abril de 1980 fui para Paraíba ser professor e me encontrar com Victor como colega, foi uma experiência muito legal, nunca tinha visitado João Pessoa, conhecia alguns estados do nordeste, meu pai era pernambucano, mas lá não. Desembarquei nesta

cidade e iria morar lá sem conhecer nada, se não fosse o apoio do Victor e família fundamentalmente da Nena, e dos filhos que sempre tive uma relação muito carinhosa.

Então fiquei lá trabalhando com o Victor, logo em seguida que saímos, Andrea Ciacchi chegou, ele também outro peregrino, nômade, depois descobri no memorial. A UFPB nesse momento era muito dinâmica, o reitor contratava as pessoas independente de ideologia, pela competência, pessoa jovem, pessoas do exterior, exilados, ele pegava pelo currículo, uma universidade muito renovada no quadro acadêmico ao contrário de outras universidades que estavam mais fechadas neste momento.

O mestrado que trabalhávamos era Política e Trabalho no Brasil, então foi um momento vivo, dos movimentos sociais, dos movimentos docentes, as pessoas queriam participar. A Nena trabalhava lá UFPB na área de arte e educação, estava muito envolvida, eles moravam numa casa muito legal no bairro dos estados, depois foram morar em Cabedelo, Camboinha.

Na verdade era uma casa que a gente alugou como casa de praia, aluguei junto, mas o Victor não deixou por menos, foi morar lá (risadas). Ele ficava mais tempo pois estava escrevendo, a Nena ficava com a família em João Pessoa. E a Nena já estava às voltas com seu trabalho criativo, não sou crítico ou historiador da arte, mas sempre acompanhei o trabalho da Nena, sempre achei ela muito talentosa. Acompanhava não só como amigo, mas como público. Sempre torcendo pelo melhor.

Nesse momento casei com uma jovem bióloga, ela vem a ser a mãe dos meus filhos. Casei em novembro de 1980. Fiquei em João Pessoa até em 1982, nesse meio tempo fiz a seleção do doutorado na USP em Filosofia. Me afastei da UFPB para fazer o doutorado. O Victor se desentendeu com a Universidade da Paraíba e acabou mudando para Recife, na praia de Boa Viagem. Me parece que a universidade não estava apoiando a mudança dele para fazer doutorado.

Esse momento é muito crucial para o trabalho da Nena, ela passou a ter aula com Raul Córdula, um grande artista brasileiro que está sediado em Olinda. Ela passou cada vez mais a investir no seu trabalho estético. Depois o Victor não queria mais trabalhar lá, pediu demissão e passou a batalhar por uma bolsa individual no CNPQ para fazer um aceite na Universidade de Paris, e teve um professor que o acolheu para cursar o doutorado. Ganhou a bolsa, naquele tempo era um valor razoável e seguro para ele e para a família.

Eles retornaram para a Europa e passaram em Paris, e talvez achando a vida muito cara, resolveram ir para a Espanha. Que tinha saído de um facismo de 50 anos, o

Franquismo é um fascismo espanhol, por volta de 76 e Victor achou que lá estavam vivendo um momento interessante por volta de 1983.

Não tinha mais que fazer os créditos do doutorado e passou a ficar na região de Málaga, mais especificamente em Benalmadena Pueblo, que fica numa colina, e claramente você vê os traços de uma arquitetura árabe. A influência dos árabes no sul da Espanha sempre foi muito forte, e esse pequeno povoado estava por volta de 20km da cidade Málaga.

Nena deu mais asas a sua vida artística, tive oportunidade de ficar um mês com eles em 1985, cheguei por volta de setembro um pouco antes da minha filha nascer, ainda estava no doutorado na USP. Fizemos uma viagem de carro em um fusquinha por uma semana Victor, minha esposa e eu, a Nena ficou com as crianças, fomos até Gibraltar, paramos em Sevilha, Córdoba e Granada. Estava muito calor.

A Nena fazia exposições, tinha um pequeno ateliê para organizar seus trabalhos, era um cenário que estimulava a criatividade, você não vê as obrigações que você tem normalmente na sua terra natal ou instituição. A Nena neste momento não tinha nenhum vínculo de trabalho com as universidades. Estava por conta deste trabalho e da família. Transitava com amigos ativos na arte.

Amanda- Quais eram suas impressões das obras dela?

Foot- Eram pinturas abstratas, me vem a imagem de alguma coisa cósmica, tinha muita presença do azul, azul escuro, do violeta. A Nena fazia séries de gravuras.

Amanda- Como eram as visitas em Brasília?

Foot- Por volta do final dos anos 1980 eles voltam para Brasília. Victor ganhou na justiça cerca de 15 anos na contagem de tempo da aposentadoria facultado pela lei da anistia, provou que estavam perseguindo ele. Não conseguiu finalizar o doutorado dele em Paris. O departamento ofereceu o reconhecimento como professor titular, mas o Victor não aceitou.

A Nena continuou no departamento de arte e educação, mas os problemas de saúde dela acabaram se agravando. Estive em Brasília nesse meio tempo por compromissos da UNICAMP ou também fazendo escalas. Eles moravam no conjunto habitacional para professores.

Certa vez Victor falou que iria me levar para conhecer a verdadeira Brasília, esse era Victor também. Ele me levou para conhecer Ceilândia, uma região pobre de Brasília, não posso esquecer, ele queria que eu tivesse uma ideia real e completa que acontece em todas as grandes cidades brasileiras. A Nena continuava o trabalho dela, a gente conversava, ela mostrava coisas... Sempre visitas rápidas.

Foi um choque, assim que soube da notícia do falecimento dela. Cancelei todos meus compromissos e viajei para Brasília. Victor estava inconsolável. Saiu de Brasília para uma cidade próxima, teve uma reação muito impressionante.

Amanda lamento não ajudar tanto na memória específica da Nena, mas fico muito feliz por você e pelo Andrea Ciacchi por terem escolhido isso. Uma mulher talentosa e relativamente esquecida, nada como um trabalho de pesquisa para poder repor.

ENTREVISTA COM TÂNIA MONTORO

Data: 05/05/2023

“Nós fizemos um filme juntas chamado “Hollywood no Cerrado”, que ela era pesquisadora. Quando ela morreu, parei o filme por quase um ano, não conseguia seguir. Foi feito em homenagem a ela. Ganhou vários prêmios, inclusive arquivo de melhor filme”.

Amanda- Você se recorda da chegada de Nena ao CPCE (Centro de produção cultural e educativa) da UNB em 1987? Como foi a aproximação de vocês? Você se recorda de situações especiais?

Tânia- A Nena foi uma grande amiga minha, éramos vizinhas. Sou professora de cinema e trabalhei com a Nena muitos anos no CPCE que era o embrião da TV Universitária aqui de Brasília. Ela foi uma pesquisadora muito importante para nós aqui do centro-oeste brasileiro. Quando nós assumimos o CPCE, a UNB tinha que cumprir algumas metas para receber a doação do equipamento do banco mundial.

Viajamos muito, a UNB tinha um campus na época em Barra do Garças em Mato Grosso e fomos para lá várias vezes formar professores, pois essa era a missão da Universidade de Brasília, a formação de professores com mestrado e doutorado do centro-

oeste brasileiro, para ter corpo docente tanto na federal do Mato Grosso quanto depois na federal do Mato Grosso do Sul e Goiás.

Nós levamos o que tinha de melhor em metodologia, eu entrava com a parte hard, conteudista, e a Nena fazia muita dinâmica de grupo com o pessoal como: Onde você acha que está na hierarquia?; Quem conta um conto aumenta um ponto; Dinâmica corporal, etc. Nós viajamos por vários lugares do centro-oeste, eu falava para ela que éramos a dupla dinâmica, a dupla da comida (risadas), não queria nada de salada, era arroz, feijão e mandioca.

Esses cursos eram da seguinte forma: professores que tinham somente o Normal, a gente dava didática do ensino superior, uma disciplina obrigatória, ou seja; fundamentos da didática, quais são os processos de ensino-aprendizagem, como transportar o conteúdo de forma a não simplificar, manter a complexidade e o diálogo com o aluno, as leis que regem o ensino, didática magna, etc.

Trabalhamos juntas, a Nena era uma pessoa muito especial, uma das pessoas mais especiais que já conheci na minha vida. Ela era muito altruísta e via o outro primeiro que ela. Estava com diabetes e ninguém sabia. Acho que ela deixa três grandes legados:

Gostava muito de ler coisas etéreas, era uma pessoa muito elevada do ponto de vista da espiritualidade e dadivosa, não dava valor a bens materiais. A segunda, acredito que a obra dela tem a ver com essa coisa da finitude. A terceira, acredito que ela foi pioneira, foi presa no casamento, teve filhos fora do Brasil, aprendeu a falar os idiomas na marra, tinha muita saudade dos pais e da irmã, ela é pioneira no sentido de ser aventureira.

No CPCE trabalhava eu, ela, a Malu Moraes e o Professor Carlos Alberto Vieira do MEC, que era muito amigo da Nena. Esse trabalho que está fazendo é muito importante para dar voz a essa expressão estética da Nena, mas também às mulheres artistas do centro-oeste. Então quando ela chegou da Espanha em Brasília vinda de transferência da Universidade da Paraíba, não foi direto para o Instituto de Arte, colocaram ela no CPCE, ela ficou fora de sala de aula por um tempo como pesquisadora.

A gente levava fitas VHS para os cursos sobre temas como: “Quem foi Manoel de Barros? ”, “O que é a festa do divino? ”, “Quais os filmes de Goiás”, a gente já dava essa introdução ao audiovisual, pois já vislumbramos que o audiovisual era um caminho para o letramento, em um país onde a oralidade é maior que visualidade.

Também produzimos filmes como “Anzóis trocados” sobre a pesca predatória no Mato Grosso. Morávamos na Colina, que era para moradia de professor, ela morava no

Bloco C e eu morava no Bloco D, várias vezes deixei meu filho lá, pois eu ainda estava em sala de aula. Emprestava mala, almoçamos juntas, coisas de vizinhas.

Amanda- Vocês duas nasceram em Anápolis, quais histórias compartilhavam da época que moravam na cidade? Alguma vez foram juntas até lá?

Tânia- Conheci a Nena em Anápolis, a cidade de meu pai. A mãe dela era amiga da minha mãe. O pai dela era o único que vendia carro na cidade, ele era da concessionária Volkswagen. A mãe dela vendia roupa de malha, como não tinha boutique naquela época, minha mãe ia lá e me levava junto, lembro que ela e a irmã eram bonitas e tinham as melhores coisas da época. Lembro bem pouco dela pois era mais velha que eu e saí de lá com 5 anos de idade.

Amanda- Quando Nena estava no Instituto de Arte vocês fizeram um filme juntas. Sobre o que foi o filme? Onde foi gravado? Como foi trabalhar juntas?

Tânia- Nós fizemos um filme juntas chamado “Hollywood no Cerrado”, que ela era pesquisadora. Quando morreu, parei o filme por quase um ano, não conseguia seguir. Foi feito em homenagem a ela. Ganhou vários prêmios, inclusive de arquivo de melhor filme.

A história que contamos no filme é sobre grandes artistas como a atriz americana Janet Gaynor, primeira ganhadora do Oscar, que veio para o centro-oeste brasileiro. Era uma daquelas histórias que a gente sempre escuta em casa desde pequena. Minha mãe era de São Paulo e reclamava de ir morar no interior, e meu pai dizia que ali poderia ver atriz ao vivo e a cores.

De fato Anápolis foi o embrião, a pré- história de Brasília. Anápolis tinha inclusive um consulado americano. Os metais iam para o Estados Unidos de Anápolis. De alfândega não tinha nada, “os caras continuaram tirando tudo da gente”. O filme que fiz com ela é um road movie, de mulheres se aventurando. Eu dizia para Nena que essas mulheres “são tipo nós”, já morei na Colômbia, no Rio de Janeiro e em Barcelona.

O filme foi feito depois do tempo no CPCE, levamos 10 anos para fazer o filme. Ele parou muitas vezes. Primeiro morreu a Nena, depois o Paulo Betran historiador que era meu pesquisador. Victor também conhecia a história então fizemos o filme juntos, a Nena ajudou muito pois ela ainda conhecia algumas pessoas, fomos atrás de recorte de jornal,

memória oral, fotografia de cinema antigo. Descobrimos muitas coisas como a primeira estatueta do Oscar ficar dentro de uma fazenda em Goiás. Senti muito a Nena não ter visto o filme, quando foi passar em São Paulo, senti ela do meu lado.

Amanda- Como foi seu encontro com a Nena e o Victor durante o festival de cinema em Cannes 1999?

Tânia- Já estava morando em Barcelona, fazia doutorado lá, Jeremias que era um diretor acadêmico da UNB, muito amigo da Nena, estava na minha casa com a esposa. O Victor e o Renato Barbieri foram convidados para apresentar no festival de Cannes o filme “Atlântico Negro-Na rota dos orixás”.

A Nena me ligou e disse que a champanhe estava caríssima pedindo para levamos. Enchemos o porta mala do carro de salame, queijo e champanhe e fomos Armando, o casal e eu. Lá em Barcelona, não tinha euro, era peso então era bem mais barato.

Foi muito bom encontrar a Nena, a última viagem que fizemos juntas. Eu tinha uma chácara em Pirenópolis que o Victor e a Nena foram várias vezes lá, ela gostava muito da festa do divino. Essa foi uma viagem maravilhosa, eles estavam na mostra alternativa e o filme foi muito aplaudido.

Passeamos muito, entrava nos bares, pedia uma e bebia dez do carro, (risadas) aquele jeitinho brasileiro. A Nena sempre bebeu pouco, não era igual nós. Foram momentos muito bonitos. Encontramos outros amigos deles.

Amanda- Como Nena se definia e se apresentava enquanto artista? Você chegou a ver algum trabalho artístico dela?

Tânia- A Nena pintava tecidos, inclusive tinha uma echarpe que sumiu na minha mudança para Brasília, de seda que ela fez com tintas naturais, linda, manchada, pintada a mão. Ela tinha uma relação muito forte com as cores, foi a primeira pessoa que me disse que eu deveria usar a cor roxa, pois sou feminista.

Nena nunca foi uma colorista de amarelo, vermelho, pelo menos que vi, eram cores mais sobreas, um rosa mais escuro, lilás e eram tintas naturais. Ela dizia que não podia sentir o cheiro de produtos químicos, então pintava utilizando pigmentos naturais. A Nena não se definia como artista, eu várias vezes a defini, ela era uma artista, tinha uma obra interessante.

Amanda- Ela falava para você planos que ela tinha como artista? Exposição?

Tânia- Nunca falou. Eu só sabia que a Nena era artista porque a Deise Siqueira falava que ela era uma grande artista e que tínhamos que fazer algo para ela. A Nena tinha uma vida difícil dando aula. Tenho impressão dela investir muito na Juliana. Me lembro de uma exposição coletiva da Nena com alunos no IDA- Instituto de Arte, mas não lembro detalhes.

ENTREVISTA COM TERESINHA RIBEIRO

Data: 04/04/2023

“O trabalho artístico de Nena é belo, sutil, cheio de olhar para a vida, para o universo. Sua pintura revela sua atitude inclusiva, amorosa, seu amor para com sua família, seus amigos e a humanidade”.

Amanda- Como conheceu a Nena em Brasília nos anos 70?

Teresinha- Conheci a Nena e o Victor de vista na Universidade de Brasília quando fazia o mestrado em 1975, mas a minha convivência e o meu encontro pessoal com a Nena e também com o próprio Victor, se daria de fato alguns anos depois.

Em 1978 eu estava na Universidade Federal da Paraíba, era professora no Departamento de Sociologia, o Victor e a Nena se mudaram para João Pessoa para dar aula nessa mesma Universidade. Victor inclusive era meu companheiro de trabalho no departamento, e foi então que se deu meu encontro com a Nena e que foi algo extraordinário!

Eu acabava de regressar de Minas Gerais da casa dos meus pais em licença gestante com meu bebê nos braços, alegria de ser mãe e a quase aflição por ainda não entender a linguagem de um bebê. O encontro com Nena seria para mim transformador.

Nena entrou de mansinho em minha vida com seus gestos meigos, com suas palavras suaves, Nena me ensinou como entender, como perceber as necessidades da minha bebê.

A partir desse momento criou-se um laço de carinho e amizade entre nós, laço indissolúvel, eu diria, embora viéssemos se distanciar muitas vezes por morarmos em países diferentes. Nena tornou-se para mim a irmã mais velha, a presença feminina que

compreende e acolhe, em todas as circunstâncias. A amizade da Nena como também do Victor é de grande importância em minha vida.

Em 1979 por exemplo, teria que tomar uma decisão relevante no plano pessoal, que direção tomar, que destino escolher para ir fazer o doutorado, na França? na Inglaterra? ou no México?

Tinha carta de aceitação desses três países bastante distintos entre si, foi graças às longas conversas com Nena e Victor que pude optar pelo México consciente em dar prioridade a conhecer as minhas próprias raízes latino-americanas tendo em vista a relevância da identidade cultural antes de buscar outras culturas.

Às vésperas da minha ida para o México, mais precisamente a Cidade do México, meus amigos me ofereceram uma linda festa de despedida inesquecível com a presença das amigas e dos amigos de João Pessoa, comes e bebes a vontade, banhos de piscina à meia noite, mas mais interessante, a atração mais importante da festa foi a presença de dois repentistas, um sanfoneiro e um violeiro.

Os melhores repentistas da Paraíba! Suscitaram risos de alegria em todos os presentes, especialmente o semblante dos anfitriões Nena e Victor. Foi uma memorável celebração a vida e a liberdade de ir e vir em busca da própria dimensão humana.

Meu encontro com Nena e sua família se daria alguns anos mais tarde na Espanha durante o verão de 1985. Cheguei à cidade de Málaga na costa do sol, onde tomei o ônibus local para subir as montanhas até a vila de Benalmádena onde vivia os meus amigos. Não tinha sequer o endereço deles, levava comigo apenas um cartão postal recém recebido onde meus amigos diziam que estavam na Espanha ao sul, frente ao mar mediterrâneo onde conflui os eflúvios das grandes civilizações.

Para alegria nossa e para confirmação da sincronicidade tive a chance de me encontrar no ônibus com Rodrigo, o filho do casal. Quando Nena abriu a porta do apartamento onde viviam, ela não podia crer nos seus olhos, tamanha surpresa. Entre risos e lágrimas nos abraçamos e fomos em seguida ao encontro do Vitor que se encontrava bem próximo do terraço de um bar. Ali juntos contemplamos o pôr do sol.

A noite não podíamos dormir com tantas histórias para contar, colocar o papo em dia. Nena se desabrochava como pintora com exposições de reconhecimento em toda costa do sol, Vitor com vários livros de literatura além de inéditos e pesquisas de histórias relacionadas ao Brasil graças a seu acesso aos arquivos europeus. Rodrigo, campeão de natação. Juliana, a pequena bailarina de Flamenco.

De minha parte entreguei-lhes apenas um livro coletivo de poesias fruto do meu ciclo literário do México, um renovado interesse pela vida e perguntas sem respostas que se confluem para o silêncio. Passei uma semana com a família Leonardi e sem que me desse conta do momento o destino tecia as conexões para um ciclo novo em minha vida. Junto aos meus amigos conheci o inglês Brian Codling com quem iria me casar no futuro.

De volta ao México após minha defesa de tese na UNAM, Doutorado em Economia Política regressei ao Brasil e no começo de 1986 mudei-me para Brasília, lado norte, mais precisamente no campo. Optei por morar numa chácara situada no vértice norte do triângulo do marco zero do Brasil.

Nesse momento prestava assessoria à secretaria do trabalho do Distrito Federal e dava aula na Universidade do Distrito Federal e na Universidade Católica, e para minha felicidade no ano seguinte Nena e Victor regressaram a Brasília como professores da UNB.

A amizade e o acolhimento de Victor e Nena foram de fato para mim um porto seguro, a casa dos Leonardi esteve sempre aberta. Ainda nos encontrávamos e conversamos por longas horas, trocamos impressões, ideias e sonhos. Para minha filha Laura, a tia Nena e o tio Victor constituíam a referência familiar mais próxima. No lar dos Leonardi mãe e filha, fomos sempre recebidas com carinho, seja em momentos tranquilos, seja momentos um tanto trepidantes.

Nesse período Nena me introduziu a leitura Agni Ioga (1929), Coração (1932), livros de memórias psicografadas por Helena Roerich, esposa de um grande pintor Nicholas Roerich suas luzes se refletiram no plano da consciência pessoal, a partir dessas leituras mais tarde essa influência seria gravada no quadro mesa de cabeceira que compus.

Em 1989 Nena e Victor me visitaram na Inglaterra quando seguiam viagem para o oriente, onde retornaram com um brilho em suas auras e profundas reflexões. Enquanto na Inglaterra aproveitamos para que eles visitassem Oxford, Abadia de Westminster, a antiga universidade com seus colégios históricos e uma vez na Inglaterra não poderíamos deixar de visitar a vida interessante de Oxford e Londres.

Durante os anos que morei na Inglaterra as várias vezes em que visitei o Brasil, eu fui sempre recebida na casa dos Leonardi, desfrutei com grande privilégio do convívio enriquecedor e profundamente humano do lar dos Leonardi, longas conversas, belas celebrações. Inclusive, em um começo de ano Nena, Victor e eu projetamos nossos sonhos para os próximos dez anos. Algumas vezes minha filha vinha de Londres passar férias com os tios, vinha só.

O lar dos Leonardis para nós, a casa da velha amizade. Nena foi para mim a melhor amiga, talvez a pessoa que compreenderá a dimensão sutil da minha busca, recordar Nena me comove as lágrimas, mas é sempre uma recordação feliz, por saudade até mesmo dos momentos em que massageava os pés, quando às vezes regressava sob estresse do seu trabalho e Nena logo se recompunha em plena serenidade.

O trabalho artístico de Nena é belo, sutil, cheio de olhar para a vida, para o universo. Sua pintura revela sua atitude inclusiva, amorosa, seu amor para com sua família, seus amigos e a humanidade. Nena através de sua arte torna o sutil tangível, e por isso penso que há uma holística em seu trabalho, em sentido de síntese, uma busca de unidade e do pensamento e o sentimento, entre o abstrato e o concreto, entre o infinito e o palpável.

A sensibilidade capta formas que apontam para os sentidos da unidade do todo, como ensinar os mestres e os sábios, eu ainda diria que Nena tinha o dom de harmonizar os corações aflitos, sabia ouvir sem julgar, com palavras dóceis e simples inspirar soluções ou no mínimo viável. A presença da Nena em minha vida foi luz e bênção, nada menos que isso. Para concluir minhas anotações eu transcrevi também uma poesia que escrevi quando fez vinte anos de sua passagem:

Nena, saudade viva
 presença sutil
 aconchego que nunca se apaga
 porque amizade maior
 amor sem julgamento
 equilíbrio
 luz no caminho
 seus gestos puros simples, puros, cotidianos translúcidos como cristal
 nos levam a vislumbrar a face do outro ser humano tecido em sonho para o amanhã
 luz para sempre

Amanda- (Aplausos) Que honra Teresinha! Que honra! Estou sem palavras! Muito obrigada!

ENTREVISTA COM RAUL CÓRDULA

Data: 20/07/202

“Suas pesquisas com a arte ficaram no meio do caminho, pois ela ainda se preparava para assumir sua condição de artista diante do público”.

Amanda- O que se recorda do tempo em que Nena foi sua aluna no NAC-Núcleo de Arte Contemporânea de João Pessoa em 1980? Como eram as aulas e os trabalhos artísticos que ela fazia?

Raul- Será um prazer falar sobre Nena, embora não sei se minha memória vai nos ajudar. Fato é que tenho grande amizade com Victor e Nena, esta foi uma pessoa generosa e inteligente da qual me apeguei também como amigo. Ela tinha um grande apego à arte e procurou se expressar da melhor maneira que pôde durante nossos encontros de trabalho. Eu coordenava o Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB quando tive o prazer de orientá-la.

Nena e Victor eram um casal culto e viajado, ele é historiador e tem experiências vitoriosas com cinema e documentários. Nena tinha uma vida simples e era envolvida com a elaboração de obras de arte, pinturas de preferência, mas também gravuras e outras experiências, perseguindo sempre seus sonhos criativos.

Seu falecimento foi para mim uma desagradável surpresa, pois eu estive com ela poucos meses antes em Brasília, onde o casal residia na época. Suas pesquisas com a arte ficaram no meio do caminho, pois ela ainda se preparava para assumir sua condição de artista diante do público.

Amanda- Poderia falar mais sobre a orientação artística? Como funcionava? Nena fez um curso de curta duração ingressando através de processo seletivo, ou ela o procurou para fazer aulas? Se recorda com que frequência ocorriam?

Raul- Victor e Nena tinham se mudado para João Pessoa há pouco tempo, Victor estava na Universidade Federal da Paraíba onde eu coordenava o Núcleo de Arte Contemporânea - NAC, lugar de ensino, pesquisa e, sobretudo, extensão. Eles visitaram o NAC e ficaram surpresos com os nossos avanços, pois conseguimos uma resolução do Conselho Universitário que possibilitou contratar artistas como professores visitantes por 2 meses.

Com isso convidamos artistas como Tunga, Marcello Nitsche, Antonio Dias e o curador Paulo Sérgio Duarte, entre outros. Nena frequentou o NAC e nós criamos uma parceria onde eu a atualizava nas questões da arte contemporânea. Isto foi nos primeiros anos da década de 1980, quando a arte contemporânea ainda se estabelecia teoricamente. O que houve nessa nossa relação não foi um aprendizado, mas uma troca de saberes pois

também aprendi muito com ela, e com Victor também pois ele é uma das pessoas mais inteligentes que conheço.

Mas posso lhe dizer que Nena tinha uma consciência de artista, via e pensava como artista e apreciava o que havia de mais novo e inventivo. Não posso esquecer de nossas conversas tanto aqui quanto em Brasília, onde os fui visitar algumas vezes, inclusive eles me hospedaram no período que fiz uma exposição lá.

Entrevista com Fernanda Cabral

Data: 28/03/2023

“Se pudesse traduzir o que mais ficou para mim da Nena é: Capacidade de aventura e delicadeza”.

Amanda- Como e quando conheceu a Nena? Qual curso e disciplina fazia?

Fernanda- Fiz Artes Cênicas, entrei no curso em 1992 na UNB e terminei em 1996. Não lembro exatamente qual semestre fiz uma disciplina com a Nena que se chamava Fundamentos da Linguagem.

Eu também tinha uma relação com a Nena através da minha mãe, que tem doutorado e pós doutorado em cinema e tem uma pesquisa muito grande em Gaston Bachelard e estudava a poética dos quatro elementos, minha mãe também era amiga da Nena, Elisa Maria Cabral, também foi professora da UFPB, atualmente está aposentada.

Ela se formou em Artes Plásticas na UNB, fez mestrado na UNB e doutorado em cinema na USP, e pós-doutorado em Dijon sobre Gaston Bachelard. Minha mãe contou que foi convidada pela Nena algumas vezes para ir à UNB falar da pesquisa, talvez em algum projeto. Então já tinha esse conhecimento sobre o trabalho da Nena.

Para mim foi muito impactante a disciplina, lembro que a Nena tinha uma preocupação muito grande em relacionar as linguagens, esse pensamento interdisciplinar que fazia com que a gente construísse um pensamento que ligasse as coisas, relacionando para criar um pensamento.

As coisas têm uma relação com as outras naturalmente, mas no campo das artes, isso é muito importante, pois a gente aprende essa questão da transposição de linguagens. Quando você está trabalhando numa determinada disciplina e você percebe quais são os impactos do que acontece ali numa outra linguagem. Essa questão da ressonância é muito importante. Foi uma disciplina que impactou bastante.

Amanda- Como eram as aulas da Nena? Lembra de alguma especial?

Fernanda- O que lembro era que todas as aulas eram especiais. Para mim a Nena era uma poeta muito delicada, estava muito ligada ao sutil, a poética do sutil em tudo. A sensação que tinha, era como se a gente tivesse um microscópio, tudo o que a gente usasse com ela a gente fosse aprofundando cada vez mais. Como os símbolos moleculares, vão percebendo o micro e o macro, a relação entre os movimentos, o que move aquilo, de onde vem aquela energia? O que move aquilo? Aquela força. Me lembro que as aulas eram muito mágicas.

Para mim que trabalho com o sutil, veja bem, acho que você sabe, sou cantora, compositora, atualmente também professora universitária. Mas também tenho um trabalho que se chama música nas incubadoras, para mães de bebês prematuros que desenvolvo em hospitais de Portugal, da Espanha e do Brasil. Estou o tempo inteiro no sutil, trabalhando com sons que estão nesse plano delicado, que podem causar um impacto delicado nessa fisiologia do bebê, na recuperação, por exemplo, ou no estado de muita vulnerabilidade de uma mãe numa situação dessa que também possa trazer esse conforto emocional.

Estou falando disso pois acho que existem alguns professores, e a Nena ocupou esse lugar na minha formação, que te desperta um olhar para o sutil. A Nena foi muito importante. Ela ressaltou em mim, esse lugar de estar mais preocupada com o que não era dito, do que com o que era dito. Como se por trás de cada coisa existisse uma magia, um movimento sutil, que fizesse que as coisas chegassem sem essa dimensão do visível.

Ela foi muito importante, pois particularmente, sempre gostei muito desse lugar que não é evidente, no teatro a gente fala que existe o texto e por trás do texto do ator existe o subtexto. Aquilo que não é dito, que move. A Nena estava o tempo inteiro com a gente olhando para esse lugar.

Depois lembro na disciplina algo muito básico, por exemplo, tenho muita dificuldade com desenho. Não sei desenhar nada. Parei naquela etapa da casinha e lembro muito de analisarmos isso nas aulas dela, e ela dizer que parei ali mesmo pois não tive estímulo para continuidade. Achei interessante pois nunca havia parado para pensar nisso.

Eu também sou músico terapeuta, trabalho com muitas crianças autistas, o que me faz refletir o quanto é importante, especialmente nessa primeira infância esse estímulo das capacidades que você vai desenvolver o resto da sua vida, e se você tem ali o olhar, alguém

que te apoia, você vai desenvolver mais aquela linguagem. Eu fui para a dança, para o teatro, para a música. Não desenvolvi essa linguagem, parei naquela idade e lembro dela falando que o desenho retrata uma idade, um lugar, achei muito interessante.

A dinâmica da aula era também muito poética, isso era o que mais me impressionava nas aulas, tinha um conteúdo que ela levava, mas trabalhava muito com o que as pessoas se afetam naquele momento de encontro, que é algo que tem muito a ver com o teatro também.

Essa capacidade que alguns professores têm de perceber esse universo criativo do aluno e explorar, fazer uma ligação com aquilo que ele está pensando com aquilo que está desenvolvendo em sala, e já vem um aluno que liga com outra coisa.

Eram aulas muito especiais, estavam dentro desse lugar de encontro, do imprevisível, que é algo que acredito muito, um pilar na educação. O conteúdo é muito importante, a gente tem que dar, atualmente sou professora universitária, tenho que dar o conteúdo, mas tenho que dar espaço para o inesperado, para a relação, para a capacidade que aquele aluno tem dele mesmo criar os pensamentos dele, de fazer relação com a própria vida, com as coisas que o afetam e a Nena era mestre nisso. Ela era muito incrível.

Amanda- Você chegou a participar da disciplina onde alunos iam à frente falar sobre eles mesmos?

Fernanda- Me lembro de algo assim, mas vagamente. Inclusive é algo para você pesquisar no meu mestrado na UNB em teatro para bebê, trabalho a vinte anos com isso em uma companhia chamada Casa La Incierta na Espanha e aqui no Brasil criei minha própria companhia que se chama Estúdio Sereia.

No mestrado, como trabalho com professores nas escolas e muitas vezes faço um trabalho para mediação para recepção da obra, faço oficinas, que trabalham com a música como linguagem principal, mas me utilizo do trabalho que se chama Pedagogia da Situação, da Gisele Barret, que seria interessante você pesquisar.

Quando fiz essa formação tive a sorte de fazer com ela na Espanha, como a nossa companhia Casa La Incierta fez parte do centro dramático nacional, a gente teve um projeto continuado durante dois anos. Eu fazia também esse trabalho, preparava oficinas, e trabalhava com professores nas creches públicas na Espanha para recepção das obras.

Eu me lembrava muito da Nena quando fiz essa formação da Pedagogia da Situação, um dos exercícios que ela faz com a gente é: você tem que dizer como está se

sentindo, qual seu estado nesse momento. Depois você tem que dizer o que aconteceu desde a hora que se levantou até a hora que você chegou aqui e está com a gente? Por que está aqui neste encontro? O que deseja deste encontro?

Então lembra um pouco esse lugar que você está falando e tem a ver com a Pedagogia da Atuação, onde o aluno se coloca num lugar, que ele vai falar dele, do estado dele, do que ele sente, e daquilo que ele acredita que seja importante para ele, e o que ele quer construir. Por isso acho que passei por essa vivência, pois me lembrei também muito da Nena quando fiz esse trabalho da Pedagogia da Atuação.

O que mais me impactou era a capacidade que ela tinha de escuta e fazer isso sempre, continuamente nas aulas, que os alunos se colocassem, falassem deles, e ela ia relacionando com aquilo que ela estava falando e se apropriando desse discurso dos alunos, criando uma teia de comunicação integrada, onde tudo o que está se dizendo ali, termina estimulando você a acreditar na sua própria potência, naquilo que você tem como algo único, autêntico.

A Nena era mestre nesse sentido, é muito importante isso na arte, você validar aquilo que só aquela pessoa tem. Cada um tem algo que é muito especial. Então esse lugar de escuta, é um lugar muito importante que a Nena propiciava, acho que por isso as pessoas se sentem tão atraídas, muito em casa, muito acolhidas também. É óbvio que o ensino tem essa função também, não tem jeito, não é só da informação, mas da formação e do acolhimento.

Amanda- Ela compartilhou os trabalhos artísticos dela com você?

Fernanda- Sim, em algum momento lembro dela levar alguma pintura, dela mostrar e falar do processo criativo dela, o que mobilizou, algo muito ligado ao sutil, sempre percebi a Nena nesse lugar, mais que retratar ela queria sentir a essência daquilo.

Ela tinha uma atitude para mim que a especialidade é a música o teatro, acho que ela tinha uma relação muito forte com a natureza, era muito ligada a esse lugar de observar a delicadeza das coisas, entrar nesse micro, no desenho de uma folha, quantos rios podem correr nas linhas de uma folha, uma árvore, me vem essa imagem agora falando com você e qual a sensação, como é pertencer a esse mundo do sutil, ser parte da natureza, não se distanciar e sentir através desse olhar que a gente faz parte de um universo que é único. Nós não somos uma coisa separada da natureza, nós somos a natureza.

Também lembro das artes dela e daquilo que falava ir muito por esse lugar, que é um lugar que me interessa muito, acho que temos que ter uma escuta profunda, especialmente nos dias atuais, cada vez mais tem se distanciado muita da natureza e da nossa própria natureza.

Essa capacidade que ela tinha de fazer a gente olhar para o que era essencial, aí que a gente vai se sentir conectado com o mundo e ter essa sensação de pertencimento. Tanto a capacidade de escuta profunda através de uma imagem sutil que está numa folhinha na natureza e que pode dizer tanto sobre nós mesmos, como a escuta sutil e profunda do que cada um tem para dizer, elas não estão tão distantes, elas fazem parte de um mesmo movimento que é a valorização de uma essencialidade primordial para nossa existência, para nossa sensação de pertencimento no aqui e agora, e de integração com a vida.

Fico muito emocionada de falar, quando eu escutava a Nena, tinha a sensação de que eu estava junto, eu estava ali, eu estava integrada, fazia parte daquele espaço e tempo. Estava junto com aquelas pessoas, sem nenhuma barreira, sem nenhuma couraça.

Isso foi tão importante para mim que trabalho hoje em dia com alunos atores, que precisam trabalhar isso para poder entrar de verdade na construção de um personagem. Todas essas pequenas grandes coisas que a Nena fazia não só a gente aprender mas vivenciar. Jorge Larrosa, pedagogo espanhol disse que a experiência não é o que acontece, e sim o que nos acontece.

Então a Nena tinha essa capacidade de nos provocar e colocar nesse lugar de reflexão naturalmente, de uma forma simples no sentido de você aprender a se escutar, aquilo que é importante para você, aí você vai encontrar seu caminho, aí o que você falar para o mundo vai reverberar, pois tem autenticidade, tem uma verdade ali.

Amanda- Você fala do macro e do micro, se lembra dela falar sobre? Nas obras dela podemos perceber isso, em folhas e plantas e ser parte da natureza e ao mesmo tempo você vê outras obras que remetem ao universo, a constelações.

Fernanda- Sim, o que me lembro é isso, essa relação do micro e o macro que ela fazia muito a gente refletir sobre, elas estão integradas a tudo. Ali no micro existe o macro, essa licença poética que falei descrevendo a folha, você começa a analisar em uma folhinha você vai ali encontrar uma floresta, você para e olha, é um exercício de escuta. Isso tem a

ver com a própria pedagogia da Nena, o micro e o macro é uma extensão da própria forma dela se relacionar com os alunos, com arte...

O que era mágico no trabalho da Nena era isso, não existia separação, por isso todo mundo queria participar, todo mundo se sentia artista, já queria expor sua obra, todo mundo queria trocar, porque o processo de ensino da Nena era esse. Todos nós temos potências, somos capazes, ninguém aqui é melhor que o outro, cada um tem algo muito único para dizer, toda aula virava um grande vernissage, um grande encontro de expressividade.

Apesar dela ter a base da linguagem das artes plásticas para se comunicar com outras, por exemplo, me comunico com você pela minha experiência com a música e com as artes cênicas, então falo da escuta, das sensações, das emoções... cada um vai falar do seu lugar.

Ela fazia a gente sempre sentir que tudo estava integrado, e isso para mim é a coisa mais importante do trabalho da Nena. Sempre me emocionava. Cada aula era um grande encontro, sempre uma possibilidade de descobrir algo novo, a gente sabia que sempre algo novo iria acontecer. Não existe nada mais importante para a nossa possibilidade de crescimento que a descoberta de capacidades ainda não descoberta por nós mesmos, sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos rodeia.

Nós temos mais capacidades de recepção, basta a gente se abrir para isso, a vida é um contínuo de escuta, e essa escuta a Nena mostrava através do olhar dela, do olhar para as coisas. Fico emocionada quando me lembro dela, uma pessoa muito muito especial.

Amanda- Como a Nena influenciou sua carreira artística?

Fernanda- Acho que o principal, como te falei no início, o que mais influenciou foi para que tudo que fizesse nos meus trabalhos sempre parava para escutar aquilo que realmente era muito importante para mim. A valorizar o micro, a valorizar o pequeno em mim, a valorizar aquele lugar de fragilidade. A gente diz no teatro que nossa força reside na nossa fragilidade, quando a gente não tem medo de ir naquele lugar que a gente tem uma certa vulnerabilidade, mas é um lugar que tem ressonância com memórias, com coisas que realmente te afetam. Esse lugar de aceitação daquilo que é importante para você e que te move a criar.

Me lembro que a Nena foi muito importante para mim como artista, no geral, para tudo que fizesse. Me lembro que tive um processo de identificação muito grande com o processo pedagógico da Nena, acho curioso falar disso.

Vivi uma situação muito curiosa, o primeiro curso da minha mãe foi artes plásticas no departamento da UNB, e no mesmo prédio anos depois eu fiz artes cênicas. A gente tem um grande mestre que acaba de falecer aqui em Brasília que é o Hugo Rodas, grande diretor de teatro, que também era pianista, artista plástico, uma pessoa muito ligada à interdisciplinaridade. A Nena o conhecia. Ele deu uma disciplina na UNB e ela me leva bebezinha para essas aulas.

Muitos anos depois com 18 anos entrei na UNB no mesmo departamento que ela estudou e fiz essa disciplina com esse professor, e brincava com ele, você me conhece desde bebê então a gente já tem uma grande intimidade, pois minha mãe foi sua aluna.

Depois ele dirigiu um monólogo meu sobre a Frida Khalo, por conta desse monólogo ganhei uma bolsa da CAPES para estudar teatro fora. E, na disciplina com a Nena descobri uma foto em que está minha mãe com 20 anos, a mesma idade que eu tinha na época, sentada em um banco na entrada do instituto de arte, ela olhava para esquerda e eu olhava para a direita, não me lembro as representações de direção nas cartas de tarô, e, eu mostrei essa foto para a Nena e automaticamente ela fez uma relação.

Ela falou, “olha que interessante descobriu essa foto com a mesma idade que sua mãe, ela está olhando para o passado, você para o futuro, olha a simbologia desta foto”. E curiosamente acabei me tornando professora universitária atualmente, assim como minha mãe também é. Lembro da Nena nesse lugar de sempre estabelecer pontes com o simbólico, com aquilo que faz com que você crie essas outras relações, pois foi muita coincidência.

Ela me influenciou nessa capacidade de estar muito atenta a esse universo sutil, simbólico, ao que realmente nos move. Lembro muito dessa foto, foi muito marcante. O ciclo da vida, de você cumprir determinados ciclos, os ciclos têm total liberdade de serem livres, esse é o caminho que cada um constrói, mas não há dúvidas. Juliana, por exemplo, com os pais que tem, acabou acontecendo isso, não tem jeito, tanto que ela é professora. A gente termina sendo influenciado.

Por exemplo, a minha carreira mais forte é de cantora e compositora, mas estou sempre com a questão do ensino, pois acho que esses professores que trouxeram essa pedagogia, influenciaram na forma inclusive de ser. O poeta é aquele que tem a capacidade de estar sempre construindo no invisível, o espaço do onírico, do inconsciente, de trazer

isso para nossa consciência e colocar isso no papel. Seja no desenho, seja numa partitura, seja na criação de um personagem, na complexidade emocional de um personagem.

Então ela tinha essa capacidade de fazer com que a gente estivesse o tempo todo relacionando as coisas e integrando nosso fazer. Ela valorizava esse lugar.

É o que faço nas músicas das incubadoras, meu trabalho com mães de bebês prematuros em hospitais, eu crio uma canção a partir do nome da mãe e do bebê ali e do que acontece. Eu sei a história emocional daquela mãe para fazer o trabalho da musicoterapia, sei quais são as dificuldades dela, o que passou, e meu trabalho ali, é criar uma poética de empoderamento, fortalecer o vínculo entre eles e trazer a beleza à tona.

A Nena era mestre nesse sentido também, a gente não falou sobre a beleza, mas acho que a beleza é um tema de estudo no trabalho da Nena. A beleza como expressão profunda da autenticidade de cada um. É quando a gente realmente integra e valida a existência do outro no nosso mesmo espaço. Esse é o lugar da beleza, e a Nena sabia fazer isso com muita maestria

Amanda- Você chegou a ir na casa dela, ou a encontrou em algum espaço artístico?

Fernanda- Não que me lembre. Pode ser que em algum momento tenha ido com alguma amiga em comum que era amiga da minha mãe também como a Deise que também era professora da UNB. Agora tenho uma vaga lembrança. Eu tinha muito contato com a Juliana, a gente estudava flamenco juntas, dançávamos, então estava ali sempre em contato com a Juliana e com esse universo da mãe, que a gente estava sempre falando e conversando sobre.

Amanda- Como você e seus colegas enxergavam a Nena?

Fernanda- Sempre como uma pessoa muito generosa, acho que todo mundo enxergava a Nena com uma capacidade de escuta enorme e com uma capacidade de desejo de encontro, desejo de estar junto. A gente tinha a sensação de estar trocando, mas ao mesmo tempo como uma pessoa muito sábia e ligada a esse lugar da delicadeza, da valorização do autêntico, acho que todo mundo olhava a Nena, com muita admiração, muito respeito, muito desejo de estar junto, com muita abertura, sem couraça. A Nena propiciava esse lugar onde todo mundo estava relaxado, isso é importante, se sentir acolhidos e ao mesmo

tempo como essa mestra, sábia, sensível, doce, e ao mesmo tempo que nos tocava em coisas importantes. Que fazia com que a gente olhasse para as coisas que poderiam nos fazer crescer também, isso é importante ressaltar.

Se pudesse traduzir o que mais ficou para mim da Nena é: Capacidade de aventura e delicadeza. Esse lugar fez com que a gente nunca perdesse essa capacidade de aventura, que não há nada mais importante que a capacidade de aventura. Qualquer pesquisa, qualquer trabalho, se você chegar já achando que você já sabe, você não vai descobrir nada. Então ela fazia com que a gente parasse para perceber aquilo que nos afetava e ao mesmo tempo dessa forma ela abria um caminho para que a gente pudesse entrar e seguir o nosso caminho, numa capacidade de aventurar, sem medo.

Isso é uma coisa muito nobre, não são todos os professores que têm essa capacidade, por isso que ela marcou a vida de tantas pessoas, assim como marcou a minha também. Não é só que ela me influenciou como professora, é um modo de estar, da forma de você estar no mundo. Esse lugar do mistério, de ir atrás do meu próprio mistério, deste lugar das capacidades ainda não descobertas por mim mesma.

ENTREVISTA COM LUCIANA FAGUNDES

Data: 11/05/2023

“Ela sempre nos incentivava a trabalhar a nossa experiência artística e o que nos dava prazer, tentava resgatar sentimentos e paixões pela arte, pela cor e pela forma para contribuir com o mundo e com a arte. Buscava despertar o nosso melhor”.

Amanda- Como conheceu a Nena? Qual curso e disciplina fazia?

Luciana Fagundes- Eu era da licenciatura de Artes Plásticas com ênfase em escultura da turma de 1991. Cursei a disciplina com ela de Fundamentos da Linguagem nos últimos semestres do curso, pois na época não seguia certinho o cronograma curricular, mas não lembro de ter visto a Nena pela UNB, acredito que estava viajando. Tive proximidade com a Nena através das aulas e da minha irmã Isabella Fagundes (Belinha) que frequentava a casa deles.

Amanda- Como eram as aulas da Nena? Lembra de alguma especial?

Luciana Fagundes- Ela sempre nos incentivava a trabalhar a nossa experiência artística e o que nos dava prazer, tentava resgatar sentimentos e paixões pela arte, pela cor e pela forma para contribuir com o mundo e com a arte. Buscava despertar o nosso melhor.

Quando entrei na UNB eles estavam muito focados na arte conceitual e não era isso que queria, gostava de animação, stop motion, cenários, etc. Não me encaixava ali, e a Nena valorizava o resgate do ser humano de forma geral. Ela passava filmes do Victor.

Compartilhava as experiências dela na França na instituição que ajudava refugiados, tinha um olhar muito humano, muito doce, não era aquele professor que impunha o conhecimento, ela deixava tudo aberto.

As avaliações eram feitas por seminários, lembro de certa vez ir até as embaixadas atrás de animações experimentais para a apresentação. Lembro de um trabalho que era para falarmos sobre as cores e as relações entre elas. As aulas eram sempre voltadas para buscar o seu olhar sobre a arte, a estética, o objeto, a cor, sobre o traço. Como a artista que você deve ser.

Ela nos ajudava a descobrir o artista que queríamos ser. Diferente de outros professores que eram mais críticos e julgavam os trabalhos dos alunos, dizia “se você gosta, vai atrás”. Era muito bom, você se sentia valorizado apesar da pouca idade, na época. Eu por exemplo não havia amadurecido suficientemente ainda para estudar filosofia da estética e Walter Benjamin com 17 anos, recém saída do segundo grau que não tinha Filosofia e Sociologia na escola.

Lembro dela analisar um filme nas aulas que me impactou bastante: Powaqqatsi - A Vida em Transformação (1988) e koyaanisqatsi- Uma vida fora de equilíbrio (1982) fazia parte de uma trilogia que ainda estavam produzindo o terceiro. Maravilhosos! O trabalho me marcou muito. Acho que ela passou também a Ilha das Flores (1989).

Amanda- Ela compartilhou os trabalhos artísticos dela com você?

Luciana Fagundes- Não conheci as obras de arte da Nena, ela não apresentou nas aulas e na época não teve exposição. Eu achava que a Nena era produtora, ela fazia roteiro, fotografia, ela acompanhava as filmagens, as produções cinematográficas, divulgação, relações públicas, gráfica, etc.

Quando a conheci, ela estava muito envolvida na produção dos livros, filmes e vídeos do Victor. Ela não falava que era produtora, mas tudo indicava que sim. Acho que ela fez esse papel total de produção. Todo esse arcabouço de imagens a contatos... Chegava na

casa dela tinha pilhas de livros do Victor, cartazes, ela participava dos lançamentos. Não sei até que ponto ela participava na edição, do texto, das imagens.

Amanda- Como a Nena influenciou sua carreira artística?

Luciana Fagundes- Essa coisa do olhar. Para você mesmo. O que te emociona, o que dá prazer independente do que as pessoas querem que você faça, o que está na moda. Um olhar para dentro, ligado ao mundo, mas o seu olhar para o mundo. Esquecer essas pressões externas de venda, para não perder sua essência.

Amanda- Vocês conversavam sobre outros assuntos fora das aulas?

Luciana Fagundes- Lembro de uma vez que havia passado um tempo fora, estava voltando do Canadá e ela me chamou para fazer ilustrações para um livro infantil do Victor. Fiz os bonecos a partir de alguns desenhos, depois ele foi fotografado. E ela direcionou as fotos. Mas o projeto não foi para frente e logo em seguida ela acabou falecendo.

Ela foi para a Grécia e para Itália. A Nena dizia “não vou ficar me restringindo, gosto de vinho, gosto de comer bem, vou fazer essa viagem e vou tomar vinho” (risadas). Logo depois ela voltou, começou a ter uma crise atrás da outra e acabou falecendo.

Ela vivia intensamente e era uma grande companheira para o Victor. Também falava muito sobre a Juliana e do que ela estava vivendo na época.

Amanda- Como você e seus colegas enxergavam a Nena?

Luciana Fagundes- Todo mundo gostava dela, era uma professora amável. Tinha uma perspectiva de tentar resgatar esse olhar mais apaixonado pela arte. Se houvesse um olhar crítico seria para ajudar e não para desmontar. A Nena poderia fazer uma crítica mas sempre te dava uma saída, ou várias. O que ela buscava era extrair o melhor da pessoa e potencializar.

Amanda- Lembra quais eram os professores que eram mais próximos da Nena?

Luciana Fagundes- Acho que a Lygia Saboia e a Marília Rodrigues (gravura) eram mais próximas da Nena. Mas também tinha Mario Bonomo (história da arte), Stella Maris (gravura), Orlando Luiz (geometria) e Silvio Zamboni.

ENTREVISTA COM LUCIANA MESQUITA

Data: 20/03/2023

“Eu sinto imensa falta desse espírito colaborativo não só nas artes, no mundo, em tudo o que faço. Ela sabia a alegria, a dádiva, a essência de ter um espírito colaborativo, e isso ninguém tem hoje”.

Amanda- Como e quando conheceu a Nena?

Luciana Mesquita- Estou muito feliz de falar sobre a Nena. A Nena era um serzinho muito especial, de outro mundo. Lembro muito das mãos dela, com esmalte de cor de rosa clarinho, mãos muito suaves, e ela era toda suave. Um encanto de pessoa.

A Nena foi minha professora no Instituto de Arte da UNB. Fiquei procurando ontem até tarde da noite os textos que ela nos dava que eram fascinantes, um dos textos que ela gostava demais, um livro na verdade que se chama “ O papalagi”, que são diferentes depoimentos de indígenas da Samoa, é um olhar indígena sobre o homem europeu. Ela gostava demais desses textos e eu também fiquei fascinada.

Outro texto também que ela nos levou foi da professora Elisa Maria Cabral da Universidade Federal da Paraíba, essa professora tem uma pesquisa sobre os Fractais-estação Ciência, acervo do CPCE/UNB partindo da noção do caos, ela estudou toda teoria do caos, e criou esse vídeo. Ela gravou imagens e compôs esse vídeo que, se não me engano, foi editado aqui no CPCE que hoje é a TV UNB, e se não me engano quem editou esse vídeo foi o Armando Bulcão junto com a Nena. Eram todos amigos nessa época.

Ontem procurando as coisas da Nena encontrei esse texto: “O caos e o rompimento das barreiras do conhecimento” da professora Elisa. É realmente fascinante. Hoje entendo, as aulas dela eram fascinantes e abria nossa cabeça, ela era uma grande educadora, e uma artista também, um tanto eclipsada. Ela tinha diabetes e era mulher do Victor Leonardi, que era o grande historiador na época e estava fazendo história, fazendo filmes, então ela se dedicava muito a ele, as histórias dele, os amigos dele.

Mas ela era uma grande artista e uma belíssima educadora, ela abria nossa cabeça para além das fronteiras do conhecimento, ela fazia a gente questionar a ciência, e nos colocava no desafio de seguirmos a nossa intuição, e isso é fascinante.

Ela trazia exemplos, e esses dois trabalhos me marcaram. No texto ela fala que: “o caos rompe as fronteiras que separam as disciplinas científicas, por ser uma ciência da natureza global dos sistemas, reuniu pensadores de campos que estavam muito separados. A quinze anos a ciência se encaminha para uma crise de especialização crescente, dramaticamente essa tendência para especialização foi revertida em virtude do caos. O caos suscita problemas que desafiam os modos de trabalhos aceitos na ciência, vale-se com muita ênfase do comportamento universal da complexidade”.

Então, ela nos trazia o assunto da complexidade e abria a nossa mente e fazia com que a gente seguisse com o coração, a nossa intuição. Isso era fascinante. Ela trazia todas as conjunções entre matéria e psíquica, trazia Jung, Capra, mandadas... Ela trabalhava de forma muito criativa.

Infelizmente durante essa disciplina, recebi uma proposta para fazer um estágio no exterior que não terminei a disciplina, mas fui até quase o fim. Tanto que foi aprovada com o número de presença, etc.

Amanda- Qual curso você fazia?

Luciana Mesquita- Eu fazia Artes Cênicas. Junto com essa teoria do caos e o trabalho da Elisa, com o vídeo sobre os fractais que era lindo, pois ela apresentava a mesma forma geométrica das folhas, das ondas, do universo, demonstrando que há um padrão. Uma forma universal das coisas em imagens. Era muito lindo.

Na sequência ela apresentou também A trilogia do Coppola: "Na língua hopi, Koyaanisqatsi significa "vida maluca, vida em turbilhão, vida fora de equilíbrio, vida se desintegrando, um estado de vida que pede uma outra maneira de se viver".[9] O filme é o primeiro da trilogia Qatsi: foi seguido por Powaqqatsi (1988) e Naqoyqatsi (2002).

A trilogia mostra diferentes aspectos das relações entre humanos, natureza e tecnologia.", para gente era fascinante que estava começando, ela abria a tampa, que nos deixasse em conexão com o universo, com nosso interior, com nossa intuição, com nossos sonhos, mais conectado com o universo, com esse grande mistério.

Fazendo essa conexão é que era fascinante o micro com o macro cosmo, e, ela fazia isso muito bem.

Então conheci a Nena assim, e depois apesar de não ter ido com a disciplina até o final nós ficamos muito amigas. Acho que ela era minha melhor amiga naquela época. Tem um outro lado do fascínio com ela, do carinho, da atenção que ela me dava. Eu contava tudo para ela, ela também contava das coisas dela. Ela falava que quando fosse casar uma coisa que não poderia esquecer é que o parceiro precisa viajar sozinho, pelo menos uma vez ao ano, e ela também precisava viajar sozinha. Então eles tinham também esse campo privado, individual de cada um.

Lembro também que era fascinante, ela tinha uma mala embaixo da cama com vários sonhos. Ela falava que quando estivesse desanimada, sem sonho, ia lá embaixo da cama e pegava a mala dela de sonhos. Eu achava essa ideia fascinante! E ela tinha mesmo fisicamente uma mala com projetos que talvez não era daquela hora, sonhos que naquela hora não dava para realizar. Então ela guardava dentro da mala. Era muito legal isso.

Amanda- Como era o trabalho artístico da Nena você chegou a ver algum trabalho pessoalmente?

Luciana Mesquita- Então, a Nena era muito discreta com o trabalho dela, e ela guardava como se fosse um segredo. Dizem que a natureza adora se esconder. Eu acho que a Nena era tão natureza, que saiu puxando os bichinhos. Ela adorava me perguntar se eu queria ser bicho de pena ou bicho sem pena (risadas). O bicho com pena era passarinho que voava, e o bicho sem pena era os mamíferos, sei lá, a onça, não sei, enfim. Era brincadeira, tinha momentos de babaquice que a gente brincava.

Então lembro sempre daquele sorriso dela, ela era uma mulher transparente com aquele rosado, muito delicada, muito sensível e uma devoção ao Victor também. Agora as obras dela, ela escondia, guardava dentro desse quarto que tinha essa mala debaixo da cama. Era um espaço privado. A gente quase não entrava lá. Acho que entrei uma vez e ela me mostrou uma obra. Mas era uma coisa secreta.

Eu acho que ela era de uma discrição total e a essência dela era para o outro, não era para ela. Ela gostava de cuidar do outro. Amava os alunos, cuidava dos alunos, não só do Victor, ela cuidava de todo mundo. E era uma coisa para o outro, ela não tinha essa coisa da competição muito comum nas artes, ela tinha um espírito colaborativo, e isso é fundamental.

Eu sinto imensa falta desse espírito colaborativo não só nas artes, no mundo, em tudo o que faço. Ela sabia a alegria, a dádiva, a essência de ter um espírito colaborativo, e

isso ninguém tem hoje. É muito raro. As pessoas estão cada vez mais individualistas, mais competitivas, mais chatas! E a Nena era o oposto disso.

Amanda- Em algum momento ela compartilhou quais eram os planos para a vida artística dela?

Luciana Mesquita- Ela me falou de alguns projetos, tem um pintor russo que ela gostava muito e tinha um projeto. Ela tinha uma fascinação por esse pintor, ele tem as cores muito vivas e trabalhava no contraste. Junto com isso tinha um caminho espiritual, ela muito atenta a essa coisa da paz, era compromissada com essas qualidades.

Nos impulsionava a fazer nossos próprios projetos, e ela era a assistente número um do Vitor, e o Vitor tinha muitos projetos. Então acho que ficava muito imbuída nos fazeres e projetos do Vitor, que estavam acontecendo.

Os dela eram projetos para acontecer e talvez nas suas entrevistas você vai encontrar outras pessoas que estejam realizando projetos que ela impulsionou, que ela inspirou. A mim ela me inspirou demais, essa questão de ligar o micro cosmo com o macro cosmo, e o meu trabalho com os arquétipos vem muito das influências dos aprendizados com a Nena.

Então acho que os projetos dela foram repartidos para serem nutridos a muitos anos depois que ela se fosse também. Eu fui nutrida, meus alunos estão sendo nutridos, então caminha a história com nossos afazeres, isso é muito importante.

Lembro muito do sorriso dela, com aqueles olhos azuis. É um anjo!

Acordei uma noite com uma voz dizendo “Lu, fui”, sonoramente. Passou meia hora, e o telefone tocou dizendo que ela havia falecido de madrugada. E ela foi lá em casa com a síntese se despedir. Ela foi voando, era bicho com pena (risadas).

Gravei um CD de poemas que se chama “Rumi Hafiz Cora” que são dois poetas persas e a Cora Coralina. Eu sou goiana e coloquei a Cora Coralina como uma raiz e eu dediquei esse CD a Nena. E minha tese de doutorado também tem agradecimentos à Nena. A minha tese foi sobre o arquétipo da mãe Deméter e a filha Perceps.

Amanda- Nena era uma professora muito envolvida com os alunos, se recorda de algum projeto que ela desenvolveu como professora de arte?

Luciana Mesquita- Lembro que ela estava muito envolvida em um projeto com esse pintor russo, mas não sei o que deu. Daquela época eu era aluna do Bacharelado, não terminei a disciplina, então não acompanhei até o final.

Esse projeto da Elisa, por exemplo, era um projeto dela também. Você poderia entrar em contato com a professora Elisa. Pois foi através de um texto batido a datilografia que foi feito um vídeo que o Armando Bulcão editou, e o Armando Bulcão era muito amigo da Nena. Ele não era amigo do Vitor Leonardi, era amigo da Nena Leonardi. O Armando foi quem fundou a UNB TV na época.

Então a Nena gostou desse texto e já inventou um projeto para a Elisa editar o vídeo dela na UNB. Entende como a Nena funcionava? Ela não era quadradinha. Ela via uma coisa, gostava e colaborava com aquela pessoa para fazer outra coisa, que trazia outras pessoas para se envolver naquele processo.

O Armando Bulcão também tem um filme "Hollywood no Cerrado", que talvez a principal idealizadora do filme era Nena Leonardi, ele é dedicado a Nena, pois a Nena contava as histórias para o Armando e ele teve a ideia de fazer o filme, que foi feito depois que a Nena faleceu.

Amanda- Quais assuntos vocês mais conversavam?

Luciana Mesquita- Como não terminei a disciplina, a gente ficou muito amiga. Eu não queria perder a Nena, e como amiga, ela era minha raiz. Vou te contar um pouquinho, na época fiz uma viagem para o Oriente. Fiz algumas disciplinas de História da Índia com Victor Leonardi, e ia muito na casa da Nena, almoçava lá pois era estudante sozinha, minha família não era de Brasília. E eles contavam as experiências dele na viagem à Índia.

Ela dizia que na Índia chega um momento que a gente tem que sair da Índia como se a gente estivesse no útero do mundo. E quando fui para lá, lembrava muito do que ela falou e queria sair. Falei com meus professores que precisava sair e fui para Bali e aconteceram coisas com substâncias que alteram o nível da consciência que me deram sem meu consentimento. Teve momentos que me questionava se estava enlouquecendo.

Quando voltei ao Brasil meus pais me levaram no psiquiatra e eu achava aquilo mais louco ainda, pois já tinha entendido o que tinha acontecido e as pessoas não.

Então vim a Brasília conversar com a Nena, contei toda história e ela falou que era bacana e eu tinha vencido uma batalha terrível, que bom que eu tinha essa consciência e ela me traz de novo o equilíbrio, a segurança e o centramento. Essa é a Nena.

Ela também jogava cartas de tarô, quando eu tinha uma questão muito específica ela jogava, mas não era uma coisa que acontecia a qualquer hora. Deve ter sido duas ou três vezes, no máximo.

Amanda- Se recorda de saírem juntas para algum evento artístico na cidade?

Luciana Mesquita- Eu ia muito na casa dela pois a casa dela já era um laboratório de cultura. Todos os cineastas iam para lá, e a gente conversava muito. Na época eu era muito amiga do maestro e músico de vanguarda Guilherme Vaz e do Sérgio Bernardes Jr. que fez roteiro de cinema com o Victor. Então era uma turma “da pesada”. Havia também os indigenistas. Aquilo era um laboratório de cultura raríssimo. Depois tinha os festivais de cinema.

Quase nos encontramos na Califórnia, o Victor foi professor em Berkeley e na época, eu estava fazendo meu mestrado na Califórnia. Não conseguimos nos encontrar, mas nós falávamos por telefone.

Aqui em Brasília o próprio laboratório era a casa dela por reunir pensadores, aquilo tudo para mim era muito fértil, muito inspirador e também escutá-la falando da Índia me motivou a ir para lá. Assisti algumas aulas com o Victor no minhocão aqui na UNB, mas aprendi mesmo era na casa deles. Aulas na sala dele, conversando, que para mim eram aulas.

Amanda- Qual era a visão que amigos e colegas de trabalho possuíam da Nena?

Luciana Mesquita- Meus colegas desta turma, era uma disciplina aberta, tinha alunos de vários cursos mas a maioria das Artes Visuais, pois ela era das Artes Visuais e eu era das Cênicas, então não me lembro de compartilhar tanto sobre a Nena com meus colegas. Mas lembro que todo mundo curti muito. Era puro engajamento.

Amanda- Você se lembra de alguma situação interessante que viveu ao lado dela?

Luciana Mesquita- A coisa da mala dos sonhos ficou para sempre. Sempre lembro. Tenho minha mala dos sonhos e inclusive levei para a sala de aula. Quando fui professora na UNB e levava minha mala com os livros, tinha até uma foto, e contava para os alunos que era

uma mala dos sonhos e aqueles livros eram ideias para gente mergulhar, dançar, como se fosse uma dança no cosmo.

ENTREVISTA COM ISABELLA FAGUNDES

Data: 03/05/2023

“Sempre lembro dela com um pequeno pedaço de papel experimentando texturas, linhas, pintando paisagens, muitas coisas abstratas, desenhando o formato do rio. Uma liberdade de experimentar... de pintar...”

Amanda- Onde você conheceu a Nena?

Isabella- Conheci a Nena através do convívio com o professor Victor, ele era meu professor no curso de História da UNB. Sempre estimulou o contato com os alunos e levava a gente para a casa dele, não tinha como não conhecer a Nena.

Fiz uma fita de música para o Victor, e a Nena gostou tanto que queria me conhecer e o Victor me levou para conhecer ela pessoalmente na casa deles. Conversamos, ela me deu um livro sobre os primeiros brasileiros que estiveram no Tibet, esse livro mudou minha vida.

A Nena sempre maravilhosa, bondosa, recebia a gente, gostava de receber os alunos do Victor e os alunos dela. A gente ia lá conversar com eles, fazia massagem na Nena, ela mostrava os projetos dela de arte, ensaios. Sempre foi cercada de muitos jovens, ela tinha as amigas dela, mas gostava muito de sair com a gente. Adorava uma aventura.

A primeira compra que ela fez na internet foi comigo, ela comprou um fogão (risadas). Ela convocava, ela cultivava isso, essa amizade com os jovens. Muito encantador! A Nena era muito mágica, bondosa, generosa com a vida e com as pessoas que estavam ao redor dela, sempre muito positiva.

Era interessante, pois ela era muito crítica, mas ao mesmo tempo muito incentivadora e inovadora de olhar afiado e preciso para olhar a vida e valorizar o trabalho das pessoas. Fomos criando uma amizade para além do Victor, ela era uma ótima mãe.

Amanda- Como foi a viagem no Amazonas pelo Rio Negro?

Isabella- Em 1996 fui morar em Manaus por intermédio do Victor e da Nena que haviam ido para lá, Victor foi vinculado ao museu amazônico com uma pesquisa nas imediações do velho Airão com ruínas da cidade, numa ocupação colonial no médio rio negro. Apareceu a oportunidade de fazer um curso em aperfeiçoamento de antropologia amazônica na universidade de lá e Victor me incentivou.

Tive oportunidade de passar mais momentos com a Nena, e fazer essa viagem pelo rio negro com eles e uma equipe de professores para visitar essa ruína. Foi incrível esse passeio. Lembro também que ela estimulava muito as crianças, os filhos dela a viajar, conhecer o novo, ela própria viajava muito, eles sempre viajavam, tinha essa vida nômade. Era um mito para gente, eles não tinham nada de casal normal.

A Nena foi muito revolucionária. Lembro dela contar que quando estava na Europa ficou tão estressada que deixou a Juliana e o Rodrigo com o Victor e deu um tempo, ela disse “Nossa Belinha, não dava conta e precisei dar um tempo”, acho que eram anos muito difíceis, mesmo o Victor sendo intelectual a condição da mulher na nossa sociedade pesa. Acho isso genial, nunca vou esquecer. A Nena era muito jovem, o corpo pode ter envelhecido, mas ela nunca envelheceu, era uma pessoa revolucionária para a época dela.

Lá em Manaus eu convivia muito com a Nena, a gente passeava, também convivia com as pessoas do museu amazônico. A cidade tinha uma vida cotidiana cultural interessante, nas praças, no porto, nas feiras de alimentos. O tempo que fiquei lá foi maior que Victor e Nena, eles voltaram para Brasília e eu continuei mais um tempo.

Amanda- Como eram as conversas sobre arte indígena com a Nena?

Isabella- O tema da minha pesquisa foi com o Feliciano Lana que é um artista do povo Desana do alto rio negro, ele desenhava os mitos de origem do povo dele numa casca tradicional tirada da floresta chamada Tururi. Conheci Feliciano que acabou sendo o foco da minha pesquisa da especialização que estava fazendo lá no museu amazônico convivendo com o Victor e a Nena.

Cheguei a pesquisar no alto rio negro em São Gabriel da Cachoeira, mas a Neninha não pode ir, mas ela sempre me estimulava. O Feliciano tinha um trabalho de narrativas gráficas que a Berta Ribeiro estimulou ele a elaborar. Fazia um diálogo intercultural entre a

linguagem indígena, se apropriando também da linguagem ocidental. Não eram desenhos abstratos, mas figurativos.

Feliciano também tinha uma coisa que a Nena gostava muito, que era uma visão mística do mundo. Os povos indígenas geralmente desenhavam para honrar os antepassados, as práticas místicas mágicas. O Feliciano, por exemplo, desenhava o mito de origem da cobra canoa.

Lembro muito da Nena sempre experimentando linguagens, pigmentos, algum suporte, sempre em busca de se conectar com o conhecimento e a linguagem. Sempre muito atenta, com um olhar rico.

Amanda- Ela chegou a produzir alguma obra? Você viu o trabalho dela?

Isabella- Sempre lembro dela com um pequeno pedaço de papel experimentando texturas, linhas, pintando paisagens, muitas coisas abstratas, desenhando o formato do rio. Uma liberdade de experimentar... de pintar...

Lembro da mãozinha dela pegando folhas, areia, passando a mão nas texturas das árvores, das edificações antigas, sentindo o vento do rio, vendo o movimento na água nos passeios de barco, ela era muito sensível.

Ficou muito forte em minha memória essa experimentação sensorial da Nena na vida e tentando expressar isso na arte dela. Em Manaus tive a oportunidade de ver essa Nena mais artista, companheira do Victor, mas, mais artista.

Amanda- Ela conversava sobre os planos para os trabalhos artísticos dela?

Isabella- A Nena estava muito preocupada com o Victor, impressionante aquele amor, ela tinha planos com ela, mas muitos planos com o Victor. Cuidar da obra do Victor. Não lembro dela falar dela, era mais preocupada com o Victor e as crianças. Acho que nesse momento ela vivia essa coisa de mãe, preocupada com os meninos que estavam terminando o ensino médio.

Lembro da casa dela que tinha o atelier, mas não preocupada em sistematizar. Não sei. Talvez seja essa condição feminina maluca que a gente vive.

Lembro dela muito preocupada com a obra do Victor. Ela fez escolhas, mas uma potência. O Victor só é o que é por ela, pelo que ela fez. E que bom que tem esse trabalho

para resgatar essa mulher, a Nena viveu muita coisa, ditadura, ser professora, se dedicar aos filhos ...

Amanda- Por qual motivo você acha que a Nena não divulgou mais a arte dela e se dedicou para esse lado de exposições como artista plástica?

Isabella- Acho que precisa de uma autopromoção, é um mundo dos egos e a Nena era zero ego. As obras dela eram tão importantes quanto as de outros artistas, mas ela não buscava essa autopromoção ou caminhos para isso.

Acho que o lugar dela nas artes era como professora, estimuladora, não que ela não merecesse, mas ela se sentia assim. Não acompanhei essa busca dela, não sei se ela buscou isso. Essa busca estava relacionada a vida do Victor como intelectual. O Victor quis isso, se envolveu com pessoas, ele é um orador nato, um professor que fala com muita propriedade, sem arrogância, consegue falar por horas sobre qualquer assunto. Só agradeço por ter conhecido ele, o que faço hoje tem a ver com a indicação dele, foi um ótimo professor.

ENTREVISTA COM ISAQUE DE CARVALHO

Data: 11/04/2023

“Sei que a pedagogia do deslumbramento de Nena Leonardi teve um êxito imenso na Universidade de Brasília, gente de vários departamentos assistiam as aulas dela, era em torno dessa proposta de pedagogia do deslumbramento era um irromper da experiência poética e numinosa que eles estavam discutindo ao longo de suas vidas”.

Amanda- Qual curso você fez na UNB e como conheceu a Nena?

Isaque- O meu contato com a Nena não foi acadêmico institucional, nunca fui aluno da Nena, mas isso não quer dizer de modo algum que não tenha sido uma interlocução e uma convivência profunda intelectual, sentimental, sensível... Nada disso! E acho que esse

efetivamente deve ser o motor daquilo que eu quero falar sobre a experiência da Grécia envolvendo o Victor, a Nena, Isaque, Fred, Adriano e eu.

O curso era: Curso de Graduação em História, eu era um menino de 19 anos, estava para completar 20 anos, deslumbrado com a universidade e o curso, claro, mais deslumbrado com alguns professores do que outros, naturalmente, e, enfatizo essa coisa do deslumbramento pois isso vai convergir ao desaguar no tema da Nena da Pedagogia do Deslumbramento, que já diz respeito a uma interlocução doméstica, digamos assim, de que a gesta e seu desenvolvimento era ali no apartamento da Colina, pelo menos em Brasília.

A gesta dessa discussão estava ali, e que se estendia não apenas para as aulas do ponto de vista institucional, UNB, mas a vida. Victor e Nena tinham a arte de receber pessoas em casa, anfitriões espetaculares. Estavam sempre rodeados, Victor era como Vinicius de Moraes, ainda é, e a Nena também. E os bares de Brasília...

Tínhamos notícia que o Victor estava em um bar tal, não tinha um bar fixo, a Nena não frequentava muito, mas de vez em quando ia. Mas ali estava a discussão poética e informal, imagino, não, estou convencido que a sua fonte, ou seu lugar íntimo era o casal Leonardi conversando em casa, criando seus filhos, seu cãozinho, tocando a vida doméstica cotidiana, portanto, sei, pois conversava com Victor e tenho lido seus livros, não só os publicados como inéditos.

A pergunta: que curso? 1991, deslumbrado com o curso de história, com o tema da temporalidade que me acompanha até hoje, ainda escrevo sobre isso.

O Victor foi um grande interlocutor, fui aluno dele pela primeira vez exatamente no primeiro semestre de 1991 na graduação de história da UNB, na disciplina de História do Brasil Colonial, não à toa fui viver em Portugal depois de algum tempo.

O modo como Victor oferecia o curso de História Colonial, que imagino, ou estou convencido, tem tudo a ver com a Pedagogia do Deslumbramento da Nena Leonardi.

E como eram esses cursos? Hoje eu penso que o Victor dava aulas de História do Brasil Colonial, já vou dizer como ele fazia, mas nas entrelinhas, como ímpeto fundante do curso, sobre o Brasil Colonial, por tanto, três séculos do descobrimento até a independência.

Deveria institucionalmente falar disso, e falava, mas como ímpeto fundante era um curso de poesia, e a poesia não se ensina, pois tu sabes mais que eu, entretanto, não se ensina do ponto de vista formal, entretanto o curso de história do Brasil 1, portanto, Brasil Colonial, depois Brasil 2 Império, depois 3 República, e por aí vai, era um curso de história do Brasil, mas era um curso de poesia, observa, Victor chegava em sala de aula com os

mapas, tímido, ele fala imenso, mas tímido quando tem que estar diante de aluno ou em uma palestra, ele começa a coçar a barba, aquela barba branca dele né?! com os mapas, com umas cópias de textos de fontes primárias de cronistas, de poetas do período colonial e literatura de viagens e dizia por quinze minutos, fazia um panorama do que estava acontecendo do ponto de vista econômico, político, social e democrático, etc.

Em seguida dizia, assim mesmo: “Hoje vem aqui falar conosco o Padre Antônio Vieira da companhia de Jesus”, tímido coçando a barba, não encarava muito as pessoas, andando de um lado para o outro e distribuía trechos dos sermões ou das cartas, e nosso trabalho era, ler aquele texto, ter uma relação íntima com eles e em seguida escrever um comentário, e assim durante um semestre.

Cada aula conforme um tema específico escolhido pelo Victor Leonardi, isso nos proporcionou um treino sobre o ofício de historiador, mas muito mais que isso, estabelecer um tipo de relação íntima com o dizer de uma outra época, sentir e escrever isso.

Eram aulas de poesia, pois a poesia é esse arrebatamento de expressão, contexto de história do Brasil, os temas estão lá, mas como ele fazia isso era deslumbrante, e óbvio Nena Leonardi.

Infelizmente não pude ser aluno da Nena Leonardi, mas conheço a Nena, conheço alunos dela, sei de quem estudou no Instituto de Arte que me falou alguma coisa assim também.

Aí está, o primeiro contato com Victor Leonardi 1991, História do Brasil Colonial, mas hoje pensando, curso de poesia, não é história da poesia, hoje até questiono se existe história da poesia ou se a poesia é a histórica, um irromper, que não tem nada haver com cronologia, com passar do tempo, etc.

Depois na sequência, fui aluno do Victor, e isso é extraordinário, enquanto outros davam história disso e daquilo outro, com seu valor obviamente, o Victor não é Doutor, mas ninguém se atrevia a ser orientador do Victor. Como orientar o Victor? Uma pessoa que tinha viajado a mais de 80 países, lê tudo (até hoje), se interessa por qualquer tema que tu fales com ele.

Se tu sentas com ele ali no Cavalcante, ali na 406 Norte (em Brasília), num bar que a gente frequentava, e começa a falar sobre o desenho da mosca que está passando, Victor te fala uma hora sobre aquilo, e dá importância ao tema. Inspira euforia, que tem haver com deslumbramento, que vamos chegar lá.

Havia os cursos regulares, mas o Victor trazia umas propostas de cursos estranhíssimas, costume dizer “Victor tú és estranhíssimo”, pois trazia umas coisas extraordinárias, por exemplo: História Antiga 3 Roma Clássica, mas ele não deu coisa nenhuma

nenhuma, o que foi História Antiga 3? História do Oriente, China, Índia e Tibet. Coisa desconcertante, pois todo mundo seguia esse padrão.

Ele tinha acabado de voltar da Índia deslumbrado com o oriente, e decidiu compartilhar com os alunos essa euforia, pois na troca poderíamos potencializar isso e produzir coisas incríveis.

No próximo semestre foi mais extraordinário e desconcertante, a história das religiões que foi Judaísmo Antigo, Cristianismo Antigo, Zoroastrismo, e a religião dos Celtas. Amanda foi extraordinário! Tão extraordinário que na última aula, ele convidou um grupo de dança Celta que havia em Brasília para ensinar os alunos do curso de história comparada das religiões a dançar a dança Celta antiga, segundo os estudos desses grupos.

Fomos para o anfiteatro, Arena, que fica entre o ICC e a Biblioteca, portanto a céu aberto, um anfiteatro em miniatura, daquilo que vi em Olímpia. Fizemos a roda e dançamos, rodopiamos, e o que era mais belo era que as pessoas que circulavam pelo campus não sabiam do que se tratava, poderia ser uma aula de artes cênicas ou de dança, se aproximavam para ver e eram tragados pela ciranda. Daqui a pouco um grupo de vinte alunos, mais os vinte dançarinos do grupo, ficou gigantesca.

Penso que, não, estou convencido que o Victor alcançou conosco o que era o objetivo do curso, que era a experiência numinosa própria da experiência religiosa. Victor não se limitava a dizer: foi assim entre os Essênios, os Zelotas, aconteceu isso nessa época...

Foi muito mais que isso, o Victor queria conosco alcançar a experiência religiosas, portanto a experiência poética, também, ele queria alcançar aquela coisa sutil. Foi um êxtase! Esse foi o terceiro curso que fiz com o Victor, na sequência, estudei história medieval 2. Completamente diferente do padrão da Europa ocidental, o Victor disse que isso poderíamos ler em qualquer livro ou mercado editorial, e a proposta foi: Bizâncio, Islã e Escandinávia.

Por tanto, vivi três anos agora na Suécia e me senti muito confortável também, por causa desse curso com o Victor sobre a Escandinávia Medieval, Viking. Depois da história da Amazônia, não fui propriamente seu aluno, mas já frequentava o círculo de amigos e sabia de tudo o que se passava no seu curso.

E isso para dizer que essa perspectiva sutil, de ensino aprendizagem, de convivência sensível com o Victor, experimentei na viagem à Grécia. Sua pergunta: qual foi o curso, comecei em 1991 e não parei mais, e não precisava mais de sala de aula, nem de registros

de aluno para estar com o Victor, em primeiro momento de intermediário era o bar ou a casa deles. Depois passei a viajar o mundo por sugestão dele e da Nena pois fizeram isso em sua vida, e já não precisava de registros de alunos, nos falávamos sempre. Com esses recursos agora, nos falamos o tempo inteiro, por isso te digo: conquistastes um grande amigo.

Amanda- Em que ano ocorreu a viagem para a Grécia e como foi o planejamento da viagem?

Isaque- Abril de 1998, o Victor se aposentou naquela altura e estava muito eufórico e contente, Victor gostava muito de dar aulas, mas gostava mais ainda de ser amigo dos alunos e falar livremente daquilo que ele queria falar e a parte burocrática da universidade não é nada a praia do Victor, ele gosta de conversar, aprender ensinar de uma forma muito sutil. Temos discutido muito sobre não método em sua obra, e que tem a ver com o que falaremos sobre a Grécia.

Então eles estavam se aposentando, e o Victor como um viajante, sempre viajando e muito interesse nas culturas, pela alteridade, pela identidade pois ele vê a si próprio como dizia o poeta de Vila do Conde, português, José Régio dizia que “o poeta fala de si, quando fala do outro, e fala do outro, quando fala de si”. E o Victor tinha essa coisa da alteridade do viajado conhecer outras culturas, mas ao saber do outro sabia de si, ou mergulhar em si como os textos biográficos dele, que está com uma série gigantesca, com 11 livros, li vários deles, que é uma espécie de biografia que evidencia essa relação de si e do outro.

Então Victor sempre viajando muito, já havia viajado algumas vezes para a Grécia ao longo das décadas. Estávamos ali em 1998, frequentando um bar chamado Que Filé, chamávamos Bar Cavalcante, que era o nome do proprietário e era de segunda a segunda, não queríamos sair de lá. Tocava samba, forró, música popular brasileira, bossa nova... e conversar com nosso Vinicius de Moraes, era uma maravilha!

E Victor um belo dia entre diversos temas que conversávamos, disse “conheci uma cidade na antiga Jônia”, portanto, uma ilha na costa da atual Turquia “e quero viver ali, já fiz amizade com algumas pessoas”, Victor onde vai faz amizade, ali nasceu Pitágoras, ele deslumbrado com isso, há muito tempo desenvolvia esse plano de viver com a Nena em Samos na Grécia.

Victor é muito simples, um caipira de Araras, interior de São Paulo, mas muito sábio, um filósofo grego, ele costuma dizer “eu sou grego, caipira e brasileiro” e acho isso mesmo,

então ele queria estar lá e disse vamos celebrar a aposentadoria na Grécia, as aulas agora são aqui no bar ou onde estivermos, deu um soco na mesa rindo e disse “Quem vai conosco?”.

Minhas pernas tremiam, todos ficamos pálidos, queríamos, mas não sabíamos se poderíamos dizer sim, sem dinheiro. Foi na época da paridade do real com dólar. Eu falei com Fred, Adriano e os outros que gostaria de ir, não poderia perder essa oportunidade. Seria o coroamento das aulas.

Até que decidimos Adriano Valente, Frederic Rego, eu e umas meninas, a Cristina, a mãe da Cristina, Victor e Nena. Para preparar a viagem frequentamos mais vezes a casa dos Leonardi, lá era festa e falávamos de tudo, sobre as viagens que eles já haviam feito.

Portanto Nena e Victor em suas conversas domésticas, falavam da relevância que ao alcançar o interlocutor de uma forma sutil e profunda, como fazer? Vamos à Grécia, mas não queremos viver como turistas, apontando locais, vamos tocar esses meninos, dar continuidade nas aulas, buscando alcançar essa coisa (Heidegger), uma Grécia profunda, do deslumbramento, da verdade, vamos buscar isso com os meninos.

Será que o professor da Grécia já foi à Grécia? Um ponto. Será que se ele foi, ele mergulhou nessa coisa da vindi, uma experiência numinosa ou poética profunda?

Era uma coisa deles, pedagogia, como ensinar, como aprender, como é que vamos fazer isso? Comecei falando das aulas de história colonial, que eram aulas de poesia, era já coisa deles discutindo temas a respeito de pedagogia. Sei que a pedagogia do deslumbramento de Nena Leonardi teve um êxito imenso na Universidade de Brasília, gente de vários departamentos assistiam as aulas dela, era em torno dessa proposta de pedagogia do deslumbramento era um irromper da experiência poética e numinosa que eles estavam discutindo ao longo de suas vidas.

E eles disseram: vamos levar esses meninos, vamos conviver com eles, mas isso será uma experiência nossa que temos discutido há décadas. Paralelo a pedagogia do deslumbramento da Nena, Victor Leonardi desenvolveu a sua prima irmã, Filosofia dos Relâmpagos com esse livro, que foi a proposta da Grécia, “Jazz em Jerusalém” um calhamaço de Victor Leonardi que foi editado 1999, mas estamos em abril de 1998 na Grécia, Victor desenvolveu a filosofia dos relâmpagos em sua obra publicada e não publicada.

E o que é essa filosofia dos relâmpagos se não o irromper dessa coisa, uma aparição, então a pedagogia do deslumbramento e a filosofia dos relâmpagos, me parecem

modos distintos de falar da mesma coisa que Victor e Nena discutiam durante toda sua vida, desde Anápolis até a Grécia.

Victor então na mesa do Cavalcante, disse “então vocês vão e quero sugerir uma coisa, não é nenhuma obrigação, quero entregar uma cópia do Jazz em Jerusalém para discutirmos lá na Grécia”, eram pastas gigantescas do livro de 600 páginas em A4, e tínhamos uma semana para ler. Lemos. Engolimos. Até hoje, a minha tese do doutoramento que escrevi em 2020 na Universidade de Lisboa, título “ Mistério, repetição e poesia de história em transitoricidade no pensamento de Teodoro de Sousa” um pensador fenomenal, seria também do Victor, mas tive que fazer recorte.

Portanto lemos os originais de Jazz em Jerusalém e seguimos viagem, Nena e Victor embarcaram uma semana antes, Adriano Valente, Fred Rego e eu, embarcamos no dia do aniversário do Fred, 15 de abril de 1998. Cruzamos o Atlântico, atravessamos a Europa e chegamos na Grécia.

Quanta emoção! Nunca havíamos saído. Não era só uma viagem para o exterior, mas experimentar, sentir o deslumbramento e o relâmpago, assim como na história do Brasil, que passamos por cartas e escritos, mas era algo muito mais sutil. Muito mais que uma viagem para jovens graduados em história na universidade.

No dia seguinte nos encontramos no aeroporto de Atenas com Victor e Nena, foi uma alegria! Nós queríamos ver Atenas, e eles pediram para esperar um pouco, estava muito trânsito. A Nena dizia com uma voz meio lenta “Meninos, não vamos ficar em Atenas hoje, deixa Atenas para o seu próprio tempo” (risos) Nena, tinha umas coisas assim.

Eles diziam: vamos primeiro para Ladreos no Sul da Ática, cidadezinha onde tinham as ruínas do Templo de Poseidon. Vamos para lá, é uma Grécia Arcaica, vamos com calma. Foram 15 dias mas com uma intensidade “Leonardiana”, então chegamos e fomos jantar à beira do mar Egeu, celebrar a vida e discutir Jazz em Jerusalém, Nena conhecia muito bem o livro. Jantamos e pedimos um kilo de vinho, uma garrafa, hoje estudo grego, mas na época aprendemos as palavras com Victor, o que dizer em cada situação.

Lá pelas 22 horas da noite Victor e Nena foram deitar e disseram: “decidimos amanhã navegar pelo Egeu e passar o dia numa das ilhas da Cíclades”, uma coisa do deslumbramento e do relâmpago, que decidiam ali na hora conforme a conversa. “Então para aproveitar o dia convém dormir cedo”, mas quem disse que Fred, Adriano e eu queríamos dormir cedo? Fomos para o hotel, eles subiram para o quarto deles e nós fomos para o bar do hotel conhecer pessoas, dormimos de madrugada e 6 horas da manhã tocou o interfone no apartamento, era Victor e Nena chamando para seguirmos viagem

Chegamos lá e foi uma coisa incrível, é preciso que eu diga pois tem a ver com a Nena e sua pedagogia do deslumbramento e a filosofia dos relâmpagos que foi um episódio com um sabor de epopeia homérica, de odisseia, nós fomos até essa ilha e era festa o tempo inteiro, sentamos pedimos comida e bebidas conversando sobre os temas mais extraordinários, e chegou a hora de apanharmos o barco para o porto de Pireus.

Quando chegamos ao porto, literalmente ficamos a ver navios. Perdemos o último ferry que voltava para a península de Atenas e o próximo era só no dia seguinte, um episódio de sabor mitológico e epopeia. Fomos andar pela cidade, continuar a conversar, achar um hotel para pousar, na altura não falávamos Grego, eles não falavam inglês, Victor foi procurar de um lado com a Nena, nós fomos para outro, até que conseguimos arranjar quartos para ficar, e saímos perdidos na ilha.

Acho isso relevante, é como sair daquela coisa, experiência institucionalizada, de muitos métodos, olha só a discussão sobre não método do Victor Leonardi, deixar acontecer. Ficamos ilhados, agora estamos aqui e vamos falar, parece que saímos de tempo e espaço. Ilhados e indiferentes com relação ao tempo relógio, foi uma experiência extraordinária, em que conversamos sobre muitos temas, parece que marcamos com antecedência discutir esses temas nessa ilha pois ali era o lugar, e não fizemos nada disso.

Aí está a relação com os relâmpagos e o deslumbramento dos Leonardi que era uma coisa espontânea, como comecei a dizer: A poesia se ensina? A filosofia se ensina? Posso falar como cada filósofo numa perspectiva histórica desenvolveu seu sistema, mas isso não é filosofar, isso é falar da história da filosofia, é outra coisa. Isso se ensina? Não sei. Eu digo que não Amanda, mas olha essa experiência? A menos que eu diga que isso não é um processo aprendizagem, então tudo bem não se ensina, aquilo que aconteceu na ilha de Quer, ou da dança celta do teatro de Arena na UNB, agora se eu entender que isso é ensino aprendizagem aí já não sei, então já penso que sim. Possa haver uma relação de ensino aprendizagem da poesia, experiência poética não é também da mesma sorte, uma história da poesia, o que cada poeta disse em cada época, ou análise dos versos, é uma coisa muito mais sutil por isso o deslumbramento da Nena, ela atraia os seus alunos, sei disso em conversa com ela e com o Victor, conversando com os seus alunos, dando a palavra a seus alunos, buscava conduzir ou sugerir ao aluno que tivesse essa metanóia, esse deixar vir coisa, mais profunda, por exemplo, a partir da reflexão do significado do nome da pessoa "Tu saber o significado do seu nome?" Por exemplo, o meu Isaque a quem Deus sorri, como é que é isso? Onde é que surgiu isso? E ela ia enfeitando o aluno, era

uma aula de poesia, fundamentalmente. Poesia se ensina? Não sei dizer. Isso vai dizer a sua tese.

Então isso aconteceu e foi o segundo dia, então chegamos no final da tarde, a Nena acabava cedo e ia para o hotel. Combinamos de tomar café no hotel e era a Nena que abria o mapa e dizia “Meninos, hoje nós vamos para Dórios, vamos passar por aqui e por ali” Victor concordava.

Nena sempre com uma câmera fotográfica, me lembro que ela gostava de fotografar as flores pequeninas que saiam de pedras, um lugar improvável, e ela gostava de fotografar. Acho que isso também tem a ver com A Coisa, imagina que de pedra sai uma coisa improvável, é como do aluno com sua carapaça de personalidade, de sociedade, de condição econômica, política, cultural e de língua sair aquela coisa que ele é e que ele não tem. Filosofia.

Foram 15 dias, a Nena além de uma grande amiga, uma grande orientadora, comandante das nossas viagens, que era quem ficava mais equilibrada, mais sóbria (risos), mais cuidada. Ela era uma espécie de mãe também. Cuidava de todos nós, dizia “vocês chegaram muito tarde ontem e não dá para gente aproveitar tanto, pode continuar, mas maneira”, ela tinha um cuidado muito especial.

Depois de uma semana ou mais nos separamos, eles queriam seguir para a Ásia menor e Adriano, Fred e eu por orientação deles apanhamos um barco e descemos para a ilha de Creta. Fomos a Heraklion, visitamos o palácio de Knossos do mito do minotauro, e a partir dali já não nos encontramos e isso também foi muito importante. Assinalei isso na minha tese de doutoramento, nos formou desde 1991, chegou a esse ápice e disseram “Meninos, agora vocês vão apanhar um barco e seguir para o desconhecido sozinhos” (narração imitando a voz da Nena).

E fomos para onde? Para Creta, o encontro entre o ocidente e o oriente da antiguidade. Espetacular! Experimentei de uma forma especial intimamente, com muita alegria, in loco, in anima, no lugar e na alma a pedagogia do deslumbramento e filosofia dos relâmpagos.

Voltei dessa viagem transfigurado, e a partir daí, formado desse modo pelos Leonardi, fui para Lisboa, Portugal, escrevi uma tese de mestrado sobre a liberdade, viajei Portugal inteiro, conheci bem a cultura portuguesa, literatura, história, cinema, filosofia, culinária, comportamento, etc.

Escrevi um livro, publiquei um livro com prefácio do Victor e voltei para o Brasil, depois voltei para Portugal para fazer a tese de doutoramento que foi o desenvolvimento

disso tudo. Chegou o momento mais maduro e escrevi a tese de doutorado no pensamento de Teodoro de Sousa por uma conveniência da academia, para fazer recortes. Minha ideia era falar sobre esse tema utilizando quatro autores, um deles era Victor Leonardi, mas aí iria ficar uma tese de quase 500 páginas de um autor, iria dar 2000 páginas, isso não existe, cada vez as teses são menores. Mas disse a Victor que é uma formalidade pois é uma tese "Jazz em Jerusalém", é uma tese em filosofia dos relâmpagos e agora te digo também é uma tese em pedagogia do deslumbramento.

Amanda- Pode falar um pouco sobre os roteiros que fizeram na viagem?

Isaque- Tem uma cidade que a Nena foi fundamental, que é Elêusis que fica próximo de Atenas, que na antiguidade celebravam o mistério de Elêusis, uma parte era aberta ao público e a discussão é sobre a experiência da morte em vida.

Chegando lá foi muito bonito, pois a Nena começou a brincar conosco dizendo "estejam atentos, sensíveis pois durante a nossa viagem os mistérios vão se manifestar", um aspecto lúdico da viagem. Me lembro que bebi um vinho branco, caseiro e no fundo do copo tinha escrito alguma coisa em grego e tenho impressão que era liberdade, comentei olha aqui e a Nena dizia então esse é um dos mistérios, um irromper, isso sugeria a ideia do mistério.

Fomos colecionando mistérios, mas viajamos para outros lugares, fomos para Olímpia, Negara, Esparta, Elêusis, Micenas, e brincávamos. Por exemplo em Micenas onde foi enterrado Agamenon da Eliade. Tinham umas crianças alemãs e alguém disse "Eu sou Agamenon" e elas saíram correndo e todos riram, Nena, Victor, um aspecto lúdico da viagem.

Depois eles seguiram viagem para a Ásia menor, e nós fomos para ilha de Creta, Heráclito, ruínas, etc. Foi especial, no final dos anos 70 tinha um programa baseado na literatura de Monteiro Lobato, Picapau Amarelo, havia algumas interpretações de histórias clássicas, e tinha a Dona Benta que contava histórias para os meninos, enquanto ela contava os meninos eram arrebatados para o lugar de cenário da história, e um deles foi o minotauro, que é exatamente na ilha de Creta.

Quando chegamos lá ficamos emocionados, Adriano, Fred e eu depois fomos discutir num bar, o Adriano começou a chorar dizendo que assistia quando era criança na televisão preto e branco, e foi uma comoção, os donos do bar assistiram aquilo assustados, vieram sentaram conosco, comemos, bebemos, falamos de futebol, sem falar grego ou

inglês. No final fomos pagar, “free”, havíamos comido como reis, questionamos e eles disseram que não precisava pagar, ficaram comovidos com nossa emoção. Isso também era deslumbramento e relâmpago, era vivência.

Não conseguimos nos comunicar e pensamos como iríamos achar onde nos hospedar, um cão Amanda, foi nos guiando, aparecia e desaparecia até que chegamos em frente ao hotel. Foi uma viagem extraordinária! Aprendemos imenso!

Universalidade, lembro de Victor e Nena questionando o que era universidade, reclamavam e faziam muita crítica sobre a compartimentação do conhecimento e também outra palavra que aprendi com eles proselitismo, temos que formar na universidade pensadores, que deixasse vir e não prosélitos, seguidores de professores ou doutores.

Amanda- O que percebeu da ligação artística que ela estabelece com a arte grega? Vocês visitaram algum museu em especial juntos?

Isaque- Museu de Arte é um pouco difícil dizer, vou pensar como MUSEU, sem especificar de que. Fomos há algum sim, Nena e Victor professores universitários conheciam do ponto de vista livresco, bibliográfico, mas também em loco, passaram a vida viajando, com eles aprendi algo da máxima relevância na minha vida intelectual que foi a articulação de um tripé que era: leitura, viagem e escrita.

Tenho feito isso por onde ando, Grécia, Portugal, Estados Unidos, África, Marrocos, Palestina e por aí vai. Ler, viajar e escrever. Nena e Victor Leonardi já faziam isso antes de eu nascer, no ano que nasci o Victor estava na China, extremo oriente, a partir da França como estudante pesquisador de um instituto francês, já tinha saído do Brasil, passado pela América Latina, América Central, França, Alemanha e no ano que nasci em 1971 ele estava na China.

Isso para dizer que eles realizavam esse tripé que ensinam, de modo que na Grécia isso foi experimentado de uma forma profunda. Lendo livros que Victor escreveu está lá que ele estava em viagem com sua esposa e alunos, que somos nós Adriano, Fred e eu. Ele estava fazendo isso e eu não menos na minha maneira com 27 anos. Eles sabiam para onde ir, o que fazer, como organizar a viagem.

Por outro lado viajar à deriva como diz a poesia, Victor tem um livro com esse título, que fala da arte de viajar à deriva e deixar-se, mas é um deixar-se que precede uma preparação de vida, de leitura, de escrita, de pesquisa, deixar-se mas sabendo que vou encontrar coisas significativas pois estudei, escrevi, etc.

Então Victor e Nena conhecendo tudo isso, arqueologia, história, arte, literatura, poesia, etc. Eles nos conduziam e levavam aos museus institucionalmente estabelecidos, mas caminhando pela própria cidade que é um museu a céu aberto, por onde andamos temos ruínas, edificações, elementos que nos provocam alguma experiência de introspecção e dialogia profunda.

O tempo inteiro caminhando pela rua tendo essa experiência de museu a céu aberto, de uma história multissecular e também visitamos museus para ver a estatuária, artefatos, ruínas, colunas, frônquifissios, essas coisas todas. Além de estarmos descontraídos falando de coisas cotidianas, rindo muito e fazendo piada, simultaneamente falando sobre o Jazz em Jerusalém, um livro que o Victor escreveu, ainda era inédito e seria publicado logo em seguida, e discutindo ideias e os ímpetus do que chamei de filosofia dos relâmpagos do Victor Leonardi, e da pedagogia do deslumbramento da Nena Leonardi, e obviamente essa experiência nos museus influenciava a nossa e dos mestres no sentido de alimentar o que eles já pensaram, escreveram ou produziam como arte, poesia, historiografia, e por outro lado o que eles já haviam estudado, experimentado orientamos naquela experiência a céu aberto.

Lembro do museu de Atenas que deixamos por último, como sabes a visita a museu não pode ser feita em um dia, uma hora, temos que passar a vida visitando aquele mesmo museu, então deixamos por último, para não estar com pressa e aproveitar. Mas já iríamos nos separar na viagem, Victor, Nena, Cristina e outras amigas seguiram para a Turquia.

Seguindo na viagem frequentar os restaurantes era sempre festa, ali que acontecia uma coisa fenomenal, conversamos sobre todos os lugares que passamos. Foram vários museus, Olímpia, Epidauros, Eleuses, Nicenas, Corintos, isso alimentou a sensibilidade prévia da Nena e nossa como discípulos.

Para responder a questão da ligação artística da Nena é preciso falar sobre a poesia, como aquilo que faz da obra de arte uma obra de arte, em seus vários gêneros música, pintura, escultura, dança, etc. Todas comungam como expressão e, se eu digo que elas são expressão, elas só podem ser expressão de algo e o que é esse algo? Aquilo que faz da obra de arte uma obra de arte, e me permite dizer “isso é uma obra de arte” e se a Nena era uma artista, então o que faz da Nena uma artista? É a mesma pergunta sobre o que faz daquele drama encenado uma obra de arte? Essa é uma pergunta fundamental a se pensar no seu trabalho.

Há um filósofo sobre quem escrevi, exatamente nesses termos a poesia é aquilo que faz da obra de arte uma obra de arte, ou de outro modo ele pensa essa poesia como “sentir

excessivamente a suma excessividade” ou seja, aquele ímpeto arrebatador. Nesse sentido estou convencido pensando na poesia como fundamento daquilo que possa ser chamado de arte e experimentado como arte.

Penso que aquela viagem à Grécia precedida por tantas outras viagens à Grécia que eu não fui, mas que eles já tinham feito, foi fundamental para alimentar o ímpeto poético da Nena Leonardi. Nesse sentido reconheço que minha resposta é filosófica, aliás a minha fala toda não pode deixar de ser uma perspectiva filosófica, então desde essa perspectiva filosófica que é pensar uma obra de arte, a poesia, não estou falando das obras de arte produzidas pela Nena, pois não lembro ter visto, o que vi, ouvi e experimentei foi a artista Nena Leonardi na convivência.

Um artista que vou chamar de poeta, como falei “sentir excessivamente a suma excessividade” ou “aquilo que faz da obra de arte uma obra de arte”, nesse sentido a poeta ou poetisa Nena Leonardi, não é de segundas, quartas e sextas das 10h ao 12h poeta e os outros dias não, ela é poeta integralmente. No modo como lida com a Juliana e o Kiko (Rodrigo), no modo como cozinha para a família, no modo como fala com o vizinho. Um poeta quando é poeta, se é poeta, é poeta por inteiro. Ou se preferir no termo artista, não é artista só por pintar um quadro, ou fez uma escultura, ou escreveu uma crítica de cinema, do contrário ele fez a obra de arte por ser poeta, não é poeta por fazer obra de arte. Assim o entendo.

Nesse sentido, entendo que a viagem à Grécia, inflamou a fogueira poética que era ou que é, pensando na imortalidade da alma, pensando no Platão agora. Alimentou a fogueira poética da Nena Leonardi ou a poesia que era a Nena Leonardi, assim como Victor Leonardi.

Esse foi o ensinamento deles, sem assinalar isso para nós meninos, eles simplesmente eram e nos contaminavam com o modo de ser deles e isso tem haver como a filosofia dos relâmpagos e a pedagogia do desdobramento. Éramos tragados pelo vórtice poético deles, é óbvio que a nossa convivência alimentou de algum modo a poesia que eles são.

Tentando dizer nos modos da sua pergunta, entendo que a experiência na Grécia alimentou o ímpeto artístico de Nena Leonardi, alimentou o ímpeto artístico, histórico e filosófico de Victor Leonardi. Estou convencido disso.

Amanda- A Nena falava sobre o trabalho artístico dela? Você chegou a ver alguma obra?

Isaque- Não cheguei a ver nenhuma obra, mas com a ocasião dessa pergunta é propício falar da lupa da Nena.

Não vi nenhuma pintura, mas vi a artista no seu desempenho natural, cotidiano e também mais focado na produção artística da Nena, tinha notícia da produção dela através do Victor Leonardi. E muitas vezes nos livros de Victor, “Jazz em Jerusalém”, no livro primo/irmão “Vinho, a vida e o tempo” que é inédito que ele fala muito da obra da Nena, da pedagogia da Nena, e quando sentávamos para conversar naqueles banquetes magníficos, nessas ocasiões o Victor falava dentre outras coisas das obras de Nena Leonardi e foi em uma dessas ocasiões, na ilha de Kerr que ficamos perdidos e perdemos o navio.

O Victor falou sobre uma ocasião que Nena adoeceu e ficou acamada, mas não queria parar de produzir, então adaptaram a cama de modo que a Nena pudesse estar inclinada fazendo suas experiências e seus trabalhos. Nessa ocasião Victor me disse que ela estava desenvolvendo algo que não gostaria de chamar de técnica, se não vamos entrar na techne e não é o caso agora.

Começou a desenvolver uma prática, um ímpeto, que era observar o microcosmo dos objetos através de uma lupa, o que ela ia descobrindo para si, formas que lhe pareciam muito relevantes para seu trabalho, para sua sensibilidade de poeta, de artista. Lembro de alguns objetos que Victor falou, mas um deles chamou me muita atenção, que foi uma fatia de melancia.

Tenta imaginar Amanda, a sequência de cinema. A Nena ao comer a melancia ia observar as formas, inclusive as abocanhadas conjugado com seu interesse do macrocosmo, entre o macro e o micro para tentar pensar e sentir sua poesia, e isso sim me lembro bem. Mas não cheguei a ver obras da Nena, ainda que tenha frequentado a casa deles.

Amanda- Na volta a Brasília frequentou a casa deles ou foram a locais artísticos juntos?

Isaque- Sim, mas naquele sentido mais amplo, arte e poesia, por exemplo frequentamos o restaurante Que Filé que chamamos de Bar do Cavalcanti e ali era o happiness poético, como já te falei entorno do nosso Vinicius de Moraes se juntava, poetas, cientistas, físicos, biólogos, linguistas, mas também trabalhador, mecânico. Dali saiu a viagem à Grécia, dali realizamos um documentário Fred, Victor, eu e Nelson Araújo que chama “Brasileiros em Nova Iorque”, sobre imigração de brasileiros.

Ali por exemplo foi articulado o projeto “Missão Alessandro pós Rumbaut”, e quando você pergunta nesse sentido mais amplo frequentava, no sentido mais estrito, Victor fazia cinema e os filmes dele abriam eventos, me lembro que “um atlântico negro na volta dos orixás” com pesquisa, roteiro e direção de entrevistas do Victor, etc. abriu o Festival de Cinema de Brasília Nacional conhecidíssimo. Lá ia o casal Leonardi, exibia o filme Victor falava umas coisas, além disso não fui.

Victor estava fazendo um filme “Gabriel Malagrida, dramaturgo brasileiro” um jesuíta italiano que veio para o Brasil no século 18 e andava pelos sertões do Brasil fazendo milagre e fundou uma irmandade que existe até hoje, a irmandade da boa morte, e Victor pesquisou isso com o Renato Barbieri. Então Victor foi fazer as captações em Portugal e aconteceu algo extraordinário que marcou minha vida.

Victor quando esteve em Lisboa, era convidado através dos contatos do Fabiano Melo que já estava lá há um ano e meio para jantares e saraus de intelectuais, artistas e poetas portugueses. Numa noite eles estavam no jantar e alguém pediu para fazer leitura de um texto e no final do texto a pessoa que estava lendo disse Isaque de Carvalho, eu trocava correspondência com Fabiano Melo desde que ele saiu de Brasília e foi para Portugal.

Victor depois disse que me conhecia e Paulo Borges disse que gostaria de conversar sobre mim, e acharam por bem que eu deveria ir para lá fazer mestrado sob orientação de Paulo Borges.

Quando Victor voltou com a Nena, nós do bar Cavalcanti fomos receber ele no aeroporto, e naquele momento mesmo Victor me chamou e disse que gostaria de falar uma coisa importante. Chegando no bar do Cavalcanti ele disse que eu deveria ir para Portugal fazer a tese de mestrado.

Isso para dizer que houve essa continuidade ainda mais próxima, continuamos a produzir. Depois fui convidado para ir a um jantar na casa dos Leonardi por ocasião dessa viagem e serviram um jantar português, e isso me encaminhou a Portugal.

Amanda- Como ficou sabendo do falecimento da Nena?

Isaque: Era verão em Portugal, na ocasião eu morava com uma cantora portuguesa, numa mansarda. Todo ano há a festa da cerveja, voltei para casa da universidade e quando cheguei observei que havia correspondência e tive notícia do óbito da Nena. Aquilo me impactou, Nena era uma querida amiga, companheira de viagem, professora, poetisa. Vi o

pôr do sol do alto das muralhas de São Jorge, foi um pôr do sol paradoxalmente lindo e dorido uma grande amiga tinha ido para o outro lado do horizonte. Depois bebi minha cerveja, era uma festa popular portuguesa, experimentei aquela tarde e aquela noite de uma forma especial, pois Nena Leonardi em Brasília tinha seguido seu caminho para além do horizonte.

Há uma coisa que tu não me perguntaste mas que vou dizer mesmo assim, sobre a sensibilidade místico poética da Nena, para mim da maior relevância.

Conversava com ela e sabia do Victor do interesse dela pela experiência mística, não do misticismo de seitas, não, pela experiência mística.

Tentei aqui enfatizar sobre a experiência numinosa da dança celta no espaço de arena, então sobre isso que estou falando agora sobre o interesse da Nena pelo arrebatamento místico, ela lia tudo sobre isso e nos falava.

Depois Victor falou sobre como eles faziam experiências sobre parapsicologia na América Central, mas acho que Victor fala melhor sobre isso. Mas acho que isso é relevante para pensar a experiência poética ou poesia que faz Nena uma artista, no meu ponto de vista, que é a experiência mística. Experiência místico poética, pois estou convencido que a demanda da Nena produzindo arte, estudando e viajando era além de outras coisas essa experiência, e acho que passa por aí dizer que a Nena foi uma artista ou não.

A Nena leu tudo de Carl Gustav Jung, me lembro que eu a partir de 1994 descobri o doutor Sigmund Freud e eu li não a obra clínica, mas a chamada obra humanística filosófica toda.

No meu diálogo com o Victor, mas poderia muito bem ser com a Nena, Victor estou elaborando meu projeto de mestrado e queria conversar contigo, fui lá pela manhã, depois do diálogo ele disse "Conheces Carl Gustav Jung? Apanha na biblioteca o livro "Memórias, sonhos e reflexões"". E a partir daquilo ali foi uma virada no meu pensamento.

Isso para dizer que a Nena estava estudando há décadas Jung e outros que têm interesse pela experiência mística. Acho que pode ser uma coisa fecunda na sua reflexão.

ANEXO I - OBRAS DE NENA LEONARDI**Obra 1**

Obra 2



Obra 3



Obra 4



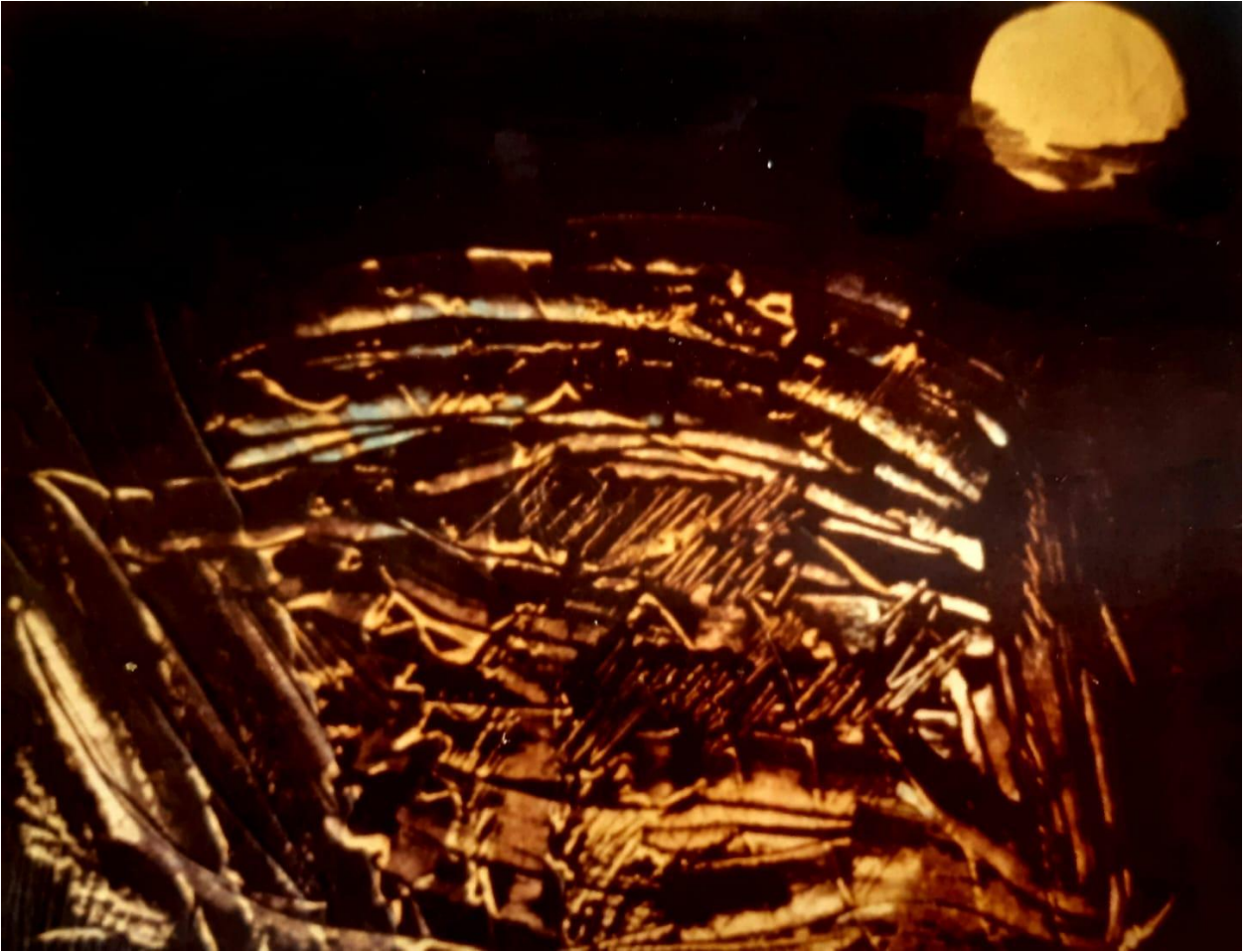
Obra 5



Obra 6



Obra 7



Obra 8



Obra 9



Obra 10



Obra 11



Obra 12



Obra 13



Obra 14



Obra 15



Obra 16



Obra 17



Obra 18



Obra 19



Obra 20



Obra 21



Obra 22



Obra 23



ANEXO II - FOTOGRAFIAS



Anápolis, 1942, Nena Leonardi



Anápolis, 1943, Nena com pai Nivaldo e mãe Néscia.



Anápolis, Nena



Anápolis, Nena



Anápolis, Nena.



São Paulo, 1961, Nena.



Goiânia, 1964, Formatura.



Goiânia, 1964, Formatura. Mãe Néscia, Nena, Pai Nivaldo e irmã Héliida.



Anápolis, Nena.



Anápolis, Nena.



Anápolis, março 1967, casamento Victor e Nena.



Viagem de navio entre a Venezuela e a República Dominicana em 1967.



Paris, 1968, Nena Leonardi.



Sucy-en-Brie, França, 1969, Nena e Victor.



Sucy-en-Brie, França, 1969, casa de Victor e Nena do lado direito.



Sucy-en-Brie, França, 1970, Nena e Victor.



Verbier, Suíça 1972, Nena.



Paris, 1973, Nena e Victor.



João Pessoa, 1982, no atelier do NAC pintando o painel de 27 metros quadrados para exposição em Recife.



João Pessoa, 1982, no atelier do NAC pintando o painel de 27 metros quadrados para exposição em Recife.



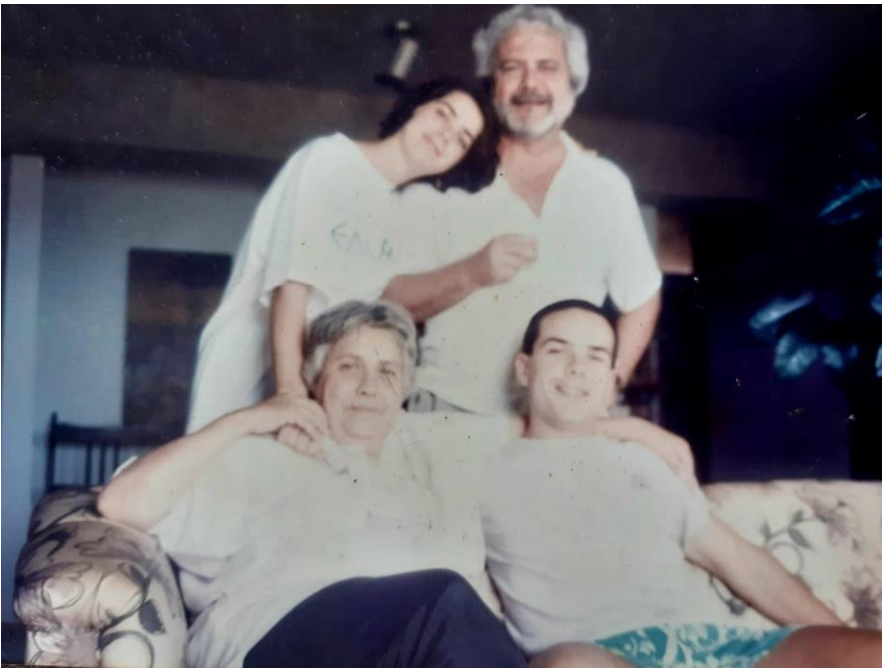
Espanha, Benalmadena Pueblo, 1986, Nena.



Rua do Pueblo, Benalmadena, 1986



Espanha, 1986, Victor e Nena.



Brasília, 1993, Apartamento da Colina, Juliana, Victor, Nena e Rodrigo.



Grécia, 1994, Victor e Nena.



Grécia, 1994, Nena.



Manaus, 1996, Nena.



Viena, Áustria, 1996, Victor, Nena e amigos.



Brasília, 1996, Nena, Juliana e Victor.



Grécia, abril 1998, Nena e Isaque de Carvalho.



Grécia, abril 1998, Isaque de Carvalho, Nena e Victor.



Anápolis, Goiás, Juliana, Marina, Nena e a mãe Néscia.



Calif3rnia, Berkeley, EUA, 2001. Nena com professoras norte-americanas.



EUA, 2001, Nena.



Brasília, 2001, Victor e Nena.



Nena em Brasília.



Itália, 2001, Nena